

**LUCIANO APARECIDO VICENTE**

**O DISCURSO DA AUTOAJUDA PRESENTE NA EDUCAÇÃO: uma  
leitura a partir da biopolítica foucaultiana**

**PRESIDENTE PRUDENTE**

**LUCIANO APARECIDO VICENTE**

**O DISCURSO DA AUTOAJUDA PRESENTE NA EDUCAÇÃO: uma  
leitura a partir da biopolítica foucaultiana**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FCT- UNESP, campus de Presidente Prudente, como requisito para obtenção do Título de Mestre, linha de pesquisa Desenvolvimento Humano, Diferença e Valores, sob orientação do Prof. Dr. Divino José da Silva.

V632d            Vicente, Luciano Aparecido  
                  O DISCURSO DA AUTOAJUDA PRESENTE NA  
                  EDUCAÇÃO : uma leitura a partir da biopolítica foucaultiana /  
                  Luciano Aparecido Vicente. -- Presidente Prudente, 2018  
                  98 p.

                  Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista  
                  (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente  
                  Prudente  
                  Orientador: Divino José da Silva

                  1. Educação. 2. Autoajuda. 3. Biopolítica. 4. Neoliberalismo.  
                  5. Empreendedorismo. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da  
Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo  
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

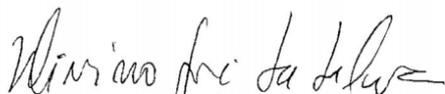
**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

**TÍTULO DA DISSERTAÇÃO:** O DISCURSO DA AUTOAJUDA PRESENTE NA EDUCAÇÃO: Uma leitura a partir da Biopolítica foucaultiana.

**AUTOR: LUCIANO APARECIDO VICENTE**

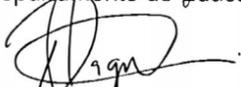
**ORIENTADOR: DIVINO JOSÉ DA SILVA**

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:



Prof. Dr. DIVINO JOSÉ DA SILVA

Departamento de Educação / Unesp/FCT - Presidente Prudente/SP



Prof. Dr. PEDRO ANGELO PAGNI

Departamento de Administração e Supervisão Escolar e Programa de Pós-Graduação em Educação / Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília



Prof. Dr. RODRIGO BARBOSA LOPES

Departamento de Educação e Programa de Pós-graduação em Educação / Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP/Câmpus de Presidente Prudente

Presidente Prudente, 25 de março de 2019

*Aos meus pais, Paulo e Isabel,*

*Aqueles que, desde sempre, foram os meus primeiros mestres na arte de educar e me conduzir aos caminhos do conhecimento, me ensinando que, mesmo que eu saiba de tudo, sem amor eu não sou nada. Minha eterna gratidão por tudo que fizeram e fazem por mim!*

## AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus, pelo dom da minha vida e por tudo o que Ele fez e faz em minha existência. Sou o que sou pela graça de Deus!

Aos meus pais, Paulo e Isabel, que me ensinaram que ainda que eu tivesse todo o conhecimento de todas as ciências, se não fosse para ajudar alguém ou para me tornar uma pessoa melhor, nada disso adiantaria.

Aos meus irmãos, Paulo César e Isabel Cristina, os quais, mesmo distantes, sempre procuraram estar próximos de mim.

Aos meus queridos sobrinhos José Augusto, Deise Mara, Augusto César, Vitória, Pedro Augusto, Isabela e Miguel, por ser sinal de amor e simplicidade em minha vida.

À minha noiva Juliana, por sempre acreditar em meu potencial e compreender as minhas ausências, em tempos de dedicação para a pesquisa.

Ao meu amigo e irmão Pe. Pedro Nilton Guarinão, por sempre me orientar em minhas questões existenciais, sejam pessoais, sejam profissionais.

Aos meus incontáveis colegas de profissão docente, por serem exemplos de compromisso com a educação e com a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Aos meus queridos estudantes, por me oportunizarem ótimas discussões e por me ensinarem o quanto ainda preciso construir novos conhecimentos.

Às equipes gestoras das escolas em que lecionei, durante o decorrer desta pesquisa, por compreenderem algumas das minhas ausências, reconhecendo a importância da minha formação continuada. Gratidão em especial à Escola Estadual Maria Luiza Formozinho Ribeiro e à Escola SESI Antonio Scalon – CE423, situadas na cidade de Presidente Prudente-SP.

Ao meu orientador, Divino José da Silva, por ser parceiro e amigo. Gratidão imensa pelo exemplo de pessoa e de profissional. Obrigado por todas as orientações, pois foram elas que me possibilitaram o meu amadurecimento e crescimento pessoal e acadêmico. Obrigado, de coração, por cada correção e por cada ajuda que me fizeram crescer muito ao seu lado.

Aos professores Rodrigo Barbosa Lopes e Pedro Angelo Pagni, por excelentes contribuições em meu trabalho, no processo de qualificação.

A todos os meus colegas professores, por serem agentes de transformação social, ao lutarem por uma educação de qualidade.

Por fim, a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para o meu processo formativo, pessoal e acadêmico. Com muitas pessoas, pude compreender que sempre temos algo para aprender e que o conhecimento é um movimento inacabado e encantador.

*Hoje eu gostaria de falar um pouco de um aspecto do neoliberalismo americano, a maneira como os neoliberais americanos tentam utilizar a economia de mercado para decifrar as relações não-mercantis, para decifrar fenômenos que não são fenômenos estrita e propriamente econômicos.*

(FOUCAULT, 2008, p. 329).

## **O DISCURSO DA AUTOAJUDA PRESENTE NA EDUCAÇÃO: uma leitura a partir da biopolítica foucaultiana**

### **Resumo**

Esta pesquisa tem como objetivo discutir a emergência do discurso de autoajuda dirigido à educação escolar. Referimo-nos, especificamente, a algumas obras de Augusto Cury, que serão analisadas nesta Dissertação, cujo foco se volta para professores, alunos, pais e demais profissionais da educação. Analisamos esse discurso a partir dos conceitos de biopolítica e governamentalidade de Michel Foucault, para pensar de que maneira a autoajuda se transformou, hoje, num discurso que orienta o indivíduo a se transformar em um capital humano. A discussão da biopolítica, na perspectiva neoliberal, nos possibilita compreender que esse discurso orienta o indivíduo para que ele seja capaz de fazer render o seu corpo e seu valor – *capital humano*. Dentro do contexto contemporâneo, marcado por síndromes, ansiedades e processos de adoecimentos decorrentes das exigências competitivas do capitalismo, a busca pelos discursos de autoajuda tem-se apresentado como um fenômeno contemporâneo com forte ressonância, inclusive no âmbito educacional. Identificado como um discurso imperativo e com características específicas, ele visa a orientar e a treinar a conduta dos indivíduos em consonância com os interesses do empreendedorismo neoliberal. Identificamos, nas obras de Augusto Cury, com destaque para aquelas direcionadas à educação, as características assumidas pela literatura de autoajuda, em seus aspectos mais gerais. O intuito, nesta Dissertação, é compreender e explicitar o funcionamento dos discursos de autoajuda no contexto educacional e o quanto eles se articulam a modos de governo e condução de condutas, próprios às práticas neoliberais contemporâneas. Desse modo, essa literatura configura um tipo de tecnologia que objetiva a produção do si mesmo afinado com as ideias do mercado.

**Palavras-chave:** Autoajuda. Biopolítica. Educação. Empreendedorismo.

## **THE SELF-HELP DISCOURSE PRESENT IN EDUCATION: a reading from Foucault's biopolitics**

### **Abstract**

This research aims to discuss the emergency of self-help discourse addressed to school education. We refer, specifically, to some works by Augusto Cury that will be analyzed in this dissertation, whose focus is directed to teachers, pupils, parents and other professionals of education. We analyze this discourse from Michel Foucault's biopolitics and governmentality concepts, in order to consider how self-help has turned into a discourse that leads the individual to become a human capital. The discussion of biopolitics in the neoliberal perspective allows us to understand that this discourse guides the individual so that he is able to rise his body and his value – *human capital*. Within the contemporary context, marked by syndromes, anxieties and processes of illnesses resulting from competitive demands of capitalism, the search for self-help discourses has presented itself as a contemporary phenomenon with strong resonance, even in the educational scope. Identified as an imperative discourse with specific features, it aims to guide and train the behavior of individuals in accordance with the interests of neoliberal entrepreneurship. We identified in the works of Augusto Cury, especially those directed to education, the characteristics assumed by self-help literature in its broadest aspects. The purpose of this dissertation is to understand and explicit the operation of self-help discourses in the educational context and how they articulate themselves in terms of government and public policies, typical to contemporary neoliberal practices. Thus, this literature configures a sort of technology that aims for the production of oneself in tune with the ideas of the market.

**Key-words:** Self-help. Biopolitics. Education. Entrepreneurship.

## SUMÁRIO

---

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1. OS DISCURSOS DE AUTOAJUDA À LUZ DA BIOPOLÍTICA FOUCAULTIANA.....</b>	<b>21</b>
<b>1.1. A biopolítica na perspectiva neoliberal .....</b>	<b>26</b>
<b>CAPÍTULO 2. O DISCURSO DE AUTOAJUDA EM PERSPECTIVA.....</b>	<b>43</b>
<b>CAPÍTULO 3. A AUTOAJUDA E EDUCAÇÃO NAS OBRAS DE AUGUSTO CURY.....</b>	<b>59</b>
<b>3.1. Conselhos e orientações sobre como lidar com os afetos e com as emoções na formação de líderes empreendedores.....</b>	<b>64</b>
<b>3.2. Biografias e exemplaridade.....</b>	<b>74</b>
<b>3.3. Treinando as emoções.....</b>	<b>79</b>
<b>3.4. Foco na felicidade.....</b>	<b>82</b>
<b>3.5. Neoliberalismo, autoajuda e <i>Coaching</i> na educação.....</b>	<b>84</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>94</b>

## INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade caracterizada pela competitividade regida pela lógica do sistema capitalista, a qual demanda dos indivíduos alto desempenho no trabalho e no consumo, e exerce sobre eles eficientes formas de controle do tempo e da vida. Trata-se, conforme diagnosticou Deleuze (2010), da emergência de novos arranjos no âmbito das práticas do capitalismo, em que a fábrica, no sentido clássico, é substituída pelo espírito da empresa. Talvez o mais apropriado fosse dizer que o modelo disciplinar da fábrica convive hoje com o controle modular exercido pela administração empresarial, na qual se instaura a instabilidade e a flexibilidade no trabalho e se intensifica a competitividade entre os indivíduos.

A exploração do trabalho não fica mais restrita à fábrica, mas se estende a todos os espaços, não havendo mais demarcações claras dos limites entre as instituições disciplinares. Essas fronteiras, em muitos casos, são apagadas, porque já não se sabe o que é a casa e o que é o trabalho (DELEUZE, 2010; PELBART, 2000). Nesse novo arranjo, exige-se do indivíduo que ele esteja à altura das novas demandas do mercado de trabalho, as quais requerem agora sujeitos flexíveis, adaptáveis e que saibam investir em si mesmos, fazendo da própria existência um empreendimento lucrativo. Por isso, o investimento em capital humano e o empresariamento de si, desde há muito, tornaram-se os bordões repetidos pelo mercado como a condição não apenas para que cada trabalhador, ou futuro trabalhador, sobreviva às crises econômicas e aos processos de expropriação do capital, mas também para alcançar um padrão de vida considerado de sucesso.

Esse diagnóstico não é novo, pois essa realidade já fora analisada e criticada por certos pensadores, como Foucault, Deleuze e, em outro registro, pelos próprios pensadores da Escola de Frankfurt. O que há de novo talvez esteja na força desse diagnóstico para se interrogar acerca dos efeitos de tais arranjos sobre a vida, sobre os processos de constituição dos sujeitos e sobre os espaços formativos. Não há dúvidas de que o empresariamento da vida, nos termos rapidamente acima mencionados, os quais serão mais bem explicitados no corpo desta Dissertação, produz efeitos perversos sobre a saúde, portanto, sobre o corpo do trabalhador. Buyng-Chul Han (2017), numa continuidade aos diagnósticos feitos por Foucault e Deleuze, afirma que já não estaríamos mais vivendo numa sociedade disciplinar e de controle, porém, numa sociedade de desempenho. Ainda que Han (2017) não faça uma análise mais detalhada acerca dessa tese, evidenciando o quanto ela deve aos dois pensadores franceses, reconhece que os dispositivos disciplinares e de controle sustentam o que ele denomina sociedade do

desempenho. Essa sociedade de desempenho desencadeou, em razão da demanda produtiva e de suas formas de controle, algumas síndromes neuronais, tais como *Burnout* e TDAH, decorrentes da ansiedade e do estresse provocados por essas demandas. Assim, se o século XX pode ser caracterizado como bacteriológico ou viral, em suas doenças, “[...] o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neural.” (HAN, 2017, p. 07).

Identificamos que é nesse contexto que o discurso de autoajuda ganha o mercado e as almas desamparadas, com a promessa de acalantá-las, fortalecê-las e curá-las dos males que as afligem. Como esse propósito terapêutico e curativo, essas práticas passam a disputar e a orientar a conduta dos indivíduos, numa tentativa às vezes clara de fortalecer neles disposições que os ajudem a suportar o peso e as agruras da competitividade, das demandas de trabalho e dos riscos do desemprego. Se autoajuda não é uma tecnologia nova no/do mercado, hoje em dia, parece ter sido incorporada, mais do que em outras épocas, como um expediente ou uma tecnologia de produção do si mesmo que esteja em sintonia com o espírito empreendedor que visa a otimizar as forças do corpo e a evitar os adoecimentos gerados pelo próprio funcionamento da maquinaria do capital.

A literatura de autoajuda tanto conquistou espaço nas estantes das livrarias quanto se tornou um discurso corriqueiro com grande profusão na atualidade, apresentando-se como guia para orientação de comportamentos, modos de viver e relacionar-se no trabalho, na vida amorosa, na orientação da educação dos filhos e na constituição de modos de ser e viver coordenados por práticas que se antecipem aos processos de adoecimento, amenizando os efeitos e as contradições inerentes às relações sociais, no capitalismo contemporâneo, de forma que esses discursos, a nosso ver, funcionam como um conjunto de práticas que têm como objetivo o governo da conduta dos indivíduos.

Compreendermos que a autoajuda constitui um fenômeno social e cultural, com ampla repercussão sobre a vida do indivíduo, o qual ainda necessita ser investigado e analisado, sobretudo quando deixa de ser, aparentemente, práticas corriqueiras e desprezíveis, e passa a tecnologia que mobiliza o mundo editorial e empresarial, com forte presença nas diferentes mídias. Multiplicam-se assim as vozes dispostas a oferecerem conselhos, orientações, técnicas de treinamentos de aprimoramento mental, “mantras” que devem ser repetidos para manter-se com astral elevado, técnicas de reforço da autoestima. Todas essas práticas têm atrás de si *expertise* a ser investigado, principalmente aquelas direcionadas para a área educacional.

Como assinala Marín-Díaz (2015), investigar uma literatura pouco presente nas discussões acadêmicas e que é muitas vezes rejeitada por esse meio constitui um grande desafio, pois se trata de abordar um tema que predominantemente é fundamentado a partir de experiências, opiniões, aconselhamentos, os quais remetem a ideias e crenças que são assumidas e propostas como técnicas para a superação de problemas em diferentes campos da atuação dos indivíduos. Por essa razão, nós nos vimos provocados a investigar esse discurso que se tem tornado presente na educação escolar.

Na realidade, a escola e seus atores têm se constituído como alvos desses discursos de autoajuda, de sorte que o projeto pedagógico de determinadas escolas passam a se orientar tendo como referência autores oriundos desse campo. As escolas privadas se utilizam muitas vezes desses recursos para atrair uma clientela de classe média desejosa de encontrar algo que faça a diferença na formação dos filhos e que os prepare, desde cedo, para a dura concorrência no mercado.

Ao exigir do indivíduo que produza e gere lucro, independentemente das condições a que esteja submetido, o espírito empresarial capitalista busca pelo indivíduo capaz de se dedicar, de se adaptar e de se esforçar, sem que as adversidades o esmoreçam. Inclusive, sem que o corpo reclame. No fundo, o que se procura é a produção de processos de subjetivação que façam com que os sujeitos não rompam com a condição de subjugação e exploração. Desistir jamais! Este constitui o bordão favorito repetido, incansavelmente, nas entrelinhas dos livros de autoajuda. Nesse cenário, e segundo essa lógica, é fundamental se pensar num indivíduo que possa trabalhar e atingir um alto desempenho produtivo, mesmo que, para isso, ele tenha que dedicar todo o seu tempo ao trabalho. Sonha-se com um indivíduo, como escreveu Jonathan Crary (2016), em seu livro *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*, que seja capaz de se dedicar ao trabalho 24 horas por dia sete dias por semana. Isso significa, como argumenta o autor, a necessidade de superação das barreiras do corpo. A barreira mais grave e mais limitante que deve ser superada, nesse processo, é a barreira do sono, que é visto como empecilho para a produtividade, pois, “[...] no paradigma neoliberal globalista, dormir é, acima de tudo para os fracos.” (CRARY, 2016, p. 23).

Segundo Jonathan Crary (2016), na costa Oeste da América do Norte, em determinadas estações do ano, centenas de espécies de pássaros migram para o Norte e Sul. Uma dessas espécies é o *pardal de coroa branca*. “Diferente da maioria dos outros pássaros, esse pardal tem a capacidade extraordinária de permanecer acordado por até sete dias durante as migrações, o que permite voar e navegar de noite, e procurar por alimento de dia, sem

descansar.” (CRARY, 2016, p. 11). Esse pardal tem sido objeto de investigação do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Compreender o funcionamento da atividade cerebral desse pássaro tem sido objetivo dessa pesquisa, com esperança de obter conhecimentos que possibilitem aos indivíduos suportarem longas jornadas sem dormir e produzir mais e de maneira eficiente. Este é, ressalta o autor, o sonho do sistema capitalista contemporâneo.

Essa experiência mencionada acima é uma clara tentativa de aumentar a produção e o rendimento, no capitalismo atual. O anseio desse sistema tem exigido cada vez mais dos trabalhadores a capacidade de se autoconstruírem e de se refazerem segundo a lógica vigente e os seus interesses. Quando esses trabalhadores não conseguem acompanhar essas exigências, tendem a ser tratados como uma espécie de sujeitos fracassados, pessoal e profissionalmente. É nesse contexto que ocorre o aumento de pessoas acometidas por diferentes tipos de doenças e transtornos, e assim se tem a intensificação dos diagnósticos e dos discursos sobre como lidar com as chamadas patologias do século XXI. “Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), [...] Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem das patologias do começo do século XXI.” (HAN, 2017, p. 07).

Diante desse cenário, observamos que há discursos e práticas disponíveis que orientam os indivíduos a lidar com essa realidade, dentre os quais temos os discursos classificados como de autoajuda, os quais têm ocupado espaço no mercado editorial, bancas de revistas e nas diferentes mídias, com orientações, conselhos postos em prática, que prometem aliviar o sofrimento e estresse, elevar a autoestima, melhorar o desempenho profissional ou amoroso, conquistar mais amigos, descobrir novas potencialidades, tornando-se mais criativo no trabalho e nas relações com os demais. Enfim, no fundo, é a promessa de que a felicidade está ao alcance da mão, bastando para isso que os sujeitos orientem suas vidas por uma série de bordões, códigos, treinos, ideias e crenças, que logo terão suas vidas modificadas. Tudo dependerá, obviamente, do esforço individual, da dedicação e da crença que se deposite nesses arranjos discursivos, embora saibamos que nem sempre isso é suficiente para o alcance da felicidade.

Situada no campo da Filosofia da Educação, esta pesquisa busca analisar um tipo de discurso que, em algumas ocasiões, parece confundir-se com as práticas antigas no âmbito da filosofia. Em muitas ocasiões, a depender do tipo de literatura de autoajuda, fazem-se presentes referências a pensadores antigos gregos e romanos, como uma maneira de conferir

autoridade ao discurso. No entanto, as ideias de antigos pensadores são deslocadas e aplicadas em contextos que desvirtuam ou desrespeitam um trabalho sério de exegese e interpretação do texto filosófico. Aliás, esse tipo de leitura não difere em quase nada da interpretação fundamentalista que várias igrejas evangélicas fazem do texto bíblico, conferindo-lhe o sentido demandado pela ocasião. Digamos, assim, que a literatura de autoajuda funciona como uma espécie de *pau para toda obra*, remédio para todos os males e aflições, aos quais os indivíduos estejam submetidos.

Esta investigação tem por objetivo analisar a emergência dos discursos de autoajuda, instaurada num espectro amplo do neoliberalismo contemporâneo, ao mesmo tempo em que procura compreender de que maneira esses discursos reverberam no âmbito das práticas escolares. Tendo em vista o desenvolvimento dessas duas perspectivas, iremos analisar algumas obras do escritor Augusto Cury, autor que tem publicado uma quantidade significativa de obras direcionadas aos educadores, com o foco no empreendedorismo. Ressalte-se aqui que Cury não só tem uma vasta publicação no campo da autoajuda, bem como é um autor de *best sellers* lidos, portanto, por milhares de pessoas.

O tema da autoajuda será abordado, nesta Dissertação, tendo como referencial teórico principal as discussões de Michel Foucault (1926-1984) acerca da biopolítica e a arte de governar na modernidade, como forma eficiente de o Estado e de o mercado atuar na condução e orientação da conduta dos indivíduos, tendo como meta a constituição de um *ethos* adequado a um novo tipo de administração da vida, decorrente das demandas oriundas, sobretudo, dos campos da economia e da política. Esse novo arranjo biopolítico assume como prioridade intensificar as formas de controle da vida, via estímulo à competitividade entre os indivíduos. O que importa, nesse jogo, é que cada um se transforme numa espécie de empreendedor de si mesmo, em empresário de si mesmo.

Michel Foucault é escolhido pelo fato de trazer várias contribuições aos campos do saber, não se limitando apenas ao campo da Filosofia. Sem a intenção de fazer filosofia aos moldes clássicos dos seus antecessores, principalmente no que se refere à busca pela verdade, bem como a sua definição, Foucault procura compreender como a verdade foi construída e qual a sua relação com o poder. No conjunto de sua obra, encontram-se presentes discussões políticas, sociais, filosóficas, as quais são importantes para a análise dos fenômenos educacionais, na atualidade, conseqüentemente, “[...] seus livros era como uma caixa de ferramentas que os leitores poderiam vasculhar em busca daquela de que precisavam para pensar e agir.” (OKSALA, 2011, p. 07). E foi dessa caixa de ferramentas que retiramos o

conceito de biopolítica, para nos auxiliar a pensar e discutir a presença do discurso de autoajuda, no campo da Educação. “O conceito de biopolítica”, escreve Duarte (2010, p. 205), “[...] se tornou importante ferramenta conceitual para a compreensão e o diagnóstico das crises e mutações políticas do presente.”

Tomamos como referência, para análise das práticas e enunciados dos discursos de autoajuda, o conceito de biopolítica de Michel Foucault, pois esse conceito nos possibilita compreender esse fenômeno como uma forma de governo dos indivíduos. Para a discussão do conceito de biopolítica, recorreremos aos cursos “Nascimento da Biopolítica” e “Segurança, Território, População”, ministrados no Collège de France, em 1978 e 1979, respectivamente. Temos consciência de que esse conceito de governo biopolítico cobre um período, na obra de Foucault, que vai de 1975 a 1980, cujos resultados podem ser encontrados também nos cursos “Os Anormais” e “Em defesa da sociedade”. A opção pelos cursos “Segurança, Território, População” e “Nascimento da Biopolítica” se justifica pela maneira como essa noção de biopolítica passa a tratar das estratégias inerentes à racionalidade econômica do neoliberalismo e de suas formas de controle sobre a vida. Tal análise última que Foucault faz da noção de biopolítica amplia a compreensão acerca dos modos de administração da vida, na atualidade. André Duarte (2009, p. 47) apresenta esse movimento interno da noção de biopolítica em Foucault, nos seguintes termos:

Se *Em defesa da sociedade* e no volume I da *História da sexualidade* Foucault considerava a biopolítica a partir da capacidade do poder estatal de agir a fim de incentivar a vida e aniquilar suas partes consideradas perigosas por meio de políticas públicas dirigidas a esse fim, em *Nascimento da biopolítica* ele centra a atenção na caracterização dos sutis processos de governo econômico dos indivíduos e da população, os quais decidem reger e submeter sua conduta pelos princípios do autoempreendedorismo, tornando-se, assim, presas voluntárias de processos de individuação e subjetivação controlados flexivelmente pelo mercado.

Nas últimas quatro aulas que estão no livro *Nascimento da biopolítica*, Foucault analisa as tecnologias neoliberais de governo, evidenciando de que maneira o mercado funciona como instrumento de governamentalização da população. Ao se ocupar dessa problemática, Foucault (2008) centra sua análise nos conceitos de *homo oeconomicus*, capital humano, sociedade empresarial, no registro adotado pela Escola de Chicago, em que o homem é compreendido como agente econômico, como “[...] um empresário, e empresário de si mesmo [...] sendo ele próprio o seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de sua renda.” (FOUCAULT, 2008, p. 311). Essa renda decorre da venda de

certo capital (capital humano) que precisa se valorizar e ampliar suas competências, capacidades e habilidades profissionais, para concorrer no mercado de trabalho da sociedade empresarial. Trata-se de uma multiplicidade de competências requeridas àqueles que queiram se lançar à concorrência, que vão desde a

[...] gestão de recursos humanos nas empresas à problematização da aprendizagem através de competências, ou ainda a interação humana focada no desenvolvimento das competências emocionais e coletivas. Competências que visam produzir pessoas “saudáveis, sadias e produtivas”. Ou melhor, sujeitos flexíveis e adaptados. (ROSA, 2009, p. 378).

Assim, a biopolítica neoliberal se constituirá a partir da articulação entre a figura do *homo oeconomicus*<sup>1</sup> e a teoria do capital humano. A questão, portanto, é saber de que modo podemos nos equipar, a fim de nos tornarmos competitivos na sociedade empresarial. A literatura de autoajuda, sobretudo aquela voltada para o mundo empresarial e para o mercado de trabalho, tem como foco indicar soluções, conselhos, orientações que respondam a essa questão e aos anseios de uma população que se encontra desamparada, no jogo flutuante da economia.

Há, nas análises que Foucault realiza da sociedade disciplinar e acerca dos processos de governamentalização do Estado, as quais lançam luzes sobre os processos educacionais, em que são evidentes as articulações existentes entre as denominadas instituições disciplinares e as formas amplas de governo da vida. Michel Foucault nos oferece algumas ferramentas conceituais para análise dos discursos de autoajuda:

Estudiosos como Jorge Larrosa, entre tantos outros de vários países, também aqui no Brasil, já nos têm mostrado como Michel Foucault oferece inúmeras ferramentas, teóricas, metodológicas e mesmo temáticas para nossos estudos em educação: as práticas de vigilância na escola, a construção disciplinar dos currículos, as relações de poder no espaço da sala de aula, a produção de sujeitos confidentes – são apenas alguns dos muitos temas que há pelo menos dez anos têm sido estudados em nossa área, com base no pensamento do filósofo. (FISCHER, 2012, p. 99-100).

---

<sup>1</sup> Embora Foucault (2008) faça uma longa discussão acerca dessa noção de *homo oeconomicus* e de seu funcionamento, no contexto das teorias econômicas clássicas e modernas, retomamos, por ora, alguns esclarecimentos do autor, os quais são úteis para elucidação desse termo: “O *homo oeconomicus* é aquele que aceita a realidade. A conduta racional é toda conduta sensível a modificações nas variáveis do meio e que responde a elas de forma não aleatória, de forma portanto sistemática, e a economia poderá portanto se definir como ciência da sistematicidade das respostas às variáveis do ambiente” (p.368). Mais adiante dirá Foucault: “[...] esse *homo oeconomicus* aparece justamente como o que é manejável, o que responde sistematicamente a modificações sistemáticas que serão introduzidas artificialmente no meio. O *homooeconomicus* é aquele que é eminentemente governável. De parceiro intangível do *laissez-faire*, o *homo oeconomicus* aparece agora como o correlativo de uma governamentalidade que vai agir sobre o meio e modificar sistematicamente as variáveis do meio.” (p. 369).

Levando em consideração os objetivos da nossa pesquisa, tomamos como referência, para a nossa análise, o conceito de *biopolítica* em Michel Foucault, o qual fora discutido pelo filósofo em suas pesquisas, especificamente na fase denominada *Genealógica*. Conforme Silveira (2005), as obras de Foucault são divididas em três fases: a *Arqueológica*, na qual Foucault discute os saberes e a verdade; a *Genealógica*, onde o eixo das discussões se encontra no poder; e, por fim, a fase *Ética*. Ainda que haja essa divisão das obras, “[...] arqueologia, genealogia e ética não são estanques e rígidas entre si. Ademais, não há entre estas etapas rompimentos bruscos, senão deslocamentos [...] entre suas ênfases metodológicas.” (SILVEIRA, 2005, p. 41).

Ao tomarmos a complexidade da obra do autor e visando a delimitar nossa análise, nosso intuito foi construir nossa discussão a partir dessa fase genealógica foucaultiana. Não tivemos por objetivo elaborar uma história e análise do pensamento foucaultiano, mas fazer um recorte para o que nos propomos acerca dos efeitos de poder e verdade que a autoajuda busca produzir sobre os sujeitos, particularmente aquela dirigida aos sujeitos no contexto escolar.

De acordo com Duarte (2010), o legado teórico de Foucault não se esgota na renovação de áreas do conhecimento, já estabelecidas, todavia, o filósofo tem a capacidade de formular conceitos e modos de problematização. É nesse registro que se situa o conceito de biopolítica, o qual foi apresentado em 1976, no último capítulo da obra *História da Sexualidade*, volume 1, e discutido de maneira mais ampliada, por Michel Foucault, nos cursos ministrados pelo filósofo, nos anos seguintes, no Collège de France.

Inicialmente, ao pensarmos nesse conceito de *biopolítica*, podemos nos remeter ao seu significado etimológico de *política da vida*, e ao compreendermos o termo *política* como *arte de governar*, podemos assim entender, de maneira geral, o conceito de *biopolítica* como o *governo da vida*. Será dessa perspectiva que abordaremos a discussão feita por Foucault, na qual vai pensar as formas de controle e governo da vida, em suas relações com os saberes que nos governam. O que interessa a Foucault, nessa análise, não é realizar uma analítica da verdade, mas pensar uma política da verdade. Ou seja, importa mais compreender a emergência dos saberes e pensar os efeitos que eles produzem sobre a vida (DUARTE, 2010; VEIGA-NETO, 2004).

O objetivo, por conseguinte, é compreender os discursos de autoajuda enquanto uma tecnologia que emerge atrelada aos interesses do empreendedorismo do mercado. Por outro lado, esses discursos se apresentam como saberes especializados que pretendem dizer aos sujeitos o modo como devem viver e se adequar às demandas do Estado e do mercado no tempo presente. Importa, portanto, pensar os discursos de autoajuda enquanto uma maneira explícita de condução de condutas indutores de processos de subjetivação e subjugação dos indivíduos aos interesses do mercado.

Tendo em vista o nosso propósito, dividimos a Dissertação em três capítulos. No *primeiro capítulo*, sob o título “O discurso de autoajuda à luz da biopolítica foucaultiana”, examinamos o conceito de *biopolítica* em Foucault, apropriando-nos assim desse conceito, visando a um embasamento teórico para compreendermos a perspectiva desse discurso de autoajuda e a sua presença na educação, como uma forma de condução de condutas.

No *segundo capítulo*, intitulado “O discurso de autoajuda em perspectiva”, fizemos uma retomada histórica de alguns aspectos da autoajuda, cuja preocupação foi identificar os precursores do discurso de autoajuda e quais as suas particularidades. Foi realizado também, nesse capítulo, um esforço em estabelecer as possíveis relações, almejando compreender algumas distinções entre o discurso motivacional, o qual se caracteriza como científico, e o discurso de autoajuda.

No *terceiro capítulo*, intitulado “A autoajuda e Educação nas obras de Augusto Cury”, apresentamos algumas das principais obras de Cury; nesse sentido, selecionamos e analisamos algumas delas, direcionadas à educação, procurando identificar a estrutura e características desses discursos, bem como a sua relação com o discurso de autoajuda em perspectiva, focalizado no capítulo anterior. Buscamos demarcar, nessas obras, grupos de enunciados em torno dos quais seja possível identificar modos de aconselhamento, orientações, exercícios e estratégias, com o objetivo de produzir disposições, comportamentos, humores, nos leitores/consumidores, que os preparem para o enfrentamento dos desafios cotidianos postos pela competitividade do mercado e interesses neoliberais.

Por fim, ainda no terceiro capítulo, identificamos a autoajuda enquanto uma expressão do *Coaching*, que visa a treinar e melhor preparar os indivíduos, e que é abordado por Cury a partir da idealização da escola *Coaching* emocional. Essa escola constitui um método direcionado para o trabalho de desenvolvimento e ampliação de competências, para um

melhor rendimento no processo educacional de alunos, pais e professores. Nossa análise ocorrerá a partir da identificação de alguns *eixos*, muito presentes nesse tipo de discurso.

Interessa-nos indicar que a autoajuda emerge como um tipo de discurso de *expertise* que tem a pretensão de verdade, que se coloca como um “discurso competente”, embora sob a roupagem do aconselhamento e de uma espécie de acolhimento afetuoso. Trata-se de um discurso que deseja governar os indivíduos, de acordo com interesses específicos que estão, a nosso ver, em consonância com o ideário neoliberal. É nesse registro que acreditamos se situar os discursos de autoajuda de Augusto Cury, na atualidade.

Em tempos de ampla presença desse discurso de autoajuda, no campo da educação, acreditamos ser fundamental realizar esse trabalho de análise e investigação, procurando identificar quais seus reais interesses e possibilitando, dessa forma, uma reflexão a todos aqueles que, de maneira direta ou indireta, estão envolvidos com o processo educacional.

## CAPÍTULO 1

### OS DISCURSOS DE AUTOAJUDA À LUZ DA BIOPOLÍTICA FOUCAULTIANA

Segundo Silveira (2005), Foucault se apoiará na genealogia de Nietzsche, a fim de investigar e problematizar as relações entre valores, teoria, verdade e instituições. Nessa discussão, o filósofo atenta para as questões que têm relação com o poder. Esse tema será um eixo central em várias obras de Foucault, “[...] a análise desse tema mereceu atenção de Michel Foucault, em grande parte de seus discursos no Collège de France (1971-1980).” (SILVEIRA, 2005, p. 43). Em tal análise, Foucault aborda o poder com base nos diferentes contextos em que foi exercido nas sociedades. “Historicamente, ele distingue três regimes de poder que se apoiaram uns aos outros” (BERT, 2013, p.115), o *poder soberano*, no qual o rei tem o direito de vida e morte sobre os seus súditos; o *poder disciplinar*, no qual os indivíduos são inventados e produzidos no contexto das instituições disciplinares, e o *poder biopolítico*, no qual o governo recai não sobre o corpo do indivíduo, mas sobre a população, como um fenômeno que deve ser examinado à luz das ciências estatísticas, das ciências médicas e das ciências biológicas. A população passa a ser analisada e investigada em seus movimentos, em função de um espectro amplo de ciências. Enfim, o que passa a ganhar destaque, nesse novo arranjo, é o governo da vida da população, a qual se dá a partir de um cálculo político e científico.

Distinto do *poder do soberano* e do *poder disciplinar*, sem exercer um poder sobre território e sem vigiar e punir, o poder biopolítico tem características específicas, sendo uma delas a técnica e o exercício do poder sobre a população, por meio de uma série de dispositivos. Não superando o poder disciplinar, uma vez que não são excludentes, na biopolítica, haverá uma nova forma de exercício do poder, o qual não se exercerá sobre o corpo individual, todavia, sobre o corpo da população. Teremos, nessa forma de poder, a racionalização e a preocupação com a administração da vida da população.

No contexto biopolítico surge uma nova preocupação, segundo Foucault. Não cabe ao poder fazer morrer, mas sobretudo fazer viver, isto é, cuidar da população, da espécie, dos processos biológicos, cabe ao poder otimizar a vida. Gerir a vida em todas as suas dimensões, mais do que exigir a morte. (PELBART, 2007, 59).

Conforme Pelbart (2007), diferenciando ainda o poder num regime de soberania de um poder biopolítico, observa-se que este investe na vida e não na morte, que outrora era ritual no poder soberano.

A esse novo poder, inaugurado no final do século XVII e início do século XVIII, Foucault denominou governamentalização do Estado, indicando que, a partir desse momento, há uma nova maneira de pensar o governo da população, a qual passa pela construção de uma razão de Estado que investe de forma calculada no controle dos fenômenos populacionais. Decorre disso o que Foucault irá nomear como governamentalidade, enquanto uma arte de governar (FOUCAULT, 1988, 1999). Diferente do poder do soberano, que pode “fazer morrer ou deixar viver” e exerce seu poder sobre um território específico, no biopoder, o poder será calculado e sutilmente planejado, com fins de conduzir a vida do conjunto da população.

Compreendemos assim que, durante muito tempo, para Foucault (2014), o poder soberano tivera o direito de vida e morte, derivado da velha *patria potestas*, a qual concedia ao pai de família romana todo o direito sobre a vida dos seus filhos e escravos. Caberia ao pai quem deveria viver e/ou morrer. Se foi o pai que concedera a vida, ele poderia tirá-la. Esse direito de decidir a vida ou morte foi adotado pelo soberano do Estado, o qual, em diferentes situações, seja de ameaça ao Estado, seja de infração às leis, pode exercer o poder sobre a vida do súdito, matando-o ou castigando-o. “Encarado nesses termos, o direito de vida e morte na não é um privilégio absoluto: é condicionado à defesa do soberano e à sua sobrevivência enquanto tal.” (FOUCAULT, 2014, p. 143).

No poder soberano, conforme Foucault (2014), a instância principal é a do confisco, em que o poder soberano pode subtrair e se apropriar de riquezas, tais como produtos, serviços, bens e trabalho pertencentes aos súditos. “O poder era, antes de tudo, nesse tipo de sociedade, direito de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente, da vida; culminava com o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la.” (FOUCAULT, 2014, p. 146). Entretanto, assinala Foucault (2014), houve uma transformação nesse mecanismo de poder, e o confisco não é mais a forma principal, mas apenas uma peça num todo de controle e organização das forças submetidas. Não cabe mais destruir, porém, reforçar e fazer crescer.

Assim, o direito de morte que o soberano tinha sobre o súdito passa a ser deixado de lado, em detrimento de um poder que gerasse a vida. Trata-se, a partir desse momento, de um exercício positivo de poder sobre a vida, passando a empreender sua gestão e multiplicação. Portanto, as guerras não visam mais a defender o soberano, mas a defender um território. Se ocorrer a morte, será para defender a vida, como ocorrerá com vários regimes. Os Estados que hoje combatem não almejam a questão jurídica, como no poder soberano, contudo, o que está em jogo é o corpo biológico da população. “Se o genocídio é, de fato, o sonho dos poderes modernos, não é por uma volta, atualmente, ao velho direito de matar; mas é porque o poder se situa e é exercido no nível da vida.” (FOUCAULT, 2014, p. 148).

Para exemplificar a discussão acima, Foucault (2014) cita a pena de morte, a qual fora ao longo dos anos forma de direito de fazer morrer ou deixar viver, executada pelo soberano. Porém, ao visar à gestão da vida, não de uma perspectiva humanitária, mas a partir da própria lógica do exercício do poder, é que se dificultou a pena de morte. Matar, nessa nova espécie de poder, é contraditório, e apenas legítimo em caso de risco biológico para a população. “Pode-se dizer que o velho direito de *causar* a morte ou *deixar* viver foi substituído por um poder de *causar* a vida ou *devolver* à morte.” (FOUCAULT, 2014, p.148-149). A morte é analisada e compreendida em razão de novos vieses.

Segundo Foucault (2014), esse poder e cuidado sobre a vida se desenvolveram desde o século XVII, em duas formas principais. Essas formas não são contrárias e se desenvolveram interligadas, por meio de um feixe, no qual um dos polos se centrou como máquina, no corpo, e visava ao adestramento e ampliação de aptidões, focando na extorsão de forças, tendo em vista o crescimento útil e a docilidade, “[...] na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos – tudo assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as *disciplinas: anátomo-política do corpo humano*.” (FOUCAULT, 2014, p. 150). Já o outro polo, formado posteriormente, no século XVIII, “[...] centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos.” (FOUCAULT, 2014, p. 150). Esse polo atentava para questões relacionadas ao nascimento e mortalidade, saúde, duração da vida, levando em conta suas variantes. Nesse sentido, a estatística e a demografia tornam-se fundamentais. Para tanto, assume-se esse processo por meio de intervenções e controles reguladores, enfim, por uma biopolítica da população. Disciplinar o corpo e regular a população são os polos em que se organizou e se desenvolveu o poder sobre a vida (FOUCAULT, 2014).

Assim, conforme Foucault (2014), a vida passa a ser gerida e calculada, numa espécie de administração. Inaugura-se a era do biopoder, em que se conjugam controle disciplinar do corpo e controle das populações. Esses tipos de controle vão se valer de várias instituições denominadas disciplinares e de saberes científicos, através dos quais se exerce um cálculo sobre a vida. Isso teria ocorrido, sobretudo, a partir do século XIX. Assim afirma Foucault:

Parece-me que um dos fenômenos fundamentais do século XIX foi, é o que se poderia denominar a assunção da vida pelo poder: se vocês preferirem, uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de estatização do biológico ou, pelo menos, uma certa inclinação que conduz ao que se poderia chamar de estatização do biológico. (FOUCAULT, 2014, p. 285-286).

Sem precisar nos alongar muito sobre essa passagem do governo disciplinar dos indivíduos para um governo biopolítico da vida da população, e para nos determos mais à questão da biopolítica, retomamos no trecho abaixo a maneira como Foucault a caracteriza:

Depois da anatomopolítica do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já não é uma anatomopolítica do corpo humano, mas que eu chamaria de um “biopolítica” da espécie humana. De que se trata nessa nova tecnologia do poder, nessa biopolítica, nesse biopoder que está se instalando? Eu lhes dizia em duas palavras agora há pouco: trata-se de um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de um população, etc. (FOUCAULT, 2014, p. 204).

De acordo com Foucault (2014), os processos mencionados acima, juntamente com os problemas políticos e econômicos, são os alvos de controle da biopolítica. Com isso, surge a estatística, a demografia, com o objetivo de produzir mapeamentos, os quais são fundamentais para o controle do homem-espécie. Essa biopolítica cuida das doenças (em suas causas, formas, intensidade, duração) que afetam a população. Nesse sentido, a medicina introduzida ao final do século XVIII preocupa-se mais com higiene, centralização de informação, normalização do saber e medicalização da população.

A biopolítica irá intervir também, segundo Foucault (2014), em todo o conjunto de fenômenos, quer acidentais, quer universais, não compreensíveis inteiramente, mesmo que acidentais, todavia, que acarretam consequências semelhantes e incapacidades dos indivíduos, neutralizando ou colocando o indivíduo fora de circuito. É o caso da velhice e dos acidentes e enfermidades. Foucault (2014) destaca, em relação a esses fenômenos, que a biopolítica introduzirá mecanismos sutis e racionais. “Vamos ter mecanismos mais sutis, mais racionais,

de seguros, de poupança individual e coletiva, de seguridade.” (FOUCAULT, 2014, p. 205). Essa biopolítica se preocupará com as relações entre a espécie humana, seu meio de existência e os efeitos hidrográficos e climáticos sobre os seres humanos.

Eu lhes assinalo aqui, simplesmente, alguns dos pontos a partir dos quais se constituiu essa biopolítica, algumas de suas práticas e as primeiras das suas áreas de intervenção, de saber e de poder ao mesmo tempo: é a da natalidade, da morbidade, das incapacidades biológicas diversas, dos efeitos do meio, é disso tudo que a biopolítica vai extrair seu saber e definir o campo de intervenção de seu poder. (FOUCAULT, 2014, p. 206).

Nessa nova tecnologia de poder se lida com um novo corpo, que não é o indivíduo-corpo, mas é um corpo múltiplo, com várias cabeças. É a população. “A biopolítica lida com a população.” (FOUCAULT, 2014, p. 206). Além da população, importa também a natureza dos fenômenos, os quais são coletivos, aparecendo com seus efeitos econômicos e políticos. Trata-se de fenômenos imprevisíveis e aleatórios presentes no coletivo. “São fenômenos que se desenvolvem essencialmente na duração, que devem ser considerados num certo limite de tempo relativamente longo; são fenômenos de série.” (FOUCAULT, 2014, p. 207). O direcionamento da biopolítica será aos acontecimentos aleatórios ocorridos numa população.

Essa nova tecnologia do poder, ressalta Foucault (2014), implantará mecanismos que têm funções distintas dos mecanismos disciplinares. Na biopolítica, os mecanismos implantados tratarão de estimativas estatísticas, previsões, medições globais. Não visará a modificar o fenômeno ou o indivíduo, porém, a intervir naquilo que os fenômenos têm de global. Esses novos mecanismos são reguladores, procurando conservar equilíbrio, manter média, assegurar compensações, otimizar a vida.

Não se trata, por conseguinte, em absoluto, de considerar o indivíduo no nível do detalhe, mas, pelo contrário, mediante mecanismos globais, de agir de tal maneira que se obtenham estados globais de equilíbrio, de regularidade; em resumo, de levar em conta a vida, os processos biológicos do homem-espécie e de assegurar sobre eles não uma disciplina, mas uma regulamentação. (FOUCAULT, 2014, p. 207).

Objetiva não o individual, contudo, a segurança do conjunto e sua previdência, por meio de processos de regulamentação e com atenção ao fazer viver e deixar morrer. Por isso, “[...] a partir do século XIX, já não importava mais apenas disciplinar as condutas individuais, mas também implantar um gerenciamento planejado da vida das populações.” (DUARTE, 2010, p. 222).

Em “Segurança, território, população”, Foucault volta a discutir o poder como uma *biopolítica*, porém, agora a partir da noção de governmentação, levando em consideração os procedimentos destinados a conduzir a conduta dos homens. “O exercício do poder consistiria em conduzir condutas e em ordenar possibilidades, estruturando o eventual campo de ação dos outros. Tal exercício é da ordem do governo.” (SILVEIRA, 2005, p. 92). Esse governo utilizará alguns procedimentos, tais como saberes, táticas e técnicas, almejando percorrer uma análise da governamentalidade e compreendendo-a como arte de governar. Nessa perspectiva, é possível afirmar que ela possui característica fundamental, sendo uma arte de governo, que é geral, mas também individual:

A governamentalidade concerne à natureza da prática de governar (quem pode governar, o que é governar, o que o quem é governado). Ela também diz respeito a como se governa. A sua característica fundamental é ser uma prática de soberania política que busca governar as pessoas, em conjunto, ao mesmo tempo em que se preocupa com cada indivíduo, o que evidencia uma gestão que procura ser totalizante e individualizante. (SILVEIRA, 2005, p. 92-93).

Michel Foucault, na aula de 8 de fevereiro de 1978, inicia a discussão justificando a importância de se pensar na governamentalidade. De acordo com o pensador, governar não é o mesmo que reinar, comandar ou fazer leis, assim como governar não é ser soberano, senhor, juiz ou general. Por isso, partindo do princípio de que há uma especificidade no ato de governar, é preciso compreender essa noção. Assim, é possível identificar em Foucault a preocupação em pensar sobre as formas com que nós somos governados. Em sua discussão genealógica acerca do poder, o filósofo irá refletir sobre as técnicas de condução a que os indivíduos estão submetidos.

### **1.1.A biopolítica na perspectiva neoliberal**

No curso “Nascimento da biopolítica”, Foucault abordará a biopolítica a partir do neoliberalismo americano, construindo uma noção de biopolítica relacionada à racionalidade econômica do neoliberalismo:

O curso deste ano foi finalmente dedicado, em sua totalidade, ao que devia constituir apenas a introdução. O tema escolhido foi, portanto, a “biopolítica”: entendida por “biopolítica” a maneira pela qual se tentou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas propostos à prática governamental, pelos fenômenos próprios a um conjunto de seres vivos constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, raças... Sabe-se o

lugar crescente que esses problemas ocuparam, desde o século XIX, e as questões políticas e econômicas em que eles se constituíram até os dias de hoje. (FOUCAULT, 1997, p. 89).

No presente curso, Foucault (2008) inicia a abordagem do neoliberalismo americano, diferenciando-o do neoliberalismo alemão. O filósofo apresenta os elementos de contexto em que o neoliberalismo americano se desenvolveu. São três os principais elementos: a) a existência do plano *New Deal* e a crítica a esse plano, o qual consiste num acordo com o objetivo de recuperação e reformulação da economia americana, após a grande depressão; a política keynesiana, liderada pelo presidente Roosevelt; b) o plano Beveridge, elaborado em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, pelo economista William Henry Beveridge, e que tinha por objetivo um projeto de intervenção social, como, por exemplo, o pagamento de uma taxa semanal ao Estado, valores esses que seriam utilizados como subsídios para os necessitados, como os doentes; e, por fim, um terceiro elemento seriam os programas associados à pobreza, educação e segregação, os quais se desenvolveram durante a administração do presidente americano Harry Truman, na década de 1940, até o mandato do presidente Lyndon Baines Johnson. Segundo Foucault (2008), esses elementos podem ser chamados de pactos de guerras, em que os governos comunicavam as pessoas, após passarem por uma crise, que era momento de elas entregarem a sua vida, em troca da manutenção do emprego para a vida toda. Esses pactos objetivavam uma organização econômica e social, além de garantir a segurança do emprego, enfrentar as dificuldades diante das doenças e cuidar da aposentadoria:

Creio que esses três elementos – a política keynesiana, os pactos sociais de guerra e o crescimento da administração federal através dos programas econômicos e sociais –, foi tudo isso que constitui o adversário, o alvo do pensamento neoliberal, que foi aquilo em que ele se apoiou ou a que ele se apôs, para se formar e para se desenvolver. (FOUCAULT, 2008, p. 299).

Ainda diferenciando o neoliberalismo europeu do americano, identificamos que, para Foucault, o liberalismo americano, em sua formação, surge no início do século XVIII e com viés econômico, tornando-se um legitimador do Estado, isto é, o Estado organiza-se a partir dele. Nesse sentido, o liberalismo é semelhante a uma grade, através da qual o Estado pensa em suas atribuições e responsabilidades. Ademais, o liberalismo americano sempre esteve no centro das discussões políticas dos Estados Unidos, em diversos âmbitos, como em discussões sobre a escravidão, o funcionamento das instituições e a relação entre os indivíduos. “Podemos dizer que a questão do liberalismo foi o elemento recorrente de toda a discussão e

de todas as opções políticas dos Estados Unidos.” (FOUCAULT, 2008, p. 300). E, por fim, as políticas intervencionistas, o não-liberalismo e os programas sociais e econômicos representaram, no século XX, uma ameaça, pois introduziam objetivos socializantes e bases imperialista e militar. Embora ancorado pela direita ou esquerda, fora aplicado e reativado em ambas as linhas. Ou seja, se, numa perspectiva europeia, consistia numa opção de organização política e econômica, nos Estados Unidos, o liberalismo será uma maneira de pensar e de ser (FOUCAULT, 2008):

O liberalismo americano, atualmente, não se apresenta apenas, não se apresenta tanto como uma alternativa política, mas digamos que é uma espécie de reivindicação global, multiforme, ambígua, com ancoragem à direita e à esquerda. É também uma espécie de foco utópico sempre reativado. É também um método de pensamento, uma grade de análise econômica e sociológica. (FOUCAULT, 2008, p. 301).

Como traços gerais, que permitem distinguir o neoliberalismo americano do europeu, alemão e francês, Foucault (2008) apresenta dois elementos, os quais, segundo o filósofo, são métodos de análise e tipos de programação: a teoria do capital humano e o programa da análise da criminalidade e da delinquência. Destacamos, a seguir, a teoria do capital humano, a qual é central em nosso trabalho:

Essa teoria representa dois processos, um que poderíamos chamar de incursão da análise econômica num campo até então inexplorado e, segundo, a partir daí e a partir dessa incursão, a possibilidade de reinterpretar em termos econômicos e em termos estritamente econômicos todo um campo que até então, podia ser considerado, e era de fato considerado, não-econômico. (FOUCAULT, 2008, p. 302).

Foucault (2008) ressalta que houve uma incursão da análise econômica, em campos os quais não eram propriamente econômicos. Os neoliberais americanos afirmam que, na economia política, a explicação para a produção de bens dependia de três fatores, a terra, o capital e o trabalho. Entretanto, asseguram que o trabalho nunca fora explorado por essa economia, isto é, os economistas nunca escreveram nada sobre isso. Embora alguns teóricos, como Adam Smith, tenham discutido sobre o trabalho, ele não fora abordado de maneira neutra e exclusiva com respeito ao fator tempo. Além do mais, mesmo que Marx tenha tratado do trabalho, os neoliberais não discutem com Marx, pois o pensador mostra a mecânica econômica do capitalismo, numa lógica que retém do trabalho a força e o tempo. Para Marx, a abstração do trabalho decorre do capitalismo. Assim, os neoliberais, numa crítica à economia clássica, irão reintroduzir o trabalho no campo da análise econômica, o que fizera Theodore Schultz. Segundo eles, a análise econômica não deve se voltar ao estudo dos

mecanismos de produção, troca e de consumo, mas à análise de como os recursos raros são alocados pelos indivíduos. A análise econômica deve levar em consideração os cálculos desses recursos, isto é, trata-se de uma economia que analisa o comportamento humano. “A economia já não é, portanto, a análise da lógica histórica de processo, é a análise da racionalidade interna, da programação estratégica da atividade dos indivíduos.” (FOUCAULT, 2008, p. 307).

Logo, ao se pensar no trabalho, a preocupação em torno dele não será, para os neoliberais, segundo Foucault (2008), situar seu lugar na relação entre capital e produção, mas saber como aquele que trabalha se utiliza dos recursos que ele tem. “Ou seja, será necessário, para introduzir o trabalho no campo da análise econômica, situar-se do ponto de vista de quem trabalha; será preciso estudar o trabalho como conduta econômica praticada, aplicada, racionalizada, calculada, por quem trabalha.” (FOUCAULT, 2008, p. 307). O trabalho será analisado a partir de uma racionalidade estratégica e, nesse sentido, aquele que trabalha, o sujeito trabalhador, não é um objeto de oferta e procura, entretanto, conforme Foucault (2008), um sujeito econômico ativo.

A Teoria do Capital Humano está relacionada ao surgimento da disciplina *Economia da Educação*, e teve a sua emergência em meados dos anos 1950, com o economista Theodore W. Schultz, do Departamento de Economia da Universidade de Chicago, *Escola de Chicago*. Schultz, no decorrer nos anos 1950-60, publicara vários artigos, todos presentes no livro *Investment in Human Capital*, de 1971. Assim, ele é considerado o criador dessa Teoria do Capital Humano. Nessa teoria, o sujeito econômico ativo, aquele que trabalha, trabalha para ter um salário, o qual nada mais é do que uma renda, a qual “[...] é simplesmente o produto ou o rendimento de um capital.” (FOUCAULT, 2008, p. 308). Por conseguinte, o capital gera uma renda e, nessa perspectiva, todos os fatores que levam uma pessoa a ganhar um determinado salário estão associados ao seu capital, competência e aptidão. O sujeito é uma “máquina”, cuja competência produtiva se define pelo seu capital humano.

De acordo com Foucault (2008), a decomposição do trabalho em capital e renda leva a algumas consequências. Primeiramente, se o capital é o que possibilita uma renda, que é um salário, logo o capital não está indissociável daquele que o tem. A competência para um determinado trabalho não está separada do trabalhador e, por isso, a competência do trabalhador produz, e ele é assim compreendido como uma máquina que produz renda, e a produzirá conforme a sua capacidade, aumentando ou diminuindo os salários, de acordo com o tempo. Por isso, não está relacionado à força de trabalho, porém, à competência.

Não é uma concepção da força de trabalho, é uma concepção do capital-competência, que recebe, em função de variáveis diversas, certa renda que é um salário, uma renda-salário, de sorte que é o próprio trabalhador que aparece como uma espécie de empresa para si mesmo. (FOUCAULT, 2008, p. 310).

Esse elemento da teoria do Capital Humano nos permite compreender, a partir de Foucault (2008), que a análise econômica, no neoliberalismo, deve tomar como base não tanto o indivíduo, processos ou mecanismos, mas as empresas. Ou seja, toma o indivíduo como uma pequena empresa.

Levando em consideração o elemento da Teoria do Capital Humano, Foucault (2008) afirma que o neoliberalismo retorna ao *homo oeconomicus*, mas não de acordo com a concepção clássica, em que esse homem é parceiro de troca, em que era analisado em seus comportamentos e utilidades. No neoliberalismo, “[...] o *homo oeconomicus* é um empresário, e um empresário de si mesmo” (FOUCAULT, 2008, p. 311) e, nesse sentido, ele será visto como aquele que possui o seu próprio capital, o seu próprio produtor, e assim consequentemente, fonte de sua própria renda. Por isso, o salário, a renda, está relacionado ao capital desse indivíduo, e por isso se chamará capital humano, o qual, para Foucault (2008), é composto por elementos inatos e adquiridos.

De acordo com Schultz (1973), nessa Teoria do Capital Humano, os trabalhadores detêm o capital, definindo assim o seu valor dentro do mercado de trabalho. Portanto, o salário do trabalhador é um produto do seu capital, é consequência de um investimento em si mesmo. Considerando a Teoria do Capital Humano, tem-se a concepção de sujeito ativo, responsável pelo seu salário. Conforme Foucault (2008), essa teoria tem como princípio, grade, para compreender as condutas dos indivíduos no mercado. Na economia neoliberal, o mercado torna-se um instrumento para governar as pessoas, e o homem se transforma, assim, em um agente econômico e dono do seu próprio capital:

A teoria do *Capital Humano*, ao adotar o mercado como princípio de inteligibilidade e/ou chave de decifração, toma os comportamentos e as condutas dos indivíduos como objeto genuínos de uma análise econômica. Nessa perspectiva, por um lado, os comportamentos e as condutas dos indivíduos passaram a ser analisados sob a forma de cálculos racionais da relação custo-benefício dos investimentos feitos por esses indivíduos, particularmente no que diz respeito à sua formação técnica e/ou profissional, tendo em vista um retorno posterior, na forma de fluxos de renda (salários). (GADELHA, 2010, p. 128).

A Teoria do Capital Humano, que enfatiza a necessidade de o sujeito investir sobre si mesmo, em função da análise custo-benefício, tem sido muito enfatizada nos discursos de autoajuda e empresarial; direcionada aos empresários e aos trabalhadores, tem reverberado no debate educacional. Para que o sujeito se torne competitivo, é necessário investir em si mesmo, a fim de que o seu capital humano seja potencializado. É dessa perspectiva que a educação, de um modo geral, e a educação escolar, em particular, transformaram-se num espaço de investimento em capital humano: “Formar capital humano, formar portanto essas espécies de competência-máquina que vão produzir renda, ou melhor, que vão ser remuneradas por renda, que dizer o quê? Quer dizer, é claro, fazer o que se chama de investimentos educacionais.” (FOUCAULT, 2008, p. 315).

O discurso de autoajuda, apropriando-se da lógica da *Teoria do Capital Humano*, não se tem restringido apenas ao campo empresarial, mas tem sido direcionado a pais e professores, orientando-os por meio de “dicas” e exercícios para que os filhos e educandos sejam sujeitos realizados, na medida em que desenvolvam suas potencialidades em consonância com as demandas do tempo presente:

Livros de autoajuda circulam amplamente como livros para consumo massivo nas prateleiras dos supermercados, como livros de textos nas salas de aula tanto no ensino fundamental quanto no espaço universitário, assim como nos processos de formação inicial e permanente de professores – nas faculdades de educação, nos programas de pós-graduação e nos cursos e seminários de aperfeiçoamento profissional oferecido pelas escolas, ministérios e secretarias de educação. (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 205).

Os discursos de autoajuda direcionados à educação, como é o caso das obras de Cury, apresentam-se também com enfoque empreendedor, no qual se reforça a ideia de que o indivíduo precisa investir em si mesmo, desenvolvendo competências e habilidades. Trata-se de um trabalho de autoconstrução em que cada um saiba se transformar, controlando seus pensamentos e emoções, potencializando-os positivamente. Aqui, como lembra Foucault (2008), investir em capital humano é algo que vai além dos aspectos relacionados às atividades estritamente educacionais, mas vai demandar de todo um cálculo que leve em conta o ambiente educacional, a maneira como se lida com os afetos e estímulos, ao mesmo tempo em que são indicadas uma série de estratégias e técnicas para a condução eficiente dos processos de adaptação ao meio ambiente. O sucesso ou o fracasso irão depender, assim se espera, do investimento que o sujeito faz em si mesmo. Se, nessa teoria, o indivíduo é uma “máquina”, ele precisa ser e estar cada vez mais equipado. Diante das mudanças ocorridas no

mercado de trabalho e no consumo, o sujeito que não “equipar” a sua “máquina”, isto é, aquele que não investir em si mesmo, não conseguirá alcançar um emprego e um bom salário, uma renda, pois o seu capital poderá perder a raridade no mercado.

Esse discurso da produção de mais capital humano, como assinalamos, se mescla aos discursos de autoajuda voltados ao campo pedagógico. Essa prática constitui uma estratégia de governo biopolítico, no contexto neoliberal. Esse discurso, segundo Marín-Díaz (2015, p. 206), “[...] aparece como uma narrativa estruturada a partir das situações atuais para o momento de sua produção, atrelada a saberes relativos ao “eu” que são validados pelas comunidades acadêmicas.”

Para Marín-Díaz (2015), há três características da narrativa da autoajuda que nos permitem compreender a emergência desse discurso, em meio às práticas pedagógicas, quer institucionais, quer não. São elas: novidade e atualidade, vínculo com saberes acadêmicos e ligados às práticas escolares. Veremos essas características adiante.

Uma primeira característica da autoajuda que nos leva a compreender a sua emergência no campo educacional, na visão de Marín-Díaz (2015) é o seu caráter de atualidade e novidade, o qual nem sempre é um aspecto presente no processo formativo. Uma vez ligado à experiência de vida das pessoas, esse discurso apresenta-se com possibilidades de ser transmitido e aprendido pelos leitores, bastando apenas utilizarem exercícios, técnica e seguir os conselhos. Esse discurso ensina a lidar com as emoções e habilidades sociais, as quais não são ensinadas pela escola, mas acabam entrando nela, por meio de projetos, cursos e formação. Essa é uma das vias pela qual a autoajuda é introduzida na escola. Não é a única, todavia, talvez seja a mais eficiente, pois passa a figurar no rol de atividades didático-pedagógicas da escola ou nos momentos de planejamento do ano escolar, É por esse caminho que Augusto Cury, assim como outros autores, chega à escola. No entanto, o caminho que torna mais profícua a presença desses discursos na escola, sobretudo nas escolas privadas, se efetiva pela venda de projetos pedagógicos. Cury tem vendido às escolas privadas o “Escola da Inteligência”, o qual é comprado por essas instituições, com o objetivo de ensinar aos alunos a se tornarem líderes de si mesmos, principalmente devido ao cuidado com as emoções. No site oficial da Escola da Inteligência (<https://www.escoladainteligencia.com.br/>), é possível identificarmos um *link* em que figuram a escolas conveniada, e, inclusive, possibilita uma busca para sabermos qual é a escola mais próxima de nós que possui o convênio, além de um convite para o educador levar o programa “Escola da Inteligência” para a escola.

Uma segunda característica, segundo Marín-Díaz (2015), é que esses discursos são apresentados e vinculados às disciplinas acadêmicas, sobretudo àquelas fundamentadas em saberes psicológicos, as quais têm orientado o mundo social e, por conseguinte, têm forte incidência sobre os indivíduos. Assim, abordar assuntos relacionados aos interesses do aluno, reconhecendo-os como o foco para o qual se deve voltar a motivação e a produção de disposições, sentimentos e emoção é condição para o sucesso do aluno, no processo educativo, o qual se estende para a vida toda. Ao procurar se referendar em discursos científicos, particularmente naqueles oriundos do campo das ciências Psi, a autoajuda busca-se autovalidar como um saber científico. Augusto Cury é um psicoterapeuta, e esse constitui um dos motivos pelos quais seu discurso é validado e aceito pela comunidade educacional, especialmente por aquelas instituições privadas preocupadas em vender, para uma clientela de classe média, as promessas de uma educação empreendedora, em sintonia com as novidades profissionais do mercado. Cury é um dos escritores mais requisitados para dar palestras, seminários e cursos de formação em escolas e empresas, além de prestar assessoria para essas instituições, vendendo seus produtos/projetos. Segundo o *site* oficial da “Escola da Inteligência”, o autor tem suas obras publicadas em mais de setenta países e foi considerado o escritor mais lido da década, com mais de 24 milhões de livros vendidos.

Por fim, uma última característica desses discursos, de acordo com Marín-Díaz (2015), e que nos permite compreender o surgimento e difusão dos mesmos, é que eles são apresentados como conhecimentos abrangentes e amplos, uma vez que abordam diferentes assuntos, pois neles podemos encontrar “dicas”, conselhos e regras para resolver os nossos problemas. Desse modo, esses autores se colocam como uma espécie de *expertise* pedagógica, pois assumem uma posição de quem sabe orientar na resolução de problemas, presentes, cotidianamente, no ambiente escolar. “São discursos com uma visão suficientemente panorâmica, que se oferecem com um razoável efeito explicativo e interpretativo para serem usados em um amplo leque de situações das quais as práticas escolares e formativas não escapam.” (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 207).

Buscamos, até o momento, evidenciar os vínculos existentes entre neoliberalismo, biopolítica e autoajuda. Esta última é pensada neste trabalho como tecnologia por meio da qual o mercado busca gerir e organizar a vida dos indivíduos, em que os mesmos são pensados como uma “competência-máquina”. É dessa perspectiva que o discurso de autoajuda, em sua face empresarial, direcionada à educação, é examinado nesta Dissertação como aliado dessa lógica do capitalismo neoliberal. Com orientações de construção do

próprio *Eu* e transformação de si mesmo, a autoajuda, nos termos aqui sugeridos, busca estimular e convencer os leitores a serem empresários de si. Desse modo, a autoajuda passa a figurar como um dispositivo, como uma prática, que compõe o amplo repertório da governamentalização da vida, na atualidade. Talvez ela configure mesmo a face mais sedutora dos processos de subjetivação e de governo da vida pelo capital.

Ao tratar dos processos de governamentalização da vida, Foucault (2008) acredita que essa ideia de governo, em sua gênese, precisa ser buscada no Oriente, nos períodos pré e pós-cristão. Para o pensador francês, essa ideia “[...] sob duas formas: primeiramente, sob a forma da ideia e da organização de um poder tipo pastoral, depois sob a forma da direção de consciência, da direção das almas.” (FOUCAULT, 2008, p. 166).

Na aula de 8 de fevereiro do curso “Segurança, Território, População”, Foucault (2008) analisa o nascimento da governamentalidade, a partir da ideia da pastoral cristã, a qual secularizou o poder pastoral, que, por sua vez, consiste num poder com características específicas. De acordo com o filósofo, os líderes, chefes de Estado ou os deuses são apresentados como os pastores e os homens, o seu rebanho. Isso pode ser observado no Oriente antigo, especificamente no Egito, como, por exemplo, na coroação do faraó, o qual recebe as insígnias de pastor. Mas é entre os Hebreus que essa ideia do poder pastoral é intensificada.

Na tradição hebraica, segundo Foucault (2008), o poder do pastoreio pertence a Deus e o povo constitui o seu rebanho. Os profetas que têm a incumbência do pastoreio a recebem apenas como um cargo, o qual deve ser devolvido, pois a relação primeira é entre Deus e o seu povo, compreendida como Deus sendo o pastor e o povo, o rebanho. Diferentemente dos gregos, para quem os deuses, ainda que fundem cidades, protejam os humanos e os aconselhem, jamais os conduzem como ovelhas. Ou seja, as características do poder pastoral dos gregos são diferentes do pastoreio dos hebreus, o qual tem marcas específicas:

Esse poder do pastor, que vemos tão alheio ao pensamento grego e tão presente, tão intenso no Oriente mediterrâneo, principalmente entre os hebreus, como ele se caracteriza? Quais são seus traços específicos? Creio que podemos resumi-los da seguinte maneira. O poder do pastor é um poder que não se exerce sobre um território, é um poder que, por definição, se exerce sobre um rebanho, mais exatamente sobre o rebanho em seu deslocamento, no movimento que o faz ir de um ponto a outro. O poder do pastor se exerce essencialmente sobre uma multiplicidade em movimento. O deus grego é um deus territorial, um deus *intramuros*, tem seu lugar privilegiado, seja sua cidade, seja seu templo. O Deus hebraico, ao contrário, é o Deus que caminha, o Deus que se desloca, o Deus que erra. Nunca a

presença desse Deus hebraico é mais intensa, mais visível, do que, precisamente, quando seu povo se desloca e quando, na errância do seu povo, em seu deslocamento, nesse movimento que o leva a deixar a cidade, as campinas e os pastos, ele toma a frente do seu povo e mostra a direção que este deve seguir. (FOUCAULT, 2008, p. 168).

Na ideia do pastoreio hebraico, de acordo com Foucault (2008), o poder não é exercido sobre um território, mas sobre uma multiplicidade em movimento. Além do mais, uma ideia que não podemos deixar de mencionar nesse poder pastoral é a sua função benfazeja, é um poder que faz bem àqueles que a ele são submetidos, pois “[...] o objetivo essencial, para o poder pastoral, é a salvação do rebanho.” (FOUCAULT, 2008, p. 170). Esse poder é assim caracterizado como um poder que sustenta e que cuida, não se manifestando pela força e superioridade, porém, pela dedicação, de sorte que o pastor é o zelador, preocupado com as ovelhas e a serviço delas.

Conforme Foucault (2008), o poder pastoral caracteriza-se também como um poder individualizante, ou seja, o pastor é aquele que cuida, conta e zela por cada uma das ovelhas e, ainda que esteja olhando todas as ovelhas do rebanho, ele olha individualmente e, por isso, tem um poder finalizado sobre a ovelha.

A introdução do poder pastoral no mundo ocidental, na perspectiva hebraica, se deu através da igreja cristã, a qual organizou esse poder por meio de dispositivos. “Nesta tecnologia de poder, o cristianismo dos primeiros séculos introduz significativas transformações em, pelo menos, quatro planos.” (KOHAN, 2003, p. 85). Seguimos aqui os comentários de Kohan (2003). A *primeira* transformação se dá na ordem da responsabilidade do pastor pelo rebanho e por cada um dos membros, estabelecendo um vínculo moral entre ambos; na *segunda*, a relação entre ambos é de dependência, e a obediência consiste numa virtude; na *terceira*, o conhecimento individualizante do pastor em relação aos membros, tais como o saber acerca das suas necessidades, suas ações, e o conhecimento revelado por cada indivíduo, sobre a verdade e seus segredos, isto é, precisa conhecer o interior de cada um, “[...] para o que o cristianismo apropria-se de dois instrumentos essenciais do mundo helênico: o exame e a direção da consciência” (KOHAN, 2003, p.85); e, por fim, a *quarta* mudança, as técnicas da obediência, confissão, exame e direção da consciência objetivam a induzir o rebanho a se mortificar para o mundo terreno, renunciando a si mesmo e a esse mundo, de maneira constante. Toda a tecnologia pastoral é adaptada pelo Estado para atender às suas necessidades.

Segundo Duarte (2010), essa concepção de poder pastoral será apropriada pelo Estado, para que o mesmo possa conduzir seus súditos. Tal como o pastor fizera com a ovelha, a razão do Estado moderno terá como objetivo exercer o poder de “[...] maneira meticulosa, combinando as técnicas de vigilância policial das condutas humanas com o controle da atividade econômica dos produtores e comerciantes.” (DUARTE, 2010, p. 247). Ocorre, desse modo, a laicização do poder.

Na análise do poder pastoral, Foucault encontra o ponto para compreender a governamentalidade do Estado moderno, o qual se apropria das técnicas do pastoreio para exercer o seu poder sobre a população e sobre os indivíduos. Na modernidade, conforme assinalamos, o poder pastoral se laiciza e adquire uma nova racionalidade, a qual se distribui por diversas instituições estatais e empresas privadas. Nesse caso, já não se trata apenas de exercer o governo da população nos moldes mais amplos da biopolítica emergente no final do século XVII e início do século XVIII, contudo, com o processo de industrialização e com o avanço recente das inovações tecnológicas e, por conseguinte, com a sofisticação das formas de controle sobre a vida. Dessa forma, o exercício do governo das condutas dos indivíduos, por parte do Estado e sobretudo do mercado, tornou-se mais refinado e mais incisivo. Ao abordar a sofisticação das formas de governo da vida na atualidade, recorrendo a Deleuze e a Foucault, Pelbart (2007) a examina em termos de uma tendência do poder em penetrar as diferentes esferas da existência. O nosso corpo, os nossos afetos, a nossa inventividade, imaginação, sonhos, o nosso psiquismo e inteligência, enfim, todas essas instâncias foram colonizadas pelos poderes do capital, das ciências e do mercado. É dessa perspectiva que discursos de autoajuda se apresentam como uma das formas contemporâneas de exercício do biopoder, o qual se impõe através de uma série de dispositivos indutores de processos de subjetivação que visam a transformar os indivíduos em empreendedores. Esse processo se dá via uma governamentalidade educacional, mediada pelo discurso de autoajuda, aos modos do poder pastoral.

De acordo com Kohan (2003), assim como a velha forma de poder, o poder pastoral, não está isenta de racionalidade, o poder pastoral contemporâneo, mesmo que não se exerça, necessariamente, a partir da figura e presença físicas do pastor, se espalha por diferentes esferas da existência e se faz ouvir pela voz de *expertises* que se escondem por trás das especialidades dos saberes. Nikolas Rose (2013) nomeia essas novas *expertises* de “peritos da vida em si mesma” (p. 47) e de “novos poderes pastorais” (p. 48). O autor apresenta uma lista longa do que ele chama de “peritos somáticos”, os quais têm como tarefa indicar aos

indivíduos os cuidados que devem ser tomados com o corpo, enfim, com a saúde. No final dessa lista, ele inclui os conselheiros: “E há os conselheiros – conselheiros de toxicodependentes, conselheiros sexuais, conselheiros de família e de relacionamentos, conselheiros saúde mental, conselheiros educacionais [...]” As *expertises* em autoajuda poderiam ser incluídas nessa lista, no rol dos conselheiros educacionais, fazendo parte, portanto, dos “novos poderes pastorais”.

A atuação desses “novos poderes pastorais”, incluídos aí as *expertises* em autoajuda, se dá através do consentimento esclarecido e da autonomia dos sujeitos, os quais devem assumir a responsabilidade pelo próprio futuro. Por isso mesmo, investe-se pesadamente em tecnologias para administrar a comunicação e a informação com um caráter normativo, portanto, claramente direcional. Na verdade, as fronteiras entre a coerção e consentimento ficam obscurecidas. A comunicação e a informação, assinala Rose (2013, p. 49), “[...] transformam as subjetividades daqueles que são aconselhados, oferecendo-lhes novas linguagens para descrever suas situação [...]” Nos casos específicos analisados por Rose (2013), trata-se de pensar os efeitos dos discursos dos neurocientistas da medicina sobre a vida dos indivíduos.

De todo modo, é importante destacar que as *expertises* da autoajuda proliferam através das mídias sociais, periódicos, palestras, encontros e personagens midiáticas. Cada um desses especialistas está cercado “[...] por um rebanho de popularizadores, escritores e jornalistas [...] dos quais tal *expertise* depende.” (ROSE, 2013, p. 49 – grifo do autor).

O esforço em aproximar ou incluir a autoajuda no rol dos novos poderes pastorais tem como objetivo deixar claro que há, nesses discursos, uma racionalidade, a qual fica mais evidente quando estes são direcionados à educação. “É possível perceber na narrativa da autoajuda algumas características que expressam essa articulação dos discursos de autoajuda com práticas pedagógicas e de ambos com a racionalidade liberal e neoliberal.” (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 205). Existem, nesses discursos, uma intencionalidade, pois há neles o claro interesse em prescrever “[...] normas de conduta para agir no social, operando no plano individual.” (TURMINA, 2014, p. 272).

Almejando a produção do eu e a sua transformação, aliadas às demandas do tempo presente, o pastor que conduz sua ovelha perscruta sua alma. Obviamente, nesse caso, não se trata de um exercício que se dá na proximidade física, conforme demarcamos acima. No entanto, a maneira como o discurso é pronunciado visa a todos e a cada um, em particular. Ao

orientar o indivíduo, o discurso de autoajuda estabelece condutas, e o leitor, ao adotá-las para si, produz novos vínculos e novas relações consigo e com os outros. Há, sem dúvidas, uma intenção de cooptar o leitor ou ouvinte. De qualquer maneira, há um apelo dirigido ao sujeito, convocando-o a tomar uma atitude, a corrigir seus hábitos, pensamentos e ações, ao mesmo tempo em que tenta convencê-lo de que a busca pela felicidade e pela realização pessoal é imprescindível. A relação entre o discurso e o ouvinte é uma relação de saber-poder e, por isso, a obediência, tal como no poder pastoral secularizado, é uma virtude. Aqueles que são obedientes serão capazes de alcançar o sucesso e a felicidade. Com várias orientações apresentadas no discurso, o indivíduo que as segue e tem disciplina para segui-las é capaz de alcançar uma vida de sucesso no trabalho, na educação dos filhos, na vida amorosa e em qualquer outro empreendimento.

Do mesmo modo que o poder pastoral tenciona dirigir as consciências e produzir nos sujeitos disposições no acatamento das orientações, essas orientações podem não ser aceitas, mas podem ser rejeitadas, contraditas ou podem contrapor-se a certas condutas. Assim também parecem funcionar os discursos de autoajuda: por mais incisivos que sejam, por mais que prometam, em termos de resultados futuros, os indivíduos podem recusá-los, podem lê-los e não se sentir convencidos, embora haja neles a promessa de felicidade e de apaziguamento. No entanto, é importante sublinhar que, em ambos os casos, o que se busca é conduzir as consciências pela força individualizante que apresenta o discurso. É o discurso que quer sempre o bem de cada indivíduo. Em hipótese alguma, o pastor – a autoajuda – conduz as ovelhas para lugares em que possam correr algum perigo.

Entretanto, para que a direção do pastor seja eficaz, é necessário que o membro do rebanho seja capaz de confessar suas necessidades, a fim de que, sendo conhecidas pelo pastor, este possa conduzi-lo da melhor forma possível. Temos aqui um elemento essencial do poder pastoral, que é a ideia de confissão. A confissão se faz presente no instante em que o indivíduo reconhece suas necessidades e, nesse sentido, procura as orientações e os conselhos dos manuais de autoajuda. As necessidades são como que confessadas pelo próprio mercado, o qual passa a demandar dos indivíduos determinadas competências e habilidades. Faz isso incutindo nos sujeitos a culpa por não estarem à altura das exigências contemporâneas. O fenômeno de consumo de autoajuda talvez se deva a essa confissão pública, ou se coloca como uma espécie de confissão pública, que vai ao encontro da alma do penitente. Na realidade, parece ocorrer uma inversão nos papéis confessionais. Já não é mais o penitente que confessa os pecados, mas o pastor, como *expertise*, que se apresenta e se antecipa, num

misto de intuição e sabedoria, dizendo como os indivíduos devem conduzir suas vidas em consonância com o espírito do tempo:

O livro de autoajuda não é novo, mas só no século XX ele se tornou um fenômeno de massa. O número exato de exemplares vendidos é impossível de calcular, mas só os 50 clássicos desta seleção ultrapassaram a barreira dos 150 milhões de cópias. Se considerarmos os milhares de outros títulos, o número final passa de meio bilhão. Eles são comprados por pessoas comuns, interessadas em fazer algo de suas vidas e dispostas a acreditar que o segredo do sucesso pode ser encontrado num livro de bolso. (BUTLER-BOWDON, 2006, p. 10).

Levando-se em consideração esse fenômeno, a autoajuda constitui uma saída e uma salvação para aqueles que aceitam ou que passam a ver nela a última ilusão travestida de promessa de sucesso no trabalho, quando já não há mais trabalho para todos. De promessa de felicidade, quando estamos condenados a ela, e que tudo depende do esforço pessoal e da disposição de cada um em se adequar à precariedade do mundo do trabalho e da expropriação de direitos, como tem acontecido na versão do capitalismo neoliberal. O discurso de autoajuda se coloca como a voz redentora, a luz que ilumina as trevas. Quando as saídas políticas, econômicas e sociais não se apresentam à vista e há dificuldades em construí-las, o solo para a proliferação e a aceitação desses discursos está preparado:

Para os desesperados, que já fazem qualquer negócio, autoajuda é tábua de salvação, porque aparece como promessa primeira, e talvez última, à mão. Para os piedosos, que pretendem alimentar o espírito próprio e dos outros com salmos e outras invocações, autoajuda é reza de toda hora e corresponde a expectativa do milagre. Ao fundo, porém, a autoajuda é a transudação natural de um ser extremamente frágil, que não dá conta de si mesmo, precisa de transcendência e tende a colocar seu destino em mãos que imagina superiores. (DEMO, 2005, p. 09).

Imersos em tempos onde a autoajuda parece conduzir uma grande parcela dos indivíduos, ao menos se tivermos em vista o volume de publicação dessa literatura, parece-nos que o desafio é pensarmos nas formas de resistência ou contraconduta com relação a esse discurso. Talvez a questão central seja: por quem queremos ser governados? Na análise do poder pastoral, Foucault (2008) aborda as formas de contracondutas desse poder pastoral, as quais demandariam maneiras novas de redistribuir, inventar, anular e desqualificar o poder dessa literatura, na economia do governo de condutas e na produção de verdades e produção da obediência.

Portanto, a ideia de governamentalidade, compreendida como uma arte de governar, foi desenvolvida por Foucault para pensar o problema do Estado e da população. Nessa

perspectiva, segundo Foucault (2008), é necessário supor que governar não seja sinônimo de reinar ou comandar, e que vai além do domínio sobre um território e nem fica restrito apenas às práticas disciplinares. Além do mais, a palavra *governar* pode se referir a diferentes significados, entre os quais o de conduzir alguém, impor regime, conduta. “Governar pode se referir também a uma relação entre indivíduos, relação que pode assumir várias formas, seja a relação de mando e de chefia: dirigir alguém, controlá-lo.” (FOUCAULT, 2008, p. 163).

Conforme Foucault, governar engloba uma ideia clara, a de que se governam homens e indivíduos e não estruturas ou território, ou seja, “[...] os homens é que são governados.” (FOUCAULT, 2008, p. 164). Tratando-se de um governo biopolítico, consiste numa espécie de governo que ultrapassa espaços físicos, mas é um poder disseminado em meio à população.

Nessa análise do poder, Foucault pensa o governo da vida também pela lógica neoliberal econômica, tendo por referência a Teoria do Capital Humano, a qual, em nosso entendimento, tal como o poder pastoral, se encontra presente no discurso de autoajuda.

Ao realizarmos uma análise da sociedade, fundamentada nessa discussão do poder pastoral, podemos afirmar que hoje estão visíveis, em nosso contexto, os elementos desse poder. Há uma multiplicidade de novos poderes pastorais, os quais se organizam a partir do sistema neoliberal. Em diferentes contextos, contudo, seguindo a mesma lógica do *poder* neoliberal, é possível identificar novas formas de condução, que estão articuladas aos rearranjos do capitalismo contemporâneo.

Nesse contexto, o *poder* é o mercado, o qual sintetiza a forma de organização do sistema econômico capitalista. Não é de estranharmos a definição do mercado enquanto um deus, em nossos tempos, o qual funciona como uma grade por onde passam todas as decisões (FOUCAULT, 2008). A noção de mercado é muito ampla, no entanto, é oportuno frisar que ele ganha forma nas empresas que ordenam o sistema econômico capitalista – empresa entendida como uma alma, como um gás, que impregna todos os espaços (DELEUZE, 2010), incluindo a educação escolar.

A empresa é instituição representante e modelo. Diferente da fábrica, que se centra em apenas reproduzir artigos manufaturados, a empresa, antes, vende um mundo e posteriormente o materializa em produtos e serviços (VEIGA-NETO, 2011) Cabe à empresa gerenciar, via organização, o poder que lhe é delegado pelo mercado. É nesse sentido que o poder empresarial, enfim, a racionalidade empresarial, torna-se *pastor* no sistema capitalista

contemporâneo. Esse poder serve de modelo para outras áreas e instituições que, por muito tempo, não estavam submetidas aos interesses da economia (FOUCAULT, 2008).

As empresas atuais, em suas organizações, antes mesmo de exercer o poder, para fins de melhor conduzir o rebanho, procuram estabelecer vínculos com os indivíduos. É muito comum, conforme menciona Veiga-Neto (2011), que as empresas tenham se caracterizado por pesquisas e desenvolvimento de comunicação e *marketing*. “O *marketing* é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente de nossos senhores.” (DUARTE, 2010, p. 264). Não se trata de uma condução sem intenções; pelo contrário, é necessário conhecer para cuidar e conduzir. O poder pastoral não se limita a um território, assim como a empresa, a qual “[...] flutua no ciberespaço, tendo apenas uma frágil ancoragem num ponto do espaço material” (VEIGA-NETO, 2011, p. 40). Isso podemos identificar com as transnacionais, as quais estão presentes em diferentes espaços do planeta Terra, embora com a mesma marca, missão, visão e valores. Independentemente de quais produtos ou serviços ofereçam, essas empresas se reconhecem como *logos* ou *marcas* que cuidam do indivíduo, e que, por conseguinte, têm o melhor a oferecer-lhe para a sua realização, felicidade, saúde e conforto. É dessa perspectiva que atuam as estruturas de *marketing*.

O movimento realizado no presente capítulo teve como objetivo indicar alguns possíveis vínculos entre governo da vida, poder pastoral e a autoajuda. Não nos ocupamos em caracterizar de forma detalhada os enunciados e características da autoajuda, particularmente o modo como ela aparece nas obras de Augusto Cury, em suas interfaces com a educação escolar. Isso será feito num capítulo posterior. A relação entre autoajuda e os elementos mais amplos do governo biopolítico contemporâneo passa pela forma como o poder econômico, em sua racionalidade empresarial, invade diferentes esferas da existência.

Podemos enfatizar, seguindo Foucault (2008), que o capitalismo não atua somente na exploração da força de trabalho, no registro da produção da mais-valia no contexto do modelo de fabril inaugurado pelo fordismo: atua agora no âmbito da produção de capital humano, na qual o que mais importa é a produção de capital raro para concorrência no mercado. O que interessa, nesse novo contexto da exploração da racionalidade do empreendedorismo empresarial, é a produção de competências e habilidades flexíveis que possibilitem a adaptação dos indivíduos aos novos modelos de produção. É nesse contexto que a autoajuda emerge como um conjunto de saberes, práticas e técnicas discursivas as quais buscam, explicitamente, mobilizar, nos sujeitos, afetos, disposições, desejos e competências que estejam em sintonia com a nova maquinaria do capital.

No capítulo seguinte, focalizaremos os elementos da autoajuda e, no terceiro e último capítulo, faremos essa abordagem seguindo algumas obras de Augusto Cury, as quais nos ajudam a explicitar melhor essa trama.

## CAPÍTULO 2

### O DISCURSO DE AUTOAJUDA EM PERSPECTIVA

“*Suba ao palco* e determine ser alegre, tranquilo, conquistar o que mais ama, ser líder de si mesmo.” (CURY, 2012, p.63). Essa é uma das falas de Augusto Cury, encontrada numa de suas principais obras, *Seja líder de si mesmo*, publicada pela editora Sextante. Nessa obra, Cury estabelece uma comparação entre a mente humana e um fascinante e belo teatro e, logo de início, convida os seus leitores a pensarem em que lado eles estão, no palco, sendo autores da própria peça, ou sendo espectadores passivos. No decorrer do livro, Cury identifica o quanto nós não somos preparados para sermos líderes do nosso mundo psíquico. De acordo com o escritor, precisamos investir em nós mesmos. Voltaremos a discutir sobre essa temática no próximo capítulo.

A frase de Augusto Cury, com que iniciamos esta discussão, circula de diferentes maneiras e formatos: cursos, palestras, vídeos e livros. Em todo esse material, há uma característica que se repete em forma de bordão, segundo o qual “[...] a força do indivíduo vem de sua capacidade de exercitar o seu pensamento positivo.” (MARTELLI, 2006, p. 15).

Com o intuito de aprofundar nossa discussão acerca do discurso de autoajuda, buscamos compreender a sua história e gênese, a partir do levantamento de obras que tivessem tratado desse assunto. A seguir, apresentamos dez livros e uma tese de doutorado sobre a temática. A ideia não é fazer um estudo do tipo estado da arte, mas apresentar um panorama que nos possibilite situar os aspectos gerais desse discurso, sem a intenção de esgotá-lo. Os critérios para a escolha dessas obras foram definidos a partir da abordagem ampla e informativa sobre o tema, a qual trouxesse uma visão acadêmica, investigativa e crítica sobre o assunto.

OBRA	REFERÊNCIA
<i>A essência da Auto-ajuda</i> : a essência da sabedoria	CARVALHO, Paulo de Barros. <i>A essência da</i>

dos grandes gênios de todos os tempos.	<i>Auto-ajuda: a essência da sabedoria.</i> São Paulo: Martin Claret, 2004 (Coleção Pensamentos e Textos de Sabedoria, v. 18).
<i>Auto-ajuda e gestão de negócios: uma parceria de sucesso.</i>	MARTELLI, Carla G. Giani. <i>Auto-ajuda e gestão de negócios: uma parceria de sucesso.</i> Rio de Janeiro: Azougue, 2006.
<i>Literatura de auto-ajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea.</i>	RÜDIGER, Francisco. <i>Literatura de auto-ajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea.</i> Porto Alegre: UFRGS, 1996.
<i>Autoajuda nas relações de trabalho: formação ou conformação.</i>	TURMINA, Adriana Cláudia. <i>Autoajuda nas relações de trabalho: formação ou conformação?</i> São Paulo: SENAC São Paulo, 2014.
<i>O sujeito imaginário no discurso de Auto-Ajuda</i>	CHAGAS, Arnaldo Toni Sousa das. <i>O sujeito imaginário no discurso de auto-ajuda.</i> Ijuí: Unijuí, 2002.
<i>A ilusão no discurso da autoajuda e o sintoma social.</i>	CHAGAS, Arnaldo Toni Sousa das. <i>A ilusão no discurso da autoajuda e o sintoma social.</i> 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2001.
<i>Autoajuda, educação e práticas de si: genealogia de uma antropotécnica.</i>	MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. <i>Autoajuda, educação e práticas de si: genealogia de uma antropotécnica.</i> 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
<i>O seu último livro de auto-ajuda: reprima sua raiva, pense negativamente, culpe os outros, sufoque sua criança interior.</i>	PEARSALL, Paul. <i>O seu último livro de auto-ajuda: reprima sua raiva, pense negativamente, culpe os outros, sufoque sua criança interior.</i> Tradução de Helena Maria Nascimento. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
<i>Prática de subjetivação e construção identitária: o sujeito no entremeio da autoajuda e da ciência.</i>	DUARTE, Sirlene. <i>Prática de subjetivação e construção identitária: o sujeito no entremeio da autoajuda e da ciência.</i> 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2008.
<i>Autoajuda em conflitos: uma metodologia para reconhecimento e solução de conflitos em organizações.</i>	GLASL, Friedrich. <i>Autoajuda em conflitos: uma metodologia para reconhecimento e solução de conflitos em organizações.</i> Tradução de Karin Stasch. São Paulo: Antroposófica: Adigo, 2012.
<i>50 clássicos de auto-ajuda: dos sábios da antiguidade aos gurus contemporâneos, 50 livros para transformar sua vida.</i>	BUTLER-BOWDON, Tom. <i>50 clássicos de auto-ajuda: dos sábios da antiguidade aos gurus contemporâneos, 50 livros para transformar sua vida.</i> Tradução de Pedro Jorgensen Junior. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

De acordo com Dooley (2014), há quatro dimensões dos discursos a) a *forma de produção*, que se refere ao número de falantes, podendo ser monólogo ou diálogo; b) o *tipo de conteúdo*, que é o gênero do texto; c) o *modo de produção*, referente ao estilo e registro; e d) o *canal de produção*, podendo ser oral ou escrito. Entretanto, nosso foco não consiste em realizar uma análise detalhada do discurso de autoajuda, dos modos linguísticos, examinando suas dimensões. Portanto, a pesquisa das obras mencionadas no quadro acima foi realizada na tentativa de compreender a definição e as características específicas desse discurso. O discurso de autoajuda possui um falante, conteúdo e canais de produção, entre os quais se

encontram livros, áudios e revistas. “Na última década do século XX, a autoajuda ganhou evidência: proliferaram livros, apresentações, palestras, etc.” (TURMINA, 2014, p. 21).

Antes de avançarmos na caracterização dos discursos de autoajuda, gostaríamos de sugerir, seguindo Foucault (2009), em sua aula inaugural no Collège de France, proferida em 02 de dezembro de 1970, que a autoajuda se insere no amplo espectro da ordem discursiva, a qual se tem constituído numa disputa clara com os chamados saberes científicos, sobretudo com os saberes oriundos do campo das ciências *Psi*. A nossa preocupação não é entender se a autoajuda é ou não um saber científico, mas evidenciar que ela se insere e se faz reconhecer como parte de uma ordem discursiva situada na fronteira de diferentes saberes: psicologia, administração empresarial, neurociências. Portanto, ela se inscreve numa ordem discursiva, com todos os matizes de poder-saber.

Para Foucault (2009), todo discurso se inscreve numa determinada ordem discursiva, a qual oculta, em sua história, lutas, disputas e formas de dominações. Esses aspectos ásperos do discurso foram esquecidos pelo uso do próprio discurso, em que seus poderes e perigos não se fazem sentir. É como se o discurso simplesmente expressasse a ordem natural das coisas e com elas se identificasse. No entanto, ressalta Foucault (2009, p. 08-09):

[...] em toda sociedade de produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Assim, todo discurso se insere numa ordem discursiva, que lhe confere legitimidade. Não é qualquer um que pode dizer qualquer coisa em qualquer circunstância, mas, antes, é necessário que se esteja situado num registro que se faça aceito, que se faça reconhecido, lembra Foucault (2009). O problema, para Foucault, reside no fato de que o discurso se esquivava de evidenciar que é lhe intrínseca a ligação entre desejo e poder. Mais do que isso, o discurso não só traduz lutas e disputas, mas ele é objeto de desejo, do qual queremos nos apoderar.

Assim, Foucault nos leva a pensar no que há de perigoso na fala das pessoas e em seus discursos proferidos, aventando uma hipótese, de acordo com a qual o discurso é uma produção, que seleciona, organiza e controla, através de procedimentos que visam, com seus poderes, a dominar acontecimentos:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos nos apoderar. (FOUCAULT, 2009, p.10).

Ao relacionarmos essa reflexão de Foucault, acerca do discurso, com o discurso de autoajuda, poderíamos supor que o discurso de autoajuda contém em si algo que pode ser singular, terrível e maléfico, principalmente no que se refere à condução de condutas. Na realidade, não se trata de demonizar os discursos denominados de autoajuda, de tratá-los como o mal, contra o qual será contraposto o discurso do bem, mas de entender de que modo neles se articulam saber-poder, os quais induzem comportamentos ao mesmo tempo em que alimentam novos discursos. O desafio consiste em pensar a autoajuda como uma forma de governo (governamentalização) que visa sujeitar os indivíduos pelos mecanismos de poder em sua articulação com os saberes. Aquele que o pronuncia tem o poder, inclusive de conduzir condutas a partir de uma governamentalidade que visa interesses. Nesse sentido, é possível lançar a hipótese de que a produção do discurso de autoajuda, por essa leitura foucaultiana, ocorre de maneira organizada, pensada e com objetivos definidos, os quais para nós se referem ao governo de condutas. Há no discurso uma carga de poder, ele é “[...] carregado de terríveis poderes.” (FOUCAULT, 2009, p.13)

Antes, porém, de adentrarmos na compreensão do conceito de autoajuda, a partir das obras mencionadas acima, acreditamos ser interessante diferenciá-lo do discurso motivacional, definindo-o, uma vez que ambos são comumente compreendidos como análogos ou até mesmo como sinônimos. Entretanto, pensamos que são discursos distintos.

O discurso motivacional pode ser fundamentado na teoria da motivação humana. De acordo com Tanuma (2007), no campo da Psicologia, Abraham Maslow preconizou a teoria da motivação, a qual exerceu grande influência nos teóricos da administração e *marketing*, pois abordava os aspectos que determinam a motivação do comportamento humano:

Maslow dizia que o comportamento humano é determinado pelas suas necessidades; segundo ele, a motivação é o resultado de certos estímulos que, agindo sobre os sentidos de uma pessoa, fazem que o mesmo crie pensamento que gera uma ação específica; quando uma necessidade não é satisfeita, ocorre frustração que poderá resultar em estresse, agressividade,

insônia, disfunções orgânicas, além de falta de interesse, baixa auto-estima, entre outros problemas. (TANUMA, 2007, p. 60).

Conforme Tanuma (2007), Maslow elaborou uma pirâmide motivacional humana, na qual apresenta as necessidades do ser humano. Nessa pirâmide, há as *necessidades fisiológicas*, relacionadas ao biológico e que formam a base da pirâmide; as *necessidades de segurança*, associadas à busca da segurança; as *necessidades sociais*, atinentes ao desejo de se fazer parte de um grupo social, sendo amado, estimado e reconhecido; as *necessidades de estima*, que se referem à aprovação social; e, por fim, a *necessidade de autorrealização*, que concerne ao autoconhecimento e está ligada à consciência e participação em decisões.

A motivação tem ampla discussão na própria ciência da Psicologia, especificamente na área da Psicologia da Aprendizagem. Segundo Bock (2008), ao estudar a motivação, a Psicologia considera o ambiente, as forças internas do indivíduo e o objeto que o atraem, como sendo os três tipos de variáveis consideradas nesse estudo. “A motivação é, portanto, o processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação.” (BOCK, 2008, p. 137). Ou seja, há na base da motivação um organismo com um desejo, interesse ou predisposição para agir. Entretanto, há também um ambiente, nesse caso, algo exterior ao indivíduo; como exemplo, temos um discurso que estimula o organismo, oferecendo o objeto de satisfação. Ao pensarmos nessa concepção de motivação, sendo algo exterior ao indivíduo que o motiva a satisfazer a sua intenção e desejo, o discurso motivacional, proferido por alguém externo ao indivíduo, torna-se uma motivação, “[...] predispondo o organismo para a ação em busca da satisfação.” (BOCK, 2008, p. 137).

Diferentemente do discurso motivacional ou do discurso para a motivação, relacionado à *motivação*, “[...] conceito trabalhado por Skinner e pelas teorias condicionantes relacionadas à psicologia comportamentalista” (SCHWARTZ, 2014, p. 20), o discurso de autoajuda, em nossa compreensão, não tem a sua origem e fundamento no campo científico da Psicologia, todavia, fundamenta-se na experiência de vida do próprio autor, isto é, “[...] a força que a própria experiência tem para lhes conferir legitimidade.” (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 33).

Inicialmente, ao analisar esse conceito de autoajuda, por meio das obras mencionadas no início do capítulo, e procurando defini-lo, tomamos como orientação a ideia de Marín-Díaz (2015), que compreende o campo de exploração acerca dos livros de autoajuda como muito

amplo, o que torna impossível cobri-lo por inteiro. Ou seja, precisamos levar em consideração que há uma grande quantidade de livros de natureza e orientações diversas, como, por exemplo, os vinculados às religiões, aqueles direcionados ao sucesso profissional e à vida amorosa. Porém, de acordo com Rüdiger (1996), podemos afirmar que há três eixos temáticos presentes no discurso da autoajuda. Cada discurso de autoajuda é separado conforme as suas orientações. No primeiro eixo temático, encontra-se o discurso atrelado à concepção do *pensamento positivo*, cujas obras têm como objetivo orientar o indivíduo a se organizar diante dos problemas que emergem no cotidiano, como a conciliação entre lazer, família e trabalho, em tempos de grande competição. Segundo Duarte (2008), esse discurso parte do princípio de que os sujeitos estão sendo consumidos pelo tempo exagerado gasto com o trabalho. A solução para reverter essa situação seria o exercício da meditação, para o sujeito retomar a si mesmo, através de exercícios e pensamentos positivos. A repetição de frases positivas, a exemplo de “eu posso”, “eu quero”, é um exercício indispensável. “Essas estratégias podem ser encontradas em linhas temáticas do tipo ‘pense positivo’, ‘o poder da mente’, ‘administre seu *stress*’, ‘aumente o poder de sua memória’, ‘saiba viver pessoalmente’.” (DUARTE, 2008, p.15).

Num segundo eixo temático, outro direcionamento encontrado no universo do discurso de autoajuda é o discurso voltado para as *condutas morais*. Duarte (2008) sublinha que o sucesso depende da superação da descrença que o sujeito tem dele mesmo para constituir um sujeito moral, de acordo com as expectativas que a sociedade define para ele. Título de obras tais como *Como ser bom amigo* e *Como ser um filho dedicado* são típicos desse eixo temático.

Por fim, tem-se o eixo direcionado às *relações interpessoais*, que consiste em afirmar que o sucesso e a realização pessoal dependem de saber manipular o outro; para Duarte (2008), fazem parte desse direcionamento obras com títulos semelhantes a *Como intimidar amigos* e *Como trazer seus amigos para perto de você*. Segundo Duarte (2008), o livro de Dale Carnegie, intitulada *Como fazer amigos e influenciar pessoas: o guia clássico e definitivo para relacionar-se com as pessoas*, com mais de cinquenta milhões de exemplares vendidos, é uma obra de discurso de autoajuda pertencente a esse direcionamento que visa às *relações interpessoais*.

Com o objetivo de compreender a definição e as principais características dos discursos de autoajuda, selecionamos algumas obras que consideramos relevantes para a compreensão dos sentidos que compõem a autoajuda. Dentre as obras levantadas, *Autoajuda*

*nas relações de trabalho*: formação ou conformação, de Adriana Cláudia Turmina; *Literatura de auto-ajuda e individualismo*: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea, de Francisco Rudiger; e *Autoajuda, educação e práticas de si*: genealogia de uma antropotécnica, de Dora Lilia Marín-Díaz, são de grande valia para a compreensão desse conceito.

Segundo Turmina (2014), na última década do século XX, tivemos a expansão rápida das publicações de autoajuda, principalmente dirigidas às relações de trabalho. De acordo com essa autora, o gênero de autoajuda tem origem no século XIX, quando Samuel Smiles lança seu livro *Self-Help*, em 1859, lançado em edição portuguesa, sob o título *Ajuda-te*, em 1886. Essa obra de Smiles foi traduzida e publicada em vários idiomas, e estima-se que, em menos de quarenta anos, atingiu 280 mil exemplares vendidos, apenas na Inglaterra.

Samuel Smiles nasceu na Escócia, em 1812. Numa família grande, ele era o mais velho de onze irmãos. Filho de pais comerciantes, aos 14 anos, começou a se interessar pela aprendizagem da medicina, tornando-se aprendiz de um médico, e, no ano de 1829, ingressa no curso de Medicina da Universidade de Edimburgo, na Escócia. Enquanto universitário, Smiles participou ativamente na campanha para a reforma do Parlamento inglês, inclusive escrevendo vários artigos para um jornal semanal. Ao formar-se em medicina, volta à sua cidade natal, Haddington, para exercer a profissão. Segundo Turmina (2014), não se sabe exatamente quanto tempo Smiles exerceu a medicina, mas foi durante a sua formação que aprendeu a se interessar por questões políticas, tornando-se simpatizante de Joseph Hume, um político escocês. Samuel Smiles, situado em meio às mudanças políticas e sociais, advindas do processo de industrialização, presenciou o crescimento da classe operária inglesa e o crescimento urbano. Nesse contexto, as cidades aumentaram, com a chegada dos camponeses, os quais buscavam empregos nas fábricas. “Inversamente ao crescimento industrial e populacional, as mudanças nas relações de trabalho reduziam as condições e as possibilidades de uma vida digna aos trabalhadores.” (TURMINA, 2014, p. 50). Além disso, de acordo com Turmina (2014), homens e mulheres, inclusive crianças, eram submetidos a jornadas de trabalho desgastante.

Smiles desistiu da carreira de médico, começou a escrever discursos e, mesmo presenciando toda essa situação de exploração, não denunciava as más condições vividas pelos trabalhadores, de sorte que “[...] seus livros e palestras passaram ao largo dos problemas sociais da época.” (TURMINA, 2014, p. 50). Em suas obras, os conflitos de classes não são abordados. Nesse sentido, é possível afirmar que Smiles se aproxima mais dos socialistas

utópicos do que Engels e Marx. Explica-se o fato de não denunciar essa situação, embora o autor seja a favor da reforma social, porque ele defendia que esta fosse realizada por meios pacíficos e pela ação individual. Isto é, a reforma começaria pela mudança individual:

Desse modo, enquanto Karl Marx anunciava sua máxima, ‘Trabalhadores de todos os países, uni-vos’, buscando formar uma base unidade de trabalhadores que desejavam a revolução, Smiles acreditava na mobilização do indivíduo, mais do que na construção de uma nova sociedade. Para ele, as pessoas poderiam encontrar soluções através da autoajuda, se dedicando ao trabalho e visando desenvolver o caráter. (ARNOSTI, 2015, p. 51).

Logo, o caráter seria fundamental para que a reforma parlamentar pudesse acontecer e, assim, houvesse uma ascensão social por meio do trabalho. Entretanto, nos anos de 1850, Smiles decide deixar de lado a tentativa de reformar o parlamentar escocês, concentrando-se na divulgação de instrução popular, editando vários livros, os quais tinham, dentre suas características essenciais, grandes biografias como referenciais dos seus argumentos:

A exemplo de um grande número de pastores protestantes, a crença de que o conhecimento das histórias de vida de líderes da indústria, enfatizando o trabalho e o esforço como resultantes de sucesso, poderia proporcionar um estímulo para que outros alcançassem também patamares de sucesso, levou Smiles a buscar, nas biografias e nos fragmentos destas, uma estratégia para mobilizar os jovens trabalhadores ingleses. Smiles proferia palestras divulgando suas ideias sobre o desenvolvimento do caráter pelo cultivo de bons hábitos, da autoajuda, do valor da educação pelo trabalho, além do valor das biografias como modelos a serem seguidos. Em sua concepção, competia ao homem a condução de sua vida. (TURMINA, 2014, p. 57).

Podemos afirmar que algumas das principais características do discurso de autoajuda, presentes atualmente no mercado editorial, sobretudo nas obras de Augusto Cury, as quais discutiremos num capítulo próximo, têm semelhanças com a gênese desse discurso, em Smiles. Em sua principal obra, *Self-Help*, lançada em 1859, Smiles aborda aconselhamentos e ensinamentos, pautando-se na vida de homens ilustres, como uma maneira eficaz de atingir o seu leitor. Além das biografias, o governo das próprias ações, o treinamento, os exemplos de grandes empreendedores, a perseverança, a força de vontade, a disciplina, o cultivo de bons hábitos, a experiência do próprio autor/escritor de livros de autoajuda e as parábolas são recursos visíveis na obra de Smiles e que se tornaram marcas da literatura de autoajuda.

As orientações, aconselhamentos e ensinamentos são estratégias correntes nos discursos de autoajuda. “Os autores de autoajuda disseminam orientações de como ser e o que fazer para alcançar sucesso profissional e auferir riquezas, reconhecimento, status, mobilidade

social e etc.” (TURMINA, 2014, p. 30). Na gênese do discurso de autoajuda, Smiles (2012) afirma, no nono capítulo do referido livro, intitulado “Homens de negócios”, que os homens devem ser atenciosos, dedicados, metódicos e pontuais, principalmente no que se refere à condução e gestão dos negócios. Essas orientações também são encontradas nas obras de Augusto Cury.

Na versão portuguesa do livro de Smiles, “Ajude-se”, exatamente no primeiro capítulo, intitulado “Autoajuda: nacional e individual”, o autor destaca grandes personagens da História, pertencentes às áreas da literatura, ciências e artes, dentre eles Shakespeare, Newton e Nicolau Copérnico. Segundo Smiles, esses homens, independentemente de suas condições financeiras ou classe social, se glorificaram não apenas por meio da sua genialidade, mas também por meio do seu trabalho. Segundo Turmina (2014), o autor discute a importância do trabalho, destacando que “[...] aqueles que são mais persistentes e têm amor sincero ao trabalho, são, em geral, os que obtêm os maiores sucessos.” Citando uma dessas dezenas de biografias, assim se expressa Smiles sobre William Shakespeare:

Ninguém sabe ao certo o que William Shakespeare (dramaturgo e poeta inglês, 1564-1616) era, mais é inquestionável que ele veio de uma classe social humilde. Seu pai era açougueiro e criador de gado. Alguns dizem que o próprio Shakespeare penteava lã no início de sua vida, ao passo que outros afirmam que ele foi porteiro em uma escola e, depois, ajudante de escrivão. De fato, ele aparentou ter sido “a epítome não de um homem, mas de toda a humanidade”. Pois tal é a precisão de suas frases marítimas que um escritor naval alega que ele deve ter sido um marinheiro, enquanto um clérigo infere, da evidência interna de seus escritos, que ele provavelmente foi um ajudante de pastor, e um distinto conhecedor de cavalos, por sua vez, insiste que ele foi um comerciante de cavalos. Shakespeare era, certamente, um ator, e ao longo de sua vida ele “representou muitos papéis”, reunindo suas maravilhosas provisões de conhecimento de um vasto campo de experiência e observação. De qualquer forma, ele deve ter sido um aluno perfeito e um trabalhador empenhado, pois até hoje seus escritos continuam exercendo uma poderosa influência na formação do caráter inglês. (SMILES, 2012, p.14-15).

Constatamos que, tal como a biografia de Shakespeare, outras mais são utilizadas nesses discursos de autoajuda. “Biografias de homens notáveis, mas especialmente de homens bons, são todavia, mais instrutivas e úteis, como ajuda, guia e incentivos aos outros.” (SMILES, 2012, p. 13). Semelhante a Smiles, veremos que o autor por nós analisado, Augusto Cury, também emprega biografias, em seus discursos.

Visando a compreender a perspectiva desse discurso de autoajuda, a obra *Literatura de auto-ajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa*

contemporânea, de Francisco Rüdiger, nos possibilita ampliar a compreensão acerca das características e origens desse discurso de autoajuda, o qual consiste num “[...] conjunto de relatos, de manuais, de textos, às vezes multimídia, que ensina como conduzir a vida, sobrepujar a depressão, manejar com pessoas, exercitar a sexualidade, parar de fumar, prosperar financeiramente, etc.” (RÜDIGER, 1996, p. 09). Iremos nos deter nos pontos apresentados por Rüdiger, que, para nós, são fundamentais: origem e contexto do discurso, características e objetivos e a relação entre autoajuda e capitalismo.

Rüdiger (1996), ao buscar as origens da autoajuda, ressalta que Samuel Smiles foi realmente o criador do conceito de autoajuda e, ao analisar o contexto em que ele emerge, século XIX, processo de industrialização e condições precárias de trabalho e vida digna, reconhece que esse discurso visava a auxiliar o indivíduo a lidar com os desafios sociais vigentes na época, orientando-o a compreender e decidir o seu futuro, porém, de maneira individual e não coletiva. “O fundamental é a capacidade dos homens se elevarem e aperfeiçoarem eles mesmos pela ação livre.” (RUDIGER, 1996, p. 36).

O discurso de autoajuda, de acordo com Rüdiger (1996), caracterizado pelo princípio de autocultivo, não é um fenômeno novo, mas é possível encontrá-lo na Antiguidade, desde o tempo em que os homens tomam para si técnicas refletidas e voluntárias, almejando conduzir e legitimar as suas ações, e até mesmo transformando seu modo de ser:

As práticas de si (de autocultivo) que conhecemos desde tempos remotos, baseiam-se no exercício regular dessa faculdade, distinguindo-se dos processos de adaptação mais ou menos mecânica a um sistema de ação das práticas que “disciplinam” nosso comportamento na medida em que, contrariamente ao caráter instrumental, coercitivo e exterior dessas últimas, possuem um caráter reflexivo, moral e interior; não visam, em essência, a realização de uma ação social, mas à subjetividade ou ao modo de ser do seu agente enquanto campo de experiência e intervenção de um sujeito. (RUDIGER, 1996, p. 12-13).

Com base em Rüdiger (1996), compreendemos assim que esse discurso de autoajuda, fundamentado em princípios de práticas de si, objetiva construir uma subjetividade, utilizando-se de orientações práticas, procedimentos para que o indivíduo se transforme, em vista de determinados fins, dentre os quais podemos destacar a realização pessoal. Dessa forma, a literatura de autoajuda é uma mediação, por meio da qual os indivíduos podem construir a si mesmos, gerenciando-se e sabendo enfrentar os problemas que a contemporaneidade apresenta.

Nessa perspectiva, de acordo com Rüdiger (1996), a literatura de autoajuda é um discurso restrito aos indivíduos, visando a fornecer conselhos e propor regras de conduta. Não é um texto em que se expõe alguma doutrina, mas técnicas para que o leitor consuma e as aplique na prática. “O consumo destes manuais constitui, portanto, uma prática que, intencionalmente, deve transcender a simples leitura.” (RUDIGER, 1996, p. 21). Portanto, há, nessa literatura, uma difusão de modelos que influencia os leitores a pensar sobre si mesmos.

Para Rüdiger (1996), é possível compreender que, naquele cenário, as condições sociais foram determinantes para a ascensão desse discurso. Embora a existência humana seja marcada por diversos fatores, como as contradições do sistema vigente, os homens são responsáveis pelo seu próprio bem-estar. Esse constitui um argumento forte, no âmbito da literatura de autoajuda.

Semelhante ao contexto de surgimento do discurso da autoajuda, podemos salientar que esse discurso se fortalece em tempos marcados por grandes contradições sociais e econômicas. A atual conjuntura em que estamos inseridos, de um capitalismo voraz, tem como móvel a competitividade, a produtividade e a seleção dos mais adaptados a essa lógica. Tudo isso faz com que esse discurso, enfocando o investimento em si, seja tão disseminado e aceito pelo público, haja vista a quantidade de livros comercializados sob a rubrica da autoajuda. Há, assim, conforme afirma Rüdiger (1996), uma relação nítida entre a autoajuda e o modo de exploração no capitalismo.

De acordo com Rüdiger (1996), o contexto histórico sustenta as práticas de autoajuda e as transformações que ocorreram a partir da estrutura empresarial e do sistema de classes, nas primeiras décadas do século XX, as quais conduziram à apropriação e mercantilização da personalidade dos indivíduos. A literatura da tranquilidade (autoajuda) combina com os interesses alienadores do sistema capitalista, num contexto em que se tem a necessidade de novas personalidades, para o atendimento das demandas do mercado de trabalho. É dessa perspectiva que “[...] os dirigentes de empresa começaram então a lançar mão de novas técnicas para motivar seus empregados, e os profissionais passaram a procurar novos conceitos para moldar sua ação e estratégias de sobrevivência.” (RUDIGER, 1996, p. 130-131).

Em relação aos processos de motivar e formar personalidades, conforme discutimos acima, o contexto nos remete a pensar na presença do *Coaching*, no mercado. Mais adiante discutiremos essa temática do *Coaching*. Saber lidar de maneira correta com a potencialização

e a exploração do capital humano constitui a promessa para a ascensão nos negócios e, conseqüentemente, ao sucesso, de sorte que “[...] o principal produto que se procura agora [nos mercados de serviços] não é matéria-prima e nem máquina, é uma personalidade.” (RÜDIGER, 1996, p.132). O que importa, nesse caso, é a produção de uma competência-máquina, que passa pela apropriação e desenvolvimento de capital humano (FOUCAULT, 2008).

Ao investigar as especificidades do discurso de autoajuda, Marín-Díaz (2015) enfatiza que, embora o discurso da autoajuda não seja bem-vindo no mundo acadêmico, ele consiste num fenômeno importante e que precisa ser levado a sério, uma vez que há muitas pessoas que o procuram para orientar a sua vida. Tal como Rudiger, para Marín-Díaz (2015), a autoajuda ancora-se na tradição milenar das práticas de si, direcionadas para o governo de si, como a meditação.

Segundo Marín-Díaz (2015), há três eixos que se articulam e caracterizam o discurso de autoajuda: a *produção do “eu”*, a *transformação do “eu”* e o *foco na felicidade*. Esses eixos parecem definir modos de praticar a vida, e é possível perceber a sua circulação nas práticas educacionais. Por isso, “[...] a aprendizagem aparece como uma noção central, tanto nos discursos pedagógicos quanto nos discursos da autoajuda.” (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 10).

Na articulação entre os discursos da autoajuda e os discursos pedagógicos, a ênfase recai sobre a produção do indivíduo, por meio de treinamento e exercícios, visando a uma transformação permanente. Marín-Díaz (2015) frisa que a aprendizagem como núcleo do discurso da autoajuda e discurso pedagógico possibilitaram a entrada do discurso de autoajuda na educação, destinado a pais, alunos e professores. É o caso das obras de Augusto Cury, que constituem o foco desta pesquisa. A aprendizagem, como noção e prática, adquiriu uma nova centralidade, na qual o indivíduo é sujeito da sua aprendizagem. Logo, “[...] mudar e transformar esse “eu” é o propósito da aprendizagem na contemporaneidade.” (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 10). Ou seja, a aprendizagem é uma estratégia de orientação de condutas dos indivíduos, que são compreendidos como empresários de si, como a chave do processo:

Finalmente, afirmar que a chave é o indivíduo é trazer à tona um enunciado fundamental nos nossos modos de praticar a vida hoje e que expressa essa série formada pela *exercitação, condução e individualização*. Tal articulação é perceptível nas práticas de autoajuda e nas práticas pedagógicas atuais, é o ponto de emergência das formas de governamento contemporâneas. (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 11).

Exercitação, condução e individualização são características da autoajuda (MARÍN-DÍAZ, 2015), que, por sua vez, estão presentes nas práticas educativas atuais, nas quais cada indivíduo precisa reconhecer a si mesmo, ser capaz de se transformar, desaprender a aprender condutas para conquistar o sucesso e a felicidade; “[...] nesse jogo de desaprender e aprender novas formas de agir, o indivíduo se transforma em capital humano.” (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 20).

Encontramos, nos discursos de autoajuda, exercícios e fórmulas que objetivam a produção de um “eu”. Convidando-nos a exercitar, somos encarregados da nossa própria formação e de nos produzirmos, através de exercícios, tais como o de concentração, podemos nos identificar e saber de nós (MARÍN-DÍAZ, 2015). Exemplificando essa característica, Marín-Díaz (2015) cita a obra de Rosemary Altea, *Os signos da alma: um guia elementar para conhecer seu destino espiritual*, na qual o conhecimento da alma deve ser feito a partir de um elemento natural que rege a vida de cada um. É preciso saber qual desses elementos nos impulsiona. “Será o conhecimento da própria alma e da alma dos outros, do signo que as define, o que ajudará a saber que há algo nessas naturezas próprias que não pode ser alterado.” (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 27).

Além da construção do “eu”, os discursos de autoajuda têm como um de seus *telos* a transformação do “eu”. Conhecendo a si próprio e a sua natureza, é necessário mudar o que seja possível. “Trabalhar sobre si, autotransformar-se, mudar o que é possível da natureza própria, entrar em harmonia com as forças naturais e universais, é o chamado que se faz em muitos livros de autoajuda.” (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 27). Exemplificando esses discursos que procuram a transformação do eu, Marín-Díaz apresenta, dentre algumas obras clássicas da área empresarial, *Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes*, de Stephen R. Covey, um livro que propõe vários exercícios, entre eles o de concentração, para que, escutando a “voz interior”, entendendo-a, o indivíduo possa realizar a mudança. Ademais, por meio de exercícios, é possível formar os hábitos para se ter sucesso:

Ao salientar cada um desses hábitos, o livro propõe uma série de exercícios a serem realizados de forma dedicada e constante para, como assegura o autor, “adquirir o hábito correto” Seguindo essa lógica, a exercitação para aquisição de cada hábito é a forma de abandonar hábitos ruins e instalar, nos modos de agir, formas “adequadas”, comportamentos corretos. Digamos que se trata de um desaprender aquilo que não é necessário e que atrapalha, para um aprender o que é necessário e leva ao sucesso. (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 37).

Outro *telos* que orienta o discurso de autoajuda, sendo uma de suas características, é o foco na felicidade. É preciso buscar a transformação. Todas as ações que o indivíduo faz sobre si mesmo, visando à transformação do “eu”, são justificadas para o alcance da felicidade:

A experiência da felicidade, ou melhor, a felicidade como finalidade e como justificativa para o desenvolvimento de um conjunto de exercícios sobre nós mesmos e sobre os outros, constitui-se num foco importante de atenção quando se trata de entender aquilo que nos leva a agir para transformar o que, supõe-se, nós somos e, ao mesmo tempo, a aceitar a orientação de outros, sua condução e governo. (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 41).

Os discursos de autoajuda são caracterizados por apontar exercícios de concentração, memorização e treinamento, a fim de que o sujeito possa alcançar a sua realização no trabalho e na vida pessoal. Nesse sentido, tal como afirma Marín-Díaz (2015), essas narrativas centram-se em “eus”, os quais são os próprios responsáveis por se construírem, transformar, sendo assim responsáveis pelo seu fracasso ou sucesso. A mudança interior, a partir de técnicas e exercícios específicos, coloca-se como condição para se alcançar a felicidade. Logo, é necessária uma ação sobre si mesmo, por isso, o indivíduo é o principal responsável pelo seu próprio destino e por sua realização pessoal.

Segundo Marín-Díaz (2015), além da descrição de exercícios práticos, outros dois elementos encontrados no discurso de autoajuda são a narração de contos ou fábulas e o saber da experiência de vida daquele que escreve esse tipo de literatura. Como exemplo, Marín-Díaz (2015) cita o texto clássico de Hateley e Schmidt (1996), *A peacock in the land of penguins: a tale of diversity and discovery – Um pavão no reino dos pinguins: uma fábula sobre os riscos e as possibilidades de ser diferente no mundo empresarial* –, no qual os autores retratam a vida de um pavão no reino dos pinguins, assinalando as possibilidades dos riscos serem diferentes, no mundo empresarial. Geralmente essas fábulas, presentes nos discursos de autoajuda, trazem uma moral e um conselho acerca do que pode ou não acontecer, se não agirmos de acordo com os personagens da historieta.

Ainda com base na obra de Barbara Hateley e Warren H. Schmidt, Marín-Díaz (2015) afirma que são referências em consultas empresariais, consultores de sucessos, pois, na década de 1980 e 1990, ajudaram muitos empresários a se tornarem líderes de sucesso e, por isso, ao escreverem, trazem uma experiência de vida que confere autoridade ao discurso de autoajuda. Em alguns casos, a formação acadêmica pouco importa: o que vale mesmo são as conquistas que o autor conseguiu, ao longo da sua trajetória de vida:

Eis o [...] elemento comum aos livros (*de autoajuda*): a força que a própria experiência tem para lhes conferir legitimidade. Desse modo, enquanto em alguns casos a validade do conhecimento é apresentada pela formação acadêmica dos autores, em muitos outros, senão na maioria deles, essa formação não é mencionada, destacando-se que a força de seu saber emerge da própria experiência de triunfo e sucesso de quem escreveu. (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 33).

Por fim, outro elemento do discurso da autoajuda é a fala direta dos autores aos leitores. Na visão de Marín-Díaz (2015), esses textos têm formas que focam em toda a argumentação na ação do indivíduo, o qual aceita o discurso como se esse fosse direcionado exclusivamente para ele, fazendo com que surja uma confiança entre autor e leitor. Nesse contexto, o leitor acredita que a felicidade será possível, se, de fato, ele mudar a vida conforme o autor sugere:

Trata-se do fato de os autores falarem diretamente para o indivíduo, de procurarem uma conversa que faz o leitor sentir como se o escritor falasse expressamente para ele. Nesse sentido, parece haver certa proximidade e verdade no que o autor diz, portanto, cria-se uma espécie de manto invisível de confidencialidade. (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 55).

Assim, agindo sobre si mesmo, a partir desse discurso, o indivíduo pode alcançar a felicidade, bastando ouvir a voz do escritor ou de quem profere o discurso. Esse discurso, em toda a sua estrutura, indicando meios para se alcançar o sucesso e a felicidade, tem adentrado no âmbito educacional. Há vários autores que oferecem, em suas obras, orientações para que pais e professores formem filhos bem-sucedidos e felizes, conforme veremos neste trabalho. Além disso, há, sobretudo nas escolas privadas, disciplinas dedicadas a ensinar os alunos a serem empreendedores, já nos anos iniciais. Muitas escolas compram assessorias e projetos pedagógicos de empresas, que orientam os alunos a desenvolver suas habilidades empreendedoras, tendo em vista o sucesso profissional.

Levando-se em consideração a gênese e a especificidade do discurso de autoajuda, bem como suas principais características, eixos e objetivos, podemos afirmar, amparados em Turmina (2005), Rüdiger (1996) e Marín-Díaz (2015), que, desde o seu surgimento, esse discurso tem como tônica geral a ideia de que a transformação social ocorre a partir da transformação interior do indivíduo e que, por isso, a construção de si, o exercício e a busca pela transformação e felicidade dependem de práticas e técnicas (treinos, observação de regras e exercícios) que resultariam na construção do sujeito adequado aos moldes da realidade. No próximo capítulo, abordaremos a literatura de autoajuda na sua interface com a educação escolar, tendo em vista identificar e evidenciar a maneira como esse discurso é direcionado

aos atores escolares. Para isso, analisaremos algumas obras de Augusto Cury, escritor de reconhecida inserção no meio escolar, mas também um autor que tem vendido milhões de livros no Brasil e em outros países. Buscaremos realizar esta aproximação, deixando evidente que a autoajuda aparece aqui aliada à produção de capital humano, a qual se configura como uma forma de governamentalização da vida, que visa à condução da conduta dos sujeitos escolares.

## CAPÍTULO 3

### A AUTOAJUDA E EDUCAÇÃO NAS OBRAS DE AUGUSTO CURY

Este terceiro capítulo será dedicado à análise do discurso de autoajuda, encontrado nas obras de Augusto Cury, e que é direcionada para a educação.

A partir do exame das características sobre o discurso de autoajuda, podemos afirmar, acompanhando Turmina (2014) e Marín-Díaz (2015), que José Augusto Minarelli, Roberto Shinyashiki, Lair Ribeiro, Içami Tiba e também Augusto Cury são autores brasileiros que publicam livros de autoajuda. Augusto Cury, assim como os outros escritores aqui mencionados, destina muitas de suas obras para a educação. “Esses textos apresentam análises e propõem reflexões com orientações e dicas acerca da educação das crianças e dos jovens, que se ajustam às condições atuais das escolas e das famílias.” (MARÍN-DÍAZ, 2015, p. 230).

Augusto Jorge Cury<sup>2</sup> é médico psiquiatra, psicoterapeuta, pesquisador e escritor. Atuando como psiquiatra e pesquisador, ao longo de trinta anos, Cury conseguiu alcançar reconhecimento nacional e internacional. De acordo com o *site* mantido por Augusto Cury, ele é um dos autores mais lidos na última década, e seus livros são publicados em setenta países, vendendo o equivalente a vinte e cinco milhões de livros, no Brasil. Em 2009, Cury recebeu o prêmio de melhor ficção do ano, pela obra *O vendedor de Sonhos*, da Academia Chinesa de Literatura.

O trabalho de Cury o tem levado a estar presente em cursos educacionais, ministrando palestras, assessorando a elaboração de material didático, entre outras atividades relacionadas à educação. Augusto Cury elaborou programas que visam a promover a educação das emoções e a ser gerente da nossa própria mente, cursos de *Coaching* em inteligência emocional destinados a profissionais e programas educacionais. Entre esses programas, destaca-se o “Gênios Programas Educacionais”, que tem por objetivo ensinar matemática a estudantes, a partir dos 4 anos. Além disso, o autor é dono da escola *Menthes*, por ele

---

<sup>2</sup> Segundo o *site* <http://augustocury.com.br> Acesso em: 28 ago. 2018.

considerada a primeira escola de *Coaching* emocional, sobre a qual trataremos mais adiante. Atualmente, iniciou a publicação da revista *Escola da Inteligência*, Ano 1, nº 1 – 2018, em que aborda assuntos educacionais.

O cuidado com a gestão das emoções ocupa centralidade nas obras de Cury, conforme enfatiza: “[...] em uma sociedade altamente competitiva e em constante mudança tecnológica como a nossa, se você não souber gerir sua emoção, será quase impossível viver sem acidentar.” (CURY, 2015, p. 07). Um dos programas idealizados por Augusto Cury, denominado “Escola da Inteligência, Educação Socioemocional”, é oferecido às escolas para que seja adotado como um apoio pedagógico:

A escola da Inteligência é um programa educacional que objetiva desenvolver a educação socioemocional no ambiente escolar. Fundamentada na teoria da Inteligência Multifocal, elaborada pelo Dr. Augusto Cury, a metodologia promove, por meio da educação das emoções e da inteligência, a melhoria dos índices de aprendizagem, redução da indisciplina, aprimoramento das relações interpessoais e o aumento da participação da família na formação integral dos alunos. Todos os envolvidos – professores, alunos e familiares – são beneficiados com mais qualidade de vida e bem-estar psíquico. Atualmente, o Programa atende diretamente mais de 200 mil alunos em escolas de todo Brasil. (ESCOLA DA INTELIGÊNCIA, s/d)

Segundo Cury (2016), a Escola da Inteligência, com foco na educação socioemocional, almeja a formação de mentes brilhantes. Em sua obra *Inteligência socioemocional: a formação de mentes brilhantes*, com edição exclusiva aos pais, responsáveis e professores, o autor justifica a necessidade do Programa Escola da Inteligência, apresentando-a como ferramenta para educar a emoção e formar mentes livres.

O autor inicia o referido livro, apresentando alguns personagens, tais como Einstein, Freud e Jung, asseverando que esses pensadores foram mentes brilhantes, pois tiveram em comum a capacidade de desenvolver habilidades que vão além de um simples raciocínio lógico e uma boa memória. Conforme Cury (2016), eles lapidaram e trabalharam, ainda que inconscientemente, algumas das habilidades da inteligência socioemocional, como a capacidade de se reinventar, trabalhar perdas e frustrações, além de serem tolerantes, ousados e disciplinados. Para o psicoterapeuta, “[...] todas essas habilidades são fundamentais para o sucesso emocional, social e profissional.” (CURY, 2016, p. 12).

Cury (2016) argumenta que o Programa Escola da Inteligência objetiva a construção de relações saudáveis, no processo de se educar o próprio Eu, sendo gestor do intelecto. Para o psicoterapeuta, estamos vivendo em tempos de angústia, humor triste, solidão, falta de

diálogo, aumento das discriminações, deterioração da qualidade de vida; todos esses fenômenos nos obrigam a pensar em alternativas, e uma delas é a Escola da Inteligência.

Semelhante a orientações e conselhos, Cury (2016) destaca ferramentas (meios) para que pais, responsáveis e professores eduquem a emoção, tendo em vista a formação de mentes livres. O autor fornece orientações, procedimentos, enfim, técnicas que considera serem importantes, nesse processo de educar as emoções: Ser Autor da Sua História; Gerenciar os Pensamentos; Administrar e proteger a Emoção; Trabalhar os Papéis da Memória: Reeditar o Filme do Inconsciente.

A ferramenta *Ser Autor da Sua História* é típica dos discursos de autoajuda, a qual transfere ao indivíduo todas as responsabilidades pelos acontecimentos da sua vida. Cabe ao indivíduo conduzir a sua própria história, sendo capaz de várias atitudes, como liderar a si mesmo, não sendo controlado pelo ambiente e pelas circunstâncias. Segundo Cury (2016), a escola clássica não nos ensina a conhecer o nosso planeta psíquico. Essa escola, foca no conhecimento de átomos e células, mas não em nosso ser. “O autoconhecimento básico é fundamental para expandir o prazer de viver, superar a solidão, promover o diálogo interpessoal, estimular a formação de pensadores, [...] prevenir a depressão, a síndrome do pânico, os transtornos ansiosos.” (CURY, 2016, p. 22).

*Ser Autor da Sua História*, na concepção de Cury (2016), é conhecer o funcionamento da aeronave mental. Ninguém de nós teria a coragem de viajar com um piloto que não tem experiência, entretanto, muitos embarcam todos os dias numa aeronave chamada mente humana, em que o piloto é ele mesmo, e que frequentemente é mal equipado e preparado. Portanto, na aeronave da mente humana, precisamos conhecê-la e saber pilotar. Somos o piloto. Os professores são fundamentais no processo de formação da personalidade e, por isso, precisam conhecer o funcionamento da mente humana:

Ninguém é tão importante como os professores(as) no teatro social, embora a débil sociedade não lhes dê o *status* que merecem. Mas o sistema em que eles estão inseridos é estressante e não forma coletivamente seres humanos que têm consciência de que possuem um Eu, de que esse Eu é construído por mecanismos sofisticadíssimos, de que esses mecanismos deveriam desenvolver funções vitais nobilíssimas, e de que sem o desenvolvimento dessas funções ele poderá estar completamente despreparado para pilotar o aparelho mental. (CURY, 2018, p. 24).

Se o indivíduo não souber pilotar a sua mente, ele não estará preparado para enfrentar as tormentas. De acordo com Cury (2016), ele será como um barco à deriva, de maneira que é

preciso utilizar essa ferramenta. No entanto, segundo Cury, a escola atual não desenvolve nos estudantes essa habilidade.

Além de idealizar programas de apoio pedagógico para as escolas, Augusto Cury está entre os principais palestrantes mais requisitados do Brasil, para tratar de assuntos educacionais. Segundo o *site* do autor, no *link Agenda*, Cury tem feito inúmeras palestras para profissionais de diferentes áreas, tanto no Brasil quanto no exterior. Nas atualizações relativas ao mês de agosto de 2017, Augusto Cury participaria como palestrante em diferentes congressos para líderes, dentre os quais destacamos o “Dia de *Coaching* com Dr. Augusto Cury”, evento que seria em realizado em Natal-RN, Praiamar Natal Hotel & Convention, no dia 21 de outubro de 2017. Na página oficial desse evento, encontramos as seguintes informações:

**Principais Objetivos:** Elevar seus níveis de felicidade, realização e a capacidade de desenvolver suas habilidades e talentos, e das pessoas com as quais se relaciona; Aprofundar o conhecimento sobre o funcionamento da mente, comportamento humano e técnicas de inteligência emocional; Fortalecer a autoestima para a superação da insegurança e do excesso de preocupação; Abordar técnicas para lidar com estímulos estressantes, proteger a emoção nos focos de tensão e gerenciar a ansiedade; Desenvolver a resiliência para lidar com as situações desafiadoras e adversas. **Público Participante:** Pessoas em geral, que desejam se atualizar para conquistar qualidade de vida e realização pessoal e profissional; Coaches, consultores, instrutores e facilitadores; Empresários dos diversos setores; Executivos, líderes, técnicos, analistas e demais profissionais da área de recursos humanos; Professores e alunos de instituições de ensino superior de cursos de pós graduação e graduação; Psicólogos, administradores, técnicos e tecnólogos em recursos humanos e profissionais afins; Leitores do Dr. Augusto Cury. **Temas Abordados:** Autoconhecimento; Liderança; Inovação; Empreendedorismo; Gestão de Carreira; Coaching; Comportamento Humano. (DIA DE COACHING..., 2017).

Podemos constatar, a partir do anúncio desse evento, que o público ao qual Augusto Cury tem se direcionado é também o da área educacional. Com algumas obras, as quais discutiremos adiante, neste trabalho, além de programas educacionais, Cury tem assessorado propostas pedagógicas de escolas particulares.

Augusto Cury aborda, em seus livros, diferentes temas, mas o foco principal de suas discussões se volta para como lidar, como já salientamos, com as questões relacionadas ao equilíbrio emocional, pela perspectiva da teoria da Inteligência Multifocal. Nessa teoria, o psiquiatra procura discutir o processo da construção da inteligência, o processo da memória, e qual o caminho para a formação de pensadores. O autor elabora e fundamenta essa teoria, a

partir de uma discussão sobre a formação do eu, o gerenciamento da memória e dos pensamentos e os bastidores da mente. Segundo Cury, a nossa mente é capaz de nos tornar excelentes pensadores e, por isso, podemos compará-la a um belo e fascinante teatro, porém, nem sempre nos encontramos no palco, mas, às vezes, na plateia. De acordo com Cury, “[...] a ciência e a educação nos preparam para explorar o mundo externo, mas não para explorar o território do nosso ser.” (CURY, 2012, p. 07).

Selecionamos algumas obras de Cury para serem analisadas sob a perspectiva do que certos autores, como Turmina (2016) e Rüdiger (1996), entendem ser e conter os discursos de autoajuda. Nessa análise, tivemos como objetivo identificar aspectos e características que são próprios desse tipo de literatura, os quais são referendados pelos autores aqui mencionados e trabalhados, no capítulo anterior. O critério principal adotado na escolha das obras que foram analisadas é o de que as mesmas deveriam fazer referência à educação e, além disso, terem como atores principais as figuras do professor e do aluno. Seguindo esses critérios gerais, selecionamos os seguintes livros: *Pais brilhantes, professores fascinantes*, *Filhos brilhantes, alunos fascinantes*, *Pais inteligentes formam sucessores, não herdeiros*, *20 regras de ouro para educar filhos e alunos*, *12 semanas para mudar uma vida*, *Bons profissionais e excelentes profissionais*, *Maria, a maior educadora da História*, *Treine o seu cérebro para provas*, *O código da inteligência* e *Dez Leis para ser feliz*.

É importante destacar que todos os títulos são incisivos quanto ao que se propõem. Funcionam como uma espécie de chamariz luminoso, sem deixar que o eventual leitor duvide da eficácia do que é prometido no livro. Não há, nos títulos, adjetivos que denotem a ideia de fracasso ou que a insinuem. Ao contrário, são todos adjetivos que caracterizam vibração, otimismo e positividade. Todo esse repertório de adjetivos se soma aos títulos, os quais prometem a solução rápida para os eventuais problemas vividos pelos indivíduos, bastando, para tanto, que cada um aceite e ponha em prática regras, normas e conselhos. Em toda essa maquinaria discursiva, obviamente, a felicidade é a grande meta.

Como ressaltamos na introdução, os discursos de autoajuda, de uma maneira geral, emergem como contraponto e tentativa de respostas aos males emocionais que afligem a sociedade, atualmente. A superação desses males passa pela adoção de uma atitude positiva diante da vida e, por isso mesmo, demanda dos indivíduos o investimento em si mesmos, cuja atenção se volta para a educação familiar, a educação escolar, o controle das emoções, o equilíbrio psicológico. Enfim, é o discurso que vende para os indivíduos todos os “equipamentos” de que eles necessitam, a fim de que possam sobreviver às investidas do

mercado e às inseguranças e incertezas decorrentes dos rearranjos da economia e das relações, no âmbito do trabalho.

A seguir, organizamos a nossa análise em eixos que buscam matizar características gerais dos discursos de autoajuda, presentes nos livros de Augusto Cury, os quais listamos acima. As referidas obras têm esse caráter orientador, aconselhador, visando assim, por meio da utilização de biografias e histórias edificantes, a produzir um “eu”, transformando-o, em que a ênfase recai, como já frisamos, sobre a ideia do sucesso e da felicidade. Ao pensarmos nos conceitos de biopolítica e poder pastoral de Michel Foucault, buscamos identificar no discurso de autoajuda o tom de cuidado pastoral, cuja preocupação está em perscrutar a alma, para melhor governá-la. Criamos quatro grupos de características identificadas nos discursos de autoajuda de Augusto Cury. São eles: a) Conselhos e orientações gerais sobre como lidar com as emoções e afetos; b) O uso de biografias como modelo de exemplaridade; c) Treinamento das emoções; d) Foco na felicidade. Esses quatro grupos, certamente, não abrangem todos os aspectos que compõem o repertório desse discurso. No entanto, para efeito deste trabalho de Mestrado, circunscrevemos nossa análise às características que mais se sobressaíram. Embora as examinemos de maneira isolada, elas não são estanques, mas estão interligadas.

### **3.1. Conselhos e orientações sobre como lidar com os afetos e com as emoções na formação de líderes empreendedores**

Ao procurar identificar os elementos presentes nos discursos de autoajuda, podemos constatar que os conselhos são correntes, nessa literatura. São orientações e aconselhamentos carregados de promessas que, se seguidos, o indivíduo será capaz de encontrar o sucesso pessoal e profissional. Essas orientações vêm descritas de diferentes formas, como, por exemplo, “dicas”, frases lapidares, pérolas e leis. Além disso, os conselhos são apresentados a partir de comparações entre os sujeitos, como entre os hábitos dos bons pais e professores em relação aos pais e professores brilhantes, realçando que ambos precisam seguir os hábitos dos sujeitos brilhantes.

Na obra *Pais brilhantes, professores fascinantes*, Cury (2003) focaliza os hábitos dos bons pais e dos pais brilhantes, os hábitos dos bons professores e dos professores fascinantes, os pecados capitais dos educadores e a escola dos nossos sonhos. Vejamos algumas “dicas” do autor aos pais e, em seguida, aos professores.

De acordo com Cury (2003), os pais não devem dar apenas presentes aos seus filhos: essa é uma atitude de pais bons. Os pais brilhantes devem dar o seu próprio ser. Segundo a psicoterapeuta, os bons pais atendem os desejos dos seus filhos, por meio de realização de festas e compra de presentes, roupas e produtos eletrônicos. Entretanto, os pais brilhantes devem dar algo mais valioso aos seus filhos, como, por exemplo, as suas histórias, o seu ser, o seu tempo e, inclusive, as suas lágrimas. Cury (2003) destaca que é necessário ter ousadia para falar sobre as dificuldades do passado e transformar a relação com os filhos numa aventura.

Outro conselho dado por Cury (2003) é que os pais devem nutrir a personalidade dos filhos e não apenas o corpo. Enquanto os bons pais se preocupam com dietas e alimentos saudáveis para os seus filhos, os pais brilhantes têm a preocupação com alimentos que enriquecem a emoção. Do que adianta ensinar ter higiene física, se não cuidam da higiene psíquica? Por isso, um conselho do autor é que os pais devem ensinar os filhos a proteger a sua emoção, ensinando-os a lidar com as perdas e alimentando a personalidade com sabedoria e tranquilidade. Cury aconselha os pais a ensinarem os filhos a pensar; preparando-os para os fracassos, pois a vida é um contrato de risco; dialoguem como amigos, contem histórias e não desistem de educar seus filhos.

Ao aconselhar os professores, Cury (2003) afirma que é preciso desenvolver os hábitos dos professores fascinantes e não os hábitos dos bons professores. Como “dicas”, Cury (2003) enfatiza que os professores fascinantes devem conhecer o funcionamento da mente, possuir sensibilidade, educar a emoção, utilizar a memória como suporte para a arte de pensar e não apenas como um depósito de informações; enfim, devem ser mestres inesquecíveis, resolver os conflitos em sala de aula e educar para a vida.

Na opinião de Cury (2003), os professores precisam ser fascinantes e possuir sensibilidade. Devem falar com voz que expressa a emoção e mudar de tonalidade, enquanto falam, para cativar a emoção do aluno e estimular a sua concentração. O professor fascinante acolhe todos os alunos, sejam os fracos, sejam os fortes. Devem sempre se lembrar de que são pilares da escola da vida e que, apesar de suas dificuldades, são insubstituíveis.

O cuidado com a emoção é outro fator presente nas discussões de Cury. De acordo com o autor, os professores devem educar a emoção e educá-la com inteligência. Educar a emoção “[...] é estimular o aluno a pensar antes de reagir, a não ter medo do medo, a ser líder de si mesmo, autor da sua história, a saber filtrar os estímulos estressantes e trabalhar [...] com

as contradições da vida.” (CURY, 2003, p. 66). Educando a emoção é possível evitar crises nos relacionamentos, doenças psíquicas e lágrimas.

Por fim, outra dica direcionada aos professores: professores devem educar para a vida. Segundo Cury (2003), os professores devem dar atenção especial aos alunos desprezados, estender as mãos e mostrar a capacidade interior, estimulando-os a usar todas as dores como adubo para o crescimento, preparando-os para sobreviverem às tormentas sociais causadas pelo capitalismo. Esses professores fascinantes proclamam que os seus alunos serão grandes empreendedores e que são líderes de si mesmos. “Se falharem, não tenham medo de chorar. Se chorarem, repensem a sua vida, mas não desistam. Deem sempre uma nova chance a si mesmos.” (CURY, 2003, p. 80).

Orientando os professores, Cury (2003) recomenda que estes não devem cometer os sete pecados capitais dos educadores: corrigir publicamente; expressar autoridade com agressividade; ser excessivamente crítico, obstruindo a infância da criança; punir quando estiver irado e colocar limites sem dar explicações; ser impaciente e desistir de educar; não cumprir com a palavra e destruir a esperança e os sonhos.

Segundo Cury (2003), um educador jamais deve corrigir publicamente, expondo o defeito de uma pessoa. Quando uma pessoa é exposta, ela é humilhada e desenvolverá traumas que são difíceis de serem superados. Cury (2003) aconselha aos educadores a valorizarem mais a pessoa que erra do que o erro da pessoa. A intervenção pública, por parte do professor, só deve ocorrer quando houver uma ofensa de um jovem para com outro e, ainda assim, é preciso tomar bastante cuidado para não piorar a situação.

“Jamais coloque limites sem dar explicações” e “[...] para educar, use primeiro o silêncio e depois as ideias” (CURY, 2003, p. 95), aconselha o psicoterapeuta. Para ele, é um pecado capital punir alguém quando se está irado e colocar limites sem dar explicações. Exemplificando esse conselho, Cury (2003) conta uma pequena história, semelhante ao que ocorre nos discursos de autoajuda. Vejamos:

Certa vez uma menina de oito anos estava passeando um *shopping* próximo da sua escola com algumas amigas. Ao ver um dinheiro em cima de um balcão, pegou-o. A balconista viu e chamou-a de ladra. Pegando-a pelo braço, levou-a em prantos até os pais. Os pais ficaram desesperados. Algumas pessoas mais próximas esperavam que eles batessem e punissem a filha. Em vez disso, resolveram me procurar para saber como agir. Tinham receio de que a menina desenvolvesse cleptomania e se apropriasse de objetos que não lhe pertenciam. (CURY, 2003, p. 93).

Diante desse relato, o psicoterapeuta orientou os pais a não realizarem um drama com o que ocorreu. Cury (2003) ressalta que as crianças cometem erros, e o importante é o que fazer com eles. Novamente, ele afirma que orientou para que a criança fosse chamada ao lado e explicassem a consequência do ato. Logo após, que a menina fosse abraçada, uma vez que já estava chocada com o que aconteceu. Por fim, o autor nos aconselha, frisando que, “[...] se eles (pais) quisessem transformar o erro num grande acontecimento educacional, deveriam ter reações inesquecíveis.” (CURY, 2003, p. 93).

Atrelado aos conselhos acima, Augusto Cury (2014), na obra *Pais inteligentes formam sucessores, não herdeiros*, orienta como os pais devem ensinar os filhos a se tornarem empreendedores, ousados e líderes. Para que os filhos adquiram o domínio dessas habilidades, é necessário que os pais pratiquem com os filhos a arte da gratidão, que os agradeçam por existirem. Do mesmo modo, ensine-lhes a tolerância e que, sobretudo, os pais abandonem o vício de reclamar e mantenham sempre o equilíbrio.

Segundo Cury (2014), os herdeiros são especialistas em reclamar, enquanto os sucessores são peritos em agradecer. Para o psicoterapeuta, é fundamental sermos gratos, pois aquele que não reconhece a gratidão entorpece sua emoção. O especialista em reclamar e que tem déficit de gratidão acaba gerando algumas consequências, tais como “[...] dificuldade de traçar metas, fazer escolhas, assumir perdas e ser bem resolvido; baixo limiar para suportar estímulos estressantes: fragilidade psíquica exacerbada; tendência a culpar os outros pelas mazelas.” (CURY, 2014, p. 85). Nesse sentido, Cury (2014) aconselha a praticar a arte da gratidão, porque assim os pais criarão filhos gratos. Orienta os pais a serem carismáticos, agradecer aos pais na frente dos filhos e agradecer a todos os prestadores de serviços os quais encontrarem, como, por exemplo, o frentista do posto de gasolina e o zelador do prédio.

Outros dois conselhos, comuns nos discursos de autoajuda e que são citados por Cury (2014), são: *Abandone o vício de reclamar e seja equilibrado*. Nesses discursos, a reclamação não é uma virtude, mas um vício. Ela atrapalha e pouco contribui com o sucesso, seja pessoal, seja profissional. De acordo com Cury (2014), os pais não devem ficar reclamando do governo, do trabalho, das dificuldades da vida e do salário, pois quem assim faz desenvolve doenças psíquicas, atola-se no pessimismo e na desesperança, não encontrando alternativas para superar essas barreiras. Por isso, é necessário ser equilibrado, suportar as adversidades da vida. Não devemos ver apenas o lado ruim e falar mal de tudo, na vida.

Numa de outras obras de Augusto Cury, vemos que a condução se utiliza de orientações e *leis*, em destaque na obra *Dez leis para ser feliz*, na qual Cury exorta a nos orientarmos por determinadas leis, para atingirmos a felicidade. Assevera Cury (2012): “[...] contemple o belo, faça coisas fora da agenda, gerencie a emoção, trabalhe perdas e frustrações e seja empreendedor.” Todas essas leis nos mostram a certeza que o autor tem ao orientar nossas práticas. Trata-se de um discurso no qual o autor não titubeia para afirmar o que de fato deve ser feito, como se fosse um especialista que detém o saber e o lugar de fala de onde se profere verdade inquestionável. Não cabem condições, porém, apenas imperativos, como, por exemplo, o autor não exige que o leitor siga determinado conselho se ele acreditar, se ele tiver algum requisito ou se ele simplesmente gostar, contudo, exige-se desse leitor que apenas siga aquilo que é dito. Dentre essas determinações, destacamos a que se refere ao empreendedorismo:

Ser empreendedor é executar os sonhos, mesmo que haja riscos. É enfrentar os problemas, mesmo não tendo forças. É caminhar por lugares desconhecidos, mesmo sem bússola. É tomar atitudes que ninguém tomou. É ter a consciência de que quem vence sem obstáculo triunfa sem glória. É não esperar uma herança, mas construir uma história... Quantos projetos você deixou para trás? Quantas vezes seus temores bloquearam seus sonhos? Ser um empreendedor não é esperar a felicidade acontecer, mas conquistá-la. (CURY, 2012, p. 67).

Cury (2012) convida os jovens a terem metas e sonharem. Exorta os jovens a valorizarem os estudos e amarem a escola. O amor à escola se apresenta como uma determinação, sem que o autor se preocupe em abordar contradições existentes na escola, dentre elas os desafios de um sistema educacional precário e com mazelas, como, por exemplo a violência escolar, a má formação docente, a ausência de recursos didático-pedagógicos, a tecnologia educacional e até mesmo estruturas físicas, mas ele apenas exorta-os a amar.

Há, nesse discurso de Cury, ideias do precursor Smiles, em que as contradições sociais inerentes à realidade são negadas, e o foco todo se volta apenas para orientar e conduzir as condutas dos indivíduos. Dizer *faça, busque, lute, invista* e outros imperativos mais, sem ter em vista as dificuldades para que isso se concretize, é típico desse discurso. Não cabe analisar o contexto e as condições, para se praticar os conselhos, conforme mencionamos. Não se trata de um discurso condicional, mas imperativo. O indivíduo deve, assim, colocar em prática as leis, independentemente das situações nas quais ele se encontra inserido.

No livro *12 semanas para mudar uma vida*, Cury (2007) apresenta doze leis, uma para cada semana, como uma espécie de conselho a ser seguido, de sorte a se transformar, ao longo dos dias. Nessa obra, o aconselhamento é apresentado em forma de orientações, em que o verbo aparece no infinitivo, não deixando margem para dúvidas quanto ao que é recomendado. Expressam-se, desse modo, verdades em forma de mandamentos e de maneira imperativa. Vejamos os mandamentos ou atitudes que devem ser adotados, para que o sujeito se transforme num empreendedor:

Ser empreendedor é: 1) Criar oportunidades e não esperar que elas apareçam; 2) Sonhar grandes sonhos e construir metas para transformar os sonhos em realidade; 3) Abrir o leque da inteligência, libertar a sensibilidade e expandir a coragem para conquistar o que mais ama, admira e necessita; 4) Não ter medo de caminhar por lugares desconhecidos, mesmo sem bússola; 5) Aprender a usar os fracassos como pilares das grandes vitórias, usar as perdas como plataforma dos melhores ganhos, usar a fragilidade como nutriente da sabedoria. Acreditar na vida e nunca desistir dela; 6) Saber começar tudo de novo tantas vezes quantas forem necessárias; 7) Carregar consigo esta pérola do pensamento: *O destino não é inevitável, mas uma questão de escolha*. (CURY, 2007, p.191-192).

Os mandamentos enunciados nesse tom imperativo brilham como raios numa noite de tempestade, em que tudo se ilumina. Nesses enunciados acerca do que é ser empreendedor, Cury (2012) enfatiza a ideia de que cada indivíduo deve se fazer autor da sua própria história, ao mesmo tempo em que as perdas e frustrações precisam ser trabalhadas e revertidas. As dores são vistas como uma possibilidade de aperfeiçoar a personalidade. É tudo uma questão de escolha e decisão, o destino não é inevitável. Na verdade, é como se o autor dissesse: o esforço, o espírito de luta e a determinação vencem quaisquer obstáculos.

Na sequência, Cury (2012), indagando se o leitor almeja ser um empreendedor, destaca que é preciso ele enfrentar a vida de uma nova maneira, enxergando o trabalho e a família como labirintos, além de ter que enfrentar os pensamentos e o território da emoção. Na visão de Cury (2012), em todo labirinto, há lições a serem aprendidas. “Os que desejam ser empreendedores precisam ter consciência de que a vida é uma grande escola, mas pouco ensina para quem não sabe ser um aluno...” (CURY, 2012, p. 193). Erro e fracasso são vistos como uma possibilidade de recomeçar, pois o empreendedor não é perfeito e infalível, embora as leis e orientações se apresentem como infalíveis.

Remetendo-se à educação, Cury (2012) enfatiza que um professor empreendedor conquista o território da emoção dos seus alunos, contando histórias e aventuras da produção

do conhecimento, e inspira-os a buscar essa conquista. Esse tipo do professor não leciona apenas com maestria, mas ensina os estudantes a serem líderes de si mesmos. Eis a diferença!

A orientação para ser líder e empreendedor de si mesmo é uma das ideias marcantes, nas obras de Cury. Parece-nos que a concepção do investimento em si mesmo depende apenas e exclusivamente do indivíduo, não estando relacionada a oportunidades e condições. Cabe ao indivíduo se autogovernar, para empreender. O próprio Cury estabelece os passos necessários para ser um empreendedor:

Dez passos para se tornar um empreendedor: 1) Antecipe-se às mudanças. Melhor do que corrigir erros é preveni-los. 2) Se não conseguir prevenir erros, apure seu senso de observação. Observe pequenos problemas (trincas) para evitar grandes desabamentos. 3) Não é possível evitar todos os riscos. Lembre-se: Quem vence sem risco é coroado sem glória. 4) Não lamente, não reclame, não culpe os outros, não se culpe. 5) Só não muda de ideias que não tem ideias. Mude tantas vezes quantas forem necessárias. 6) Os ambientes em que você vive são labirintos. Tenha coragem para reconhecer erros e sensibilidade para corrigir rotas. 7) Nunca desista de quem ama. 8) nunca desista de si mesmo. 9) Controle seu destino e não seja controlado por ele. Construa suas oportunidades. 10) Faça da sua vida um grande desafio e um eterno aprendizado. Agradeça a Deus a oportunidade de existir e caminhar. (CURY, 2007, 196-197).

A aceitação dos desafios da vida se torna uma orientação comum, nesse discurso. Não reclamar, não desistir, autocontrolar-se, manter-se equilibrado e insistir são imperativos indispensáveis para aquele que deseja ser um empreendedor. O discurso se torna uma segurança para a condução da vida daquele que o aceita. Diante de um contexto com inúmeros desafios, crise econômica, desemprego, crise política, crise ambiental, os indivíduos são como que convocados a aderir ao discurso que os conduzirá de maneira a não se angustiarem e se rebelarem diante do que se apresenta. Tudo isso configura o que significa o pastoreio da autoajuda. Em nenhum momento, como salienta Foucault (2009), na aula inaugural no Collège de France, o discurso revela seus perigos e malefícios, antes se apresenta como uma prática benfazeja e neutra.

Nos discursos de autoajuda, comumente encontramos orientações e exercícios para a busca pelo conhecimento das leis que nos constituem. De acordo com Marín-Díaz (2015), ao citar uma obra de Rosemary Altea, há nos textos de autoajuda a ideia de que é preciso conhecer os signos da alma, para melhor vivermos. Mesmo que Cury (2008) negue escrever autoajuda, é fácil identificar, nos livros por ele escritos e aqui analisados, os elementos da autoajuda indicados por Turmina (2014), Rüdiger (1996) e Marín-Díaz (2015) Destaquemos

nesse ponto, a obra *O código da inteligência*, na qual Cury (2015) enfoca os códigos da nossa inteligência que precisam ser decifrados, precisando haver um treinamento para ocorra essa decifração. Segundo Cury (2009), o treinamento hoje permeia todos os setores da sociedade, pois treinamos para nadar, dançar, dirigir e até mesmo para tomar vinho. Porém, diante das mazelas psíquicas e sociais, o autor ressalta que “[...] deixamos de realizar o mais importante dos treinamentos, que é o de decifrar os códigos da inteligência, sem os quais não podemos desenvolver nosso imaginário, nossa capacidade de superação das intempéries e nossas potencialidades intelectuais.” (CURY, 2009, p. 15-16).

Cury (2015) frisa que a inteligência possui oito códigos, dentre os quais destacamos: o do *Eu como gestor do intelecto*; o da *Autocrítica: pensar nas consequências dos comportamentos*, o da *Psicoadaptação* ou da *Resiliência: capacidade de sobreviver às intempéries da existência* e o do *Eu como gestor da emoção*.

Todos esses códigos possuem as suas consequências para quem os decifra e para quem não os decifra, além de haver exercícios específicos para decifrá-los. Tomemos como exemplo o código do *Eu como gestor da emoção*. Conforme Cury (2015), quem decifra esse código, entre outras vantagens, “[...] torna-se seguro de si, autoconfiante, autodeterminado. Desenvolve auto-estima sólida e estabilidade emocional.” (2015, p.171). Entretanto, aquele que não o decifra “[...] torna-se inseguro, emocionalmente frágil, desprotegido. Torna-se especialista em reclamar. Tem muitos atritos nas relações sociais. Não envolve e nem causa admiração social.” (CURY, 2015, p.171). Para decifrar o Código do Eu, o autor sugere os seguintes exercícios:

1. Fazer a mesa redonda do Eu contra todas as emoções que nos controlam, anula, fomentam conflitos.
2. Proteger a emoção com as seguintes ferramentas: a) Não exigir o que os outros não podem dar. b) Doar-se sem esperar demasiadamente o retorno. c) Entender que por detrás de uma pessoa que fere há uma pessoa ferida.
3. Ser livre da ditadura da resposta. Não gravitar na órbita do que os outros pensam e falam de si. Ter órbita própria.
4. Desenvolver consciência de que o território emocional é um espaço particular e inviolável e não terra de ninguém. Não se deixar ser invadido sem permissão do Eu.
5. Redesenhar o estilo de vida para amenizar a SPA (Síndrome do Pensamento Acelerado). Treinar ser pausado, dosado, caminhar passo a passo, fazer uma coisa de cada vez. (CURY, 2015, p. 171).

A descoberta desses códigos transforma os estudantes em empreendedores, e, ainda que eles tirem boas notas, caso não decifrem o código, tornam-se apenas repetidores de ideias. Descobrir os códigos possibilita aos homens serem solidários e criativos, e as escolas

deveriam se treinar para decifrar o código. Embora estejamos na era dos treinamentos, tais como o do falar em público, dirigir, administrar e escrever, não se treina para conhecer os códigos da inteligência:

Em que escola se treina decifrar o código do Eu como gestor psíquico? Entristece-me, como pesquisador do funcionamento da mente, saber que temos centenas de milhares de escolas no mundo, mas não há escolas que estruturam o Eu para ser líder da psique. (CURY, 2015, p. 25).

Seguir ou cumprir as regras é uma das exigências fundamentais para se atingir o sucesso pessoal e profissional. Este constitui um aspecto do discurso de autoajuda, o que sugere disciplina, repetição e persistência. Em seu mais novo lançamento, *20 regras de ouro para educar filhos e alunos: como formar mentes brilhantes na era da ansiedade*, direcionado especificamente para pais e educadores, Cury (2015) afirma que existem vinte regras a serem seguidas, no processo de educação. Mencionemos aqui as regras em que identificamos uma orientação direta aos professores: a primeira regra, “Pais e professores racionalistas x educadores gestores da emoção”, a décima primeira, “Não gritar nem elevar o tom de voz” e a décima quarta “Como ser um educador brilhante em sala de aula”.

Na primeira regra, “Pais professores racionalistas x educadores gestores da emoção”, Augusto Cury (2017) convida o educador a se questionar se ele é um professor cartesiano ou um gestor da emoção. O professor cartesiano, segundo Cury (2017), esgota o cérebro, enquanto o gestor da emoção protege a mente. Enquanto o cartesiano desanima e se irrita com a ansiedade dos seus alunos, o educador gestor de emoção é capaz de filtrar os estímulos que causam traumas. Ambos são distintos, pois um (cartesiano) apenas ensina a matéria, não vendo a hora de se aposentar, enquanto o outro (gestor de emoção) não vê a hora de contribuir para o conhecimento dos alunos e ensina-os a pensar. Cury (2017) salienta ainda que a educação cartesiana vê os alunos como máquinas de aprender e, infelizmente, a nossa sociedade é cartesiana, marcada fortemente pela estatística e pela busca da perfeição. Isso nos impede de pedirmos desculpas pelos nossos erros e que indagemos sobre as nossas angústias e perdas. Mais uma vez, visando a orientar os professores que se tornem gestores de emoção e não apenas educadores cartesianos, Cury (2017) apresenta uma historietta, típica desses discursos:

Veja até que ponto vai a insanidade do racionalismo no sistema educacional. Certa vez, o presidente de um grande conglomerado educacional, com mais de 20 mil alunos do ensino fundamental e médio, teve a coragem de me dizer que um de seus alunos estava ferido, com edema nos olhos e manchas no

rosto. Observando-o, uma professora perguntou diante da classe qual era a razão do ferimento. O aluno, angustiado, disse que era porque seu pai o havia espancado. O resultado? O presidente desse grupo educacional, que faturava centenas de milhões, despediu a professora, obviamente sem lhe dizer o motivo. Mas o real motivo era que a escola não queria ter problemas com os pais do aluno. Esse líder comentou que os alunos estão nas suas escolas para aprender e a professora não devia entrar na seara emocional. Era um grupo de escolas doente, frio, racionalista. (CURY, 2017, p. 19).

Embora esta não seja uma história que deva ser banalizada, o psicoterapeuta conclui a partir dela que escolas desse tipo são escolas doentes e formando alunos doentes. Daí a importância da educação socioemocional e gestão da emoção, pois os alunos não são apenas máquinas de aprender, mas seres humanos complexos. Essas escolas doentes não ensinam a gerir as emoções, para que os sujeitos sejam autores da própria história. Cuide da sua emoção, seja autor de sua história – estas são orientações para que alunos assumam as responsabilidades diante das adversidades. Embora reconheçamos que somos seres racionais e emocionais, a gestão da emoção nesse discurso parece que não se limita apenas ao cuidado com o indivíduo, em primeiro lugar, contudo, trata-se de uma orientação que cuida para que ele seja capaz de se adaptar a um sistema que tem gerado inúmeras decepções; caso ele não consiga superá-las, não é devido ao sistema e a todas as suas mazelas, mas por não saber lidar com a gestão de sua emoção.

Na décima primeira regra, “Não gritar nem elevar o tom de voz”, tem-se outra orientação que já mencionamos, ainda que de maneira indireta, a qual aparece também na obra *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Segundo Cury (2017), os professores não devem elevar o tom de voz com os seus alunos. Para o psicoterapeuta, “[...] elevar o tom de voz com filhos, alunos e demais pessoas que nos circundam é uma violência ‘gritante’ que os piora.” (CURY, 2017, p. 130). Gritar não resolve o problema e aumenta a ansiedade das pessoas, gerando educadores e alunos inquietos. O que fazer, então, se precisar intervir? Cury (2017) aconselha a utilizar a arte da pergunta, elogiar, chamar pelo nome e levar o aluno a pensar criticamente em seu erro.

Por fim, outro conselho é a décima quarta regra, “Como ser um educador brilhante em sala de aula”. Nessa regra, Cury (2017) apresenta algumas técnicas que compreendemos como orientações. Podemos perceber que são expostas como imperativos. São elas: *Flutue sua voz: a sala de aula é um restaurante do conhecimento; Teatralize as informações: a sala de aula tem de ser um canteiro de emoções; O aluno tem de participar do processo: não faça da aula um monólogo – não dê aulas, dê desafios; Provoque os alunos: use a arte da dúvida – não*

*ensine a matéria, ensine a pensar; Faça avaliações constantes; Humanize-se como professor; Humanize o produtor do conhecimento; Sente em círculo; Coloque música ambiente; Eduque a geração Z.*

Destaquemos duas delas. Novamente com foco no cuidado com a emoção, Cury (2017) afirma que o professor deve teatralizar as informações, fazendo da sala de aula um canteiro de emoções. “Teatralizar o conhecimento toca a emoção, aquieta o pensamento, captura a mente dos alunos dispersos, desperta interesse e fomenta motivação.” (CURY, 2017, p. 143). Conforme o psicoterapeuta, em tempos de pensamento acelerado e de ansiedade coletiva, todo professor deveria ter aulas de teatro, saber impor a voz, gesticular e transmitir os dados de maneira mais vibrante. Deveriam falar dos átomos e partículas com emoção e fazendo dinâmicas. Ademais, Cury (2017) orienta esse professor a se humanizar, não sendo apenas um personagem, mas um ser real, colocando-se no processo e falando das experiências, crises, frustrações e perdas pelas quais passou. Os conhecimentos transferidos aos educandos são tão importantes quanto a transferência de experiências. “Se o mestre é amado, o conhecimento que possui também o será; se o mestre é entediante ou rejeitado, muito provavelmente o conhecimento que transmite não será inspirador.” (CURY, 2017, p. 146).

Outro eixo corrente nos discursos de autoajuda e que se encontra nas obras de Augusto Cury é a alusão às biografias. Os exemplos de vida de grandes personagens se tornam referência para esses discursos. A seguir, passamos a analisar as biografias, como exemplos de vida a serem seguidos pelos leitores dessa literatura de autoajuda.

### **3.2. Biografias e exemplaridade**

Semelhante a Smiles, conforme Turmina (2014), veremos que Augusto Cury também se utiliza de biografias, em seus discursos.

As biografias, assinala Turmina (2014), são úteis pela abundância dos modelos que apresentam, para que, por meio delas, seja possível “estudar, admirar e imitar” os homens que alcançaram o sucesso em suas vidas. Com efeito, as biografias “[...] aumentam a confiança do homem em si próprio, demonstrando o que ele pode ser, [...] elevando suas aspirações.” (SMILES, 1893, p. 426).

Ainda na obra mencionada no tópico anterior, *12 semanas para mudar uma vida*, Cury (2007) apresenta biografias de personagens históricos. Um dos personagens citado constantemente por Cury (2007) é Jesus Cristo. Para convencer os leitores, os escritores de autoajuda empregam essas estratégias, mostrando exemplos de pessoas que, apesar dos inúmeros desafios, sacrifícios e obstáculos por elas vividos, ainda assim foram capazes de se realizarem pessoalmente e criarem grandes feitos para a humanidade. Em *12 semanas para mudar uma vida*, Cury (2007) caracteriza Cristo como o maior empreendedor da história.

Retomando a vida de Jesus Cristo, desde o local do seu nascimento, no estábulo, e citando acontecimentos marcantes, dentre eles a não frequência a faculdade, o ofício de carpinteiro e sem participar de um exército, ainda assim tornou-se empreendedor. Embora tivesse sido decepcionado por aqueles que estavam ao seu redor, plantou sementes da bondade, o que lhes possibilitou tornarem pensadores. “Só o maior empreendedor de todos os tempos poderia dividir a história em antes e depois dele. Dividiu o pensamento e os corações humanos. Conquistou a humanidade. Fez tudo isso [...] discursando sobre o amor.” (CURY, 2007, p. 199).

Na obra *Filhos brilhantes, alunos fascinantes*, num tópico em que afirma que os bons filhos se preparam para o sucesso e os filhos brilhantes se preparam para enfrentar as derrotas, Cury (2006) usa um dos personagens da música, Beethoven, para fundamentar seu discurso. De acordo com Cury (2006), Beethoven, embora tivesse os desafios da perda da audição, não se abateu e nem se tornou vítima. O músico soube enfrentar suas limitações, decidindo-se a encontrar sentido para a sua vida, sendo capaz de compor música, apesar da surdez. “Um dos gênios da música, Beethoven, se deliciava ao som do piano. Sua genialidade musical alçava voos como as águias sobre montanhas e penhascos. O jovem Beethoven não precisava de grandes somas de dinheiro para ser feliz.” (CURY, 2006, p. 38).

A apresentação da biografia de Beethoven, na obra *Filhos brilhantes, alunos fascinantes*, tem como contexto uma história em que a professora Sofia conta à sua aluna Margareth, após ela ter ido mal numa prova de matemática. Ao final da história, utilizando-se da personagem Sofia, Cury (2006) ressalta que ela mostrara que “[...] a história do gênio da música tem princípios que deveriam ser observados por todos os alunos.” (CURY, 2006, p. 42). A intenção, nesse discurso, é mostrar que o professor pode gerenciar e trabalhar a emoção dos alunos, de sorte a prepará-los para o sucesso.

Embora as biografias sejam apresentadas dentro das obras, algumas delas são tomadas de maneira direta para orientar os indivíduos, como é o caso da obra de Augusto Cury intitulada *Maria, a maior educadora da História*, na qual o autor focaliza as dificuldades do processo educacional. Identificamos, nessa obra, princípios para educar e, por isso, trata-se de um texto, ao mesmo tempo de conselho, mas também biográfico.

De acordo com Augusto Cury (2014), educar não consiste numa tarefa fácil, porque é viajar pelo mundo do outro, sem penetrar nele. Nesse sentido, o bom educador não é aquele que controla, mas o que liberta, prevenindo os erros e não os apontando. Educar é ensinar a refletir, não desistindo, contudo, sempre recomeçando frente às dificuldades. Nesse livro, Cury sugere que cabe ao educador seguir estes conselhos: abraçar os alunos diante da rejeição, animar diante da condenação, aplaudir os que não sobem ao palco e inclusive vibrar com os que ficaram nos últimos lugares. Além do mais, fazer-se pequeno, não buscando o seu brilho e reconhecendo que nada sabe e, por isso, é ávido em aprender. Maria é tomada como exemplo e modelo de educadora, que, por assim dizer, amaria incondicionalmente os seus alunos. A relação entre professor(a) e aluno(a) assume aspectos idílicos, como se esta não fosse uma relação conflituosa, permeada, como analisara Adorno (1995), por tabus e preconceitos, tanto dos alunos como dos professores, os quais são difíceis de serem combatidos, pois são da ordem dos afetos e envolvem elementos do próprio inconsciente.

Cury (2014) romantiza a relação pedagógica, explorando, de maneira piegas, a figura bíblica de Maria, em sua relação com Cristo criança. A imagem é apelativa e mescla o elemento da fé ao ato pedagógico como uma resignação, no esforço de realçar o caráter desafiador de ensinar. Na verdade, associa à figura, sobretudo da professora, a ideia de que a profissão professor tem algo inerente à maternidade. Além disso, podemos pensar que, assim como Maria fora escolhida por Deus para cumprir a missão de ser a mãe e educadora do Cristo criança, essa imagem reforça ou sugere a ideia de que a profissão professor também está revestida de uma missão desafiadora. De acordo com Cury (2014), Maria, ainda que aparentemente frágil, inexperiente e jovem, foi escolhida por Deus, dentre intelectuais, escribas e sacerdotes:

Educar é a tarefa intelectual mais fascinante e, ao mesmo tempo, a que mais revela nossa impotência. Se educar uma criança e adolescente é uma incumbência difícilíssima, imagine educar a criança mais instigante que pisou nesta terra, o menino Jesus? Que educador daria conta dessa missão? Desde pequeno ele era especialista em perguntar: Questionava, indagava, queria saber tudo. [...] Havia milhares de candidatos. Mas uma jovem destacou-se

diante do olhar clínico apuradíssimo do Autor da existência. Seu nome: Maria. (CURY, 2014, p. 08).

A biografia de Maria é apresentada como modelo a ser seguido. Aqueles que a tomam como exemplo, no processo educacional, poderão usufruir de grandes benefícios. A exemplaridade é uma força, nesse discurso de autoajuda. Com referência de indivíduos que foram marcantes na história da humanidade, o sujeito pode se espelhar e assim buscar também resultados eficazes.

Segundo Cury (2014), há muitos educadores que têm medo de falhar e são controlados pelo medo. Porém, educar é viver os fatos imprevisíveis, e até mesmo caminhar sem ter certeza; por isso, quem educa não pode ter medo dos acontecimentos e nem controlar todos os acontecimentos, pois isso, inclusive, gera a insegurança e o medo. “Quem não quer correr riscos está inapto para educar.” (CURY, 2014, p. 16). Maria é oferecida como o modelo de educadora que soube correr todos os riscos, com as incertezas, e que não podia controlar todos os fatos. Eis o modelo a ser imitado.

Ao remetermos esse discurso para o âmbito da educação, ele revela-se muito distante da realidade da escola, particularmente da escola pública. Como se educar dependesse exclusivamente do esforço, do desempenho de quem se propõe a educar. Em nenhum momento o autor se pergunta pelas condições materiais, pelas condições estruturais, pedagógicas e didáticas, as quais faltam à escola. Há algo que escapa ao controle de educadores, de fato, mas isso não concerne a aspectos de ordem emocional, mas estrutural: investimento, melhores salários, planos de carreiras interessantes, valorização profissional. Por exemplo, uma escola em que não há materiais necessários para realizar uma aula específica, mesmo que o professor queira atingir um objetivo, não será possível. Essa responsabilidade, transferida ao professor, de que ele é capaz de mudar uma realidade é preocupante, quando pensamos no educador de escola pública, a qual nem sempre possui uma estrutura adequada, como, por exemplo, bons laboratórios, recursos artísticos e esportivos.

Utilizando-se de Maria no processo educacional de Jesus, Cury (2014) assegura que a educação pós-moderna falhou, em alguns pontos, dentre entre eles o ensino de que a vida é pautada por riscos e que o mundo é distinto de um espaço controlado, como, por exemplo, a sala de casa e a sala de aula, e que, por isso, ensinar a valorização do fracasso é importante. Muitos que alcançaram o sucesso experimentaram o fracasso. Assim, “[...] é fundamental que as escolas, inclusive as universidades, construam laboratórios de riscos sociais, emocionais,

profissionais, onde se criem ambientes que simulem rejeições, perdas, frustrações e competições.” (CURY, 2014, p. 28).

O agradecimento é um aspecto recorrente no discurso de autoajuda. Ao sujeito cabe sempre agradecer, independentemente das circunstâncias. Conforme Cury (2014), Maria não reclamava e nem se lamentava, quando as coisas não davam certo, embora Cury (2014) sustente que esse agradecimento de Maria não era de conformismo, mas de aceitação do que não poderia mudar. Segundo Turmina (2014), esse tipo de imagem biográfica visa a fortalecer a crença de que a força de vontade individual é importante para a superação de obstáculos. A não reclamação de Maria é tomada como exemplo e, na concepção de Cury (2014), viver sem reclamar diante das dificuldades da vida é um dos maiores segredos, o qual pode ser tomado como um princípio da educação.

No processo educacional, Cury (2014) afirma que a intuição é fundamental e que Maria a utilizava para educar Jesus, não se apegando a manual de instrução. Intuição, para ele, é entendida como “[...] a capacidade de ver de vários ângulos um mesmo fenômeno, seja ele um estímulo físico ou psíquico, bem como um problema social, profissional, existencial.” (CURY, 2014, p. 5). De acordo com Cury (2014), muitos pais e professores não possuem a intuição no processo educacional e, por isso, apenas apontam as falhas e não compreendem o que há por trás dos comportamentos dos alunos. Embora as teorias sejam importantes, Cury (2014) garante que é necessário desenvolver a intuição para ser pescador de pérolas:

Selecionar elementos e desenvolver as próprias técnicas e muitas vezes os próprios objetivos é fundamental no processo educacional. Maria tomou esse caminho. A falta de um manual de regras teóricas pode ter sido um fator importante para o menino Jesus na utilização de suas estratégias para se relacionar, extrair suas experiências humanas. [...] A genialidade desse menino era espetacular e assombrosa. Maria precisava nutrir sua intuição a cada momento por meio de uma rica interiorização para dar respostas às suas necessidades. (CURY, 2014, p. 52-53).

A partir da discussão acima, é possível identificarmos outro conselho de Cury: professores e pais devem se interiorizar, pois aqueles que assim o fazem surpreendem seus filhos e alunos, imprimindo neles um comportamento inteligente, à maneira do que fizera Maria.

Trata-se de um discurso que tenta conduzir condutas, por meio de personagens históricas, como é aqui o caso da figura de Maria. Nessa condução, afirma-se como o indivíduo deve se portar. Ao longo da obra, por meio da história de vida de Maria, Cury

(2014) apresenta outros conselhos, tais como: *o educador deve educar para o aluno servir a sociedade e não ser servido por ela, deve estimular a proteção da emoção e a ambição interior; e também estimular a inteligência para construir um projeto de vida tendo a disciplina para executá-lo.*

Apesar de não a tomarmos como uma categoria e eixo específico do discurso de autoajuda, a ênfase na *disciplina* aparece constantemente nesse discurso. “O discurso de autoajuda da primeira metade do século XX enfatiza o conhecimento útil, a disciplina, a aceitação e a conformação.” (TURMINA, 2014, p. 28). De acordo com Cury (2014), a construção de um projeto de vida é importante para a construção da nossa história e, por isso, a disciplina é indispensável nesse processo. Não se trata apenas de uma intenção ou desejo, mas de um traçar de metas e disciplina para segui-las. Maria, nesse caso, funciona também como a imagem da disciplina emocional e da persistência, como educadora.

A recorrência as biografias, nos discursos de autoajuda, torna-se assim um elemento importante no governo da conduta dos indivíduos. Elas funcionam como um modelo moral que busca despertar a identificação. São modelos que se colocam com uma elevada dose de realidade humana, tão próximos e parecidos conosco, mas também distantes, pelo que conseguiram alcançar e superar em suas vidas. Contudo, o que está distante não nos afasta desses modelos, pelo contrário, nos desafia a nos aproximarmos deles. As biografias trazem um forte apelo à transformação de si. O que há de excepcional nesses modelos é o que há de mais humano em cada uma dessas personalidades: as fragilidades que são superadas por um sujeito que se apresenta tão humano, assim como qualquer humano, porém, ao mesmo tempo tão capaz de superar obstáculos e situações existenciais que são limitantes. Talvez se encontre nesses aspectos o elemento sedutor presente na biografia: a força do modelo no qual os sujeitos podem se espelhar, mas negando a si mesmos. Aliás, um modelo para ser imitado ao longo de toda uma vida, o qual funciona sempre como uma conquista a ser alcançada em longo prazo.

### **3.3. Treinando as emoções**

As orientações e conselhos apresentam exercícios ou treinamentos. Treinar para atingir um determinado fim é uma linguagem presente no discurso de autoajuda. Segundo Marín-Díaz (2015), todas as indicações são acompanhadas de exercícios com os quais, por meio de passos, se aprendem as técnicas que levam à mudança. A ideia de treinamento é

encontrada nas obras de Cury. Destacamos aqui os seguintes livros: *Treinando a emoção para ser feliz* e *Treine o seu cérebro para provas*.

Na obra *Treinando a emoção para ser feliz*, Cury (2014) aborda, como de costume, o cuidado com a emoção. Essa emoção pode ser educada a partir de treinamento. Os professores podem e devem treinar a emoção. “Os professores são poetas da vida. Eles precisam resgatar a autoestima. A esperança do mundo está sobre os ombros da educação [...] que tem de levar em conta o treinamento da emoção.” (CURY, 2014, p. 61). De acordo com o psicoterapeuta, os princípios das técnicas podem ser usados pelos profissionais da educação. Algumas técnicas de treinamento para a educação da emoção que o autor propõe, fazendo com que os professores trabalhem com mais prazer, são: *Educação participativa*; *Exposição dialogada*; *Contador de histórias*; *Reconstruir o rosto do conhecimento*; *Elogiar e resgatar a autoestima dos alunos*; *Cruzar o mundo dos professores com o dos alunos* e *Ensinar técnicas do treinamento da emoção e gerenciamento do pensamento*.

Na concepção de Cury (2014), a *Educação participativa* é a primeira técnica de treinamento para a educação da emoção. Cabe aos professores promoverem a educação participativa, isto é, estimular, de todas as formas, os alunos a deixarem de ser espectadores passivos, pois isso prejudica a criatividade e o espírito empreendedor. Os alunos devem participar, duvidar, perguntar e questionar. Para que isso ocorra, Cury (2014) sugere inclusive algumas mudanças estruturais na sala de aula, como, por exemplo, não enfileirar os alunos, mas sentar-se em formar de “U”, porque “[...] o enfileiramento dos alunos parece inofensivo, mas é pernicioso e lesivo, pois cria hierarquia, produz distrações, fomenta a inércia do pensamento e obstrui a emoção.” (CURY, 2014, p. 62). Os professores precisam estimular os jovens a participar e falar o que pensam. O excelente aluno não se restringe àquele que tira boas notas, todavia, inclui aquele que aprende a pensar e educa a emoção. Cury (2014) argumenta que, se não houver a educação da emoção e a educação participativa, não será possível desenvolver as inteligências múltiplas.

Outra técnica de treinamento para a educação da emoção é *Cruzar o mundo dos professores com o dos alunos*. De acordo com Cury (2014), é preciso fundir os mundos presentes na educação: mundo dos alunos, mundo dos professores e mundo da instituição escolar. Os professores devem contar as suas histórias aos alunos, não tendo medo de falar de si, de suas experiências, metas, sonhos e dificuldades. “Seria muito bom se os professores contassem suas experiências reais de vida quando transmitissem temas transversais tais como [...] educação da emoção.” (CURY, 2014, p. 69).

Em outra obra, intitulada *Treine o seu cérebro para provas*, Cury (2018), antes de abordar a gestão da emoção - já mencionada neste trabalho - enquanto o fundamento básico de qualquer treinamento psíquico, discute a importância do treinamento.

Conforme Cury (2018), nos depoimentos de atletas profissionais, é possível identificar relatos de que eles treinaram muitas horas. Os treinos não se limitam apenas ao esporte específico, mas visam a melhorar o desempenho do atleta em todas as suas atividades. Exemplificando, Cury (2018) afirma que o jogador de futebol deve desenvolver várias habilidades, como o fortalecimento muscular e a capacidade cardiorrespiratória. Porém, se, apesar de ele ter treinado de maneira exaustiva, entrar em campo com a sua autoconfiança baixa, provavelmente o seu desempenho não será dos melhores e terá grandes chances de ser derrotado.

Tal como ocorre num jogo de futebol, o mesmo acontece na vida profissional. Executivos de sucesso fracassam, pois não fortaleceram seus Eus e nem geriram as suas emoções. Por isso, segundo o psicoterapeuta, os alunos precisam estar atentos, uma vez que “[...] o mesmo cenário é visto, ainda com frequência, em situações que envolvem estudantes preparados e importantes provas.” (CURY, 2018, p. 152). Logo, se de fato o aluno quiser ter sucesso nas provas e fazer valer todo o seu esforço, ele precisa treinar a gestão da sua emoção e garantir o bom desempenho fortalecendo o seu Eu:

Um aluno introspectivo, ansioso, impulsivo, pessimista pode prejudicar seu desempenho nas provas muito mais do que pode imaginar. As emoções agem na abertura e no fechamento das janelas da memória e impedem que o EU acesse dados importantes numa situação de estresse, comprometendo gravemente o raciocínio. Esse estudante pode não ser capaz de acessar todas as informações necessárias no período de tempo de que dispõe para a realização da prova, o que levará a um rendimento baixo. (CURY, 2018, p. 152).

Segundo Turmina (2014), o discurso de autoajuda tem por objetivo levar o executivo e outros profissionais a pensarem que o sucesso ou fracasso do seu trabalho depende dele, pois “[...] o individual é massivamente explorado nessa literatura, empurrando para o indivíduo a responsabilidade de assumir uma posição em face da realidade que o cerca.” (TURMINA, 2014, p. 271). Assim, a partir da orientação de Cury (2018) para que o estudante treine sua emoção para ir bem nas provas, de certa maneira, atribui-se ao aluno as responsabilidades pelo seu fracasso ou sucesso escolar. Se o aluno não consegue ir bem nas avaliações, ele não executou o treinamento. Esse discurso desconsidera todas as outras nuances possíveis, tais

como má-formação docente, condições estruturais de ambiente escolar e falta de recursos escolares. Trata-se de um discurso direcionado à educação, o qual supervaloriza o individual, em detrimento dos aspectos mais amplos que determinam as práticas escolares. Toda a ênfase recai sobre o esforço do indivíduo: “[...] a trajetória que o indivíduo tem de percorrer para se tornar um indivíduo soberano do seu destino é a história dos esforços pessoais que galgou para o sucesso.” (TURMINA, 2014, p. 118).

Continuando a análise desses eixos do discurso de autoajuda, de acordo com Marín-Díaz (2015), há três elementos constitutivos desse discurso, que são a *produção do “eu”*, a *transformação do “eu”* e o *foco na felicidade*, os quais estão presentes também nas obras de Cury por nós analisadas. A seguir, destacaremos o *foco na felicidade*.

### 3.4. Foco na felicidade

Nos discursos de autoajuda, vemos que o foco na felicidade, embora seja uma característica marcante, nunca vem de maneira isolada. Aliás, para se atingir a felicidade, é necessário levar em consideração o caráter normativo das leis e regras. Nesse sentido, é feliz aquele que sabe colocar em prática as orientações do discurso.

Conforme afirmara Marín-Díaz (2015), as nossas ações estão atreladas à busca pela felicidade, ainda que não as compreendamos assim. Essa busca constitui algo da humanidade e é uma preocupação humana. Podemos constatar isso, destaca Marín-Díaz (2015), a partir de obras que atualmente são atualizações de textos antigos, como, por exemplo, *Aprendendo a viver*, de Sêneca. Porém, é possível identificarmos esse foco na produção de Augusto Cury, com destaque para o livro *Dez leis para ser feliz*, obra já mencionada.

De acordo com Cury (2012), seguir as leis é fundamental para ser feliz, porém, isso não consiste em não ter uma vida sem frustrações e perdas, mas saber alegrar-se em meio às lágrimas, vivendo intensamente, ainda que enfermo – e não deixar de sonhar e dialogar consigo mesmo. Além do mais, o ser feliz, busca de todos os homens, é não desistir, saber agradecer, compartilhar lágrimas e sorrisos:

Quem conquista uma vida feliz? Será que são as pessoas mais ricas do mundo, os políticos mais poderosos e os intelectuais mais brilhantes? Não! São os que alcançam qualidade de vida no palco de sua alma. Os que se libertam do cárcere do medo. Os que superam a ansiedade, vencem o mau humor, transcendem os seus traumas. São os que aprendem a velejar nas águas da emoção. (CURY, 2012, p.11).

A busca da felicidade pode não ser alcançada, conforme Cury (2014), caso tomemos os alvos errados, como, por exemplo, o de se apegar ao dinheiro, à fama, à cultura acadêmica, ao poder. Segundo Cury (2014), embora o dinheiro nos dê uma segurança e conforto, ele não pode nos dar o descanso, apenas a cama; não pode nos proporcionar a alegria, apenas um bilhete para uma festa, além de até pagar a mensalidade da escola, contudo, não compra a arte de pensar. Quanto à fama, ela produz aplausos, mas não pode produzir a alegria e, além do mais, pode tornar-se uma armadilha na busca pela felicidade, uma vez que ela deixa de lado a simplicidade e esmaga a sensibilidade. Por isso, devemos pouco nos importar com a fama.

Outro alvo errado para alcançar uma vida feliz é a cultura acadêmica. Sobre a cultura acadêmica, embora ela alimente a inteligência, pode ser que o aluno saia da academia sem conhecer o anfiteatro da sua mente, mas apenas o mundo exterior. O alicerce para uma vida feliz não é a cultura acadêmica. “O mundo acadêmico está em crise. Dá diplomas, mas não prepara os jovens para a escola da vida.” (CURY, 2012, p. 14). Por fim, o poder maior é aquele em que os homens lideram o seu próprio ser. De acordo com Cury (2012), pouco importa se o homem ama o poder, se ele não tiver competência para governar sua emoção. Por isso, precisamos atentar: o poder não gera uma vida feliz.

O discurso da autoajuda, com o foco na felicidade, mostra-nos que é necessário seguir leis. Uma das leis mencionadas por Cury (2012) faz referência ao incentivo para o sujeito ser empreendedor. O empreendedor não espera a felicidade acontecer, porém, busca conquistá-la. “Ser empreendedor é executar os sonhos, mesmo que haja riscos. É enfrentar os problemas, mesmo não tendo forças.” (CURY, 2012, p. 67). Segundo o psicoterapeuta, cabe ao sujeito procurar vencer os obstáculos, caso ele almeje a conquista. Esse sujeito precisa sair da sua zona de conforto, libertar-se dos cárceres da insegurança, buscando soluções para os seus problemas e prevenindo erros, inclusive no trabalho. O sucesso pessoal e profissional está atrelado ao *ser empreendedor*. “Se quiser ter sucesso emocional, profissional e social, você precisa ser um empreendedor. Como empreendedor, errará diversas vezes, mas esse é o preço da conquista. Não há vitórias sem derrotas nem pódio sem labuta.” (CURY, 2012, p. 68).

O incentivo para o sujeito ser empreendedor, caso queira ser feliz, é direcionado também para a área educacional. Num discurso dirigido aos alunos, Cury (2012) convida-os a terem metas e a se animarem, procurando fazer o que ninguém faz, e não tendo o medo de errar. “Valorize seus estudos. Ame sua escola. Crie oportunidades. Ao criá-las, não tenha

medo de falhar. Se falhar, não tenha medo de chorar. Se chorar, repense a vida, mas não recue.” (CURY, 2012, p. 69).

Esse governo da vida não ocorre de maneira ingênua, como muitas vezes deixa entrever os texto de autoajuda. Trata-se de uma condução intencional, a qual se situa no arco mais amplo de práticas contemporâneas articuladas, ainda que nem sempre de forma assumida, aos aspectos da ideologia empresarial que passa a orientar e alimentar uma espécie de performance de vida, capaz de atender às demandas do mercado. O que se espera como resultado dessa performatividade é a produção de subjetividade adaptada a uma positividade sempre disposta a dizer “sim”, portanto, que nunca se coloca como força contrária à adesão sumária à ideologia do mercado neoliberal. Isto é o que nos sugerem Alain Ehrenberg (2010) e Byung-Chul Han (2017).

O discurso de condução de condutas, numa perspectiva de governo da vida, sempre esteve presente nos domínios educacionais. Esses discursos demandam uma atitude de adesão da educação às demandas discursivas do capitalismo neoliberal.

### **3.5. Neoliberalismo, autoajuda e *Coaching* na educação**

A biopolítica neoliberal, segundo Duarte (2010) atuará de acordo com as demandas e exigências competitivas do mercado econômico. Todas as tecnologias neoliberais de governamento visam a pensar como o mercado pode governar a população, “[...] como o mercado pode atuar de maneira a regradar, normalizar e administrar a conduta da população, padronizando-a.” (DUARTE, 2010, p. 262). Nessa lógica, caberá ao mercado econômico assumir a formatação da verdade e padronizar os indivíduos em seu discurso e prática.

Para Agamben (2009), a palavra *dispositivo* é um termo estratégico no pensamento de Foucault, em que destaca as suas discussões relacionadas à governamentalidade ou governo dos homens. O dispositivo, em Foucault, conforme Agamben (2009) é um conjunto heterogêneo, no qual são implicados discursos, embora não seja apenas o dito, e tem, por sua vez, uma função estratégica. “O dispositivo é: um conjunto de estratégias de relações de força que condicionam certos tipos de saber e por ele são condicionados.” (FOUCAULT *apud* AGAMBEN, 2009, p. 28).

Levando-se em consideração que esse dispositivo implica um conjunto de leis e normas, regulamentos e discursos, o discurso da autoajuda configura-se um dispositivo. Essa

literatura constitui uma tecnologia que faz uso de uma série de regras, leis, conselhos, saberes, ditos, biografias etc., por meio de um conjunto de enunciados, os quais produzem processos de subjetivação que redundam em modos de pensar, sentir, desejar, ver e viver, que passam a orientar as condutas dos indivíduos. Não se trata de um discurso reconhecidamente científico, embora tenha essa pretensão, nem pertence à ciência da educação, todavia, tem efeitos evidentes sobre pais, professores e alunos.

O neoliberalismo, compreendido, segundo Veiga-Neto (2011), enquanto um modo de vida e maneira de ser e estar no mundo, com implicações no campo da educação, tem na própria escola um importante aliado, pois nela é possível ensinar processos, controlá-los e regulá-los. Dentre vários princípios que caracterizam o neoliberalismo, não há dúvidas de que o espírito de competitividade seja o mais estimulado e requisitado, como condição para a maximização da produção e do jogo econômico. Entretanto, a fim de que o indivíduo esteja no jogo da competição, ele precisa inovar e, nesse cenário, a empresa é símbolo dessa inovação; “[...] a empresa é a catalisadora da inovação, da invenção.” (VEIGA-NETO, 2011, p. 40). Ao contrário da fábrica, que reproduz a mercadoria, a empresa enfatiza a invenção e a criatividade, tornando-as regra. Por isso, a empresa é modelo para que o indivíduo organize a sua vida.

No jogo da competição do neoliberalismo, aqueles que desejam competir de maneira eficaz precisam se preparar. Como “máquina”, devem investir em si mesmo, pois é por meio dela que o indivíduo será capaz de adquirir seu salário, sua renda. Os discursos de autoajuda funcionam como orientações de como deve ocorrer essa preparação, e quais são os bons indivíduos que a sociedade neoliberal deseja. Para tanto, uma educação que forma esse indivíduo se faz necessária. Por isso, é possível identificarmos novas concepções de escola. Se, algum tempo atrás, as discussões giravam em torno da Educação Tradicional, Tecnicista, Sociointeracionista e outras, hoje a discussão gira em torno da Educação Empreendedora (VEIGA-NETO, 2011).

Na visão de Gadelha (2013), um dos desdobramentos da governamentalidade neoliberal está ligada diretamente à educação. Para o autor, disseminou-se uma espécie de cultura do empreendedorismo e, conseqüentemente, uma Educação empreendedora ou pedagogia empreendedora.

Se a empresa se tornou, na sociedade neoliberal, modelo e símbolo da invenção, da inovação, e transformou a competição numa espécie de imperativo moral, parece-nos

plausível reconhecer que os discursos de autoajuda, em suas várias facetas, incidem sobre os processos educacionais, numa clara tentativa de produzir o alinhamento entre escola e empresa, para a formação de indivíduos empreendedores. Dessa forma, a escola é vista, mais do que em outras épocas, como lugar em que os sujeitos devem ser formados em consonância com os perfis demandados e esperados pelo mercado.

Para investir em Capital Humano, o sistema empresarial lança mão de algumas práticas e discursos que estão no mercado há algum tempo, arregimentados no *Coaching*, sobre o qual abordaremos brevemente.

Os discursos de *Coaching* funcionam como uma extensão do discurso de autoajuda, aplicados ao mundo empresarial e ao mundo do trabalho e mirando diretamente o indivíduo. Ou seja, trata-se de uma condução direta. É a ação de treinar o indivíduo para melhorar em sua função e assim valer mais.

O conceito de *Coaching* deriva de *Coach*, que, na língua inglesa, significa “treinador”. De acordo com Santos (2012), no Brasil, o seu surgimento ocorre por meio de associações esportivas. O *Coaching* significa “treinando”, função dos técnicos em diferentes modalidades esportivas:

Seguramente este é o estereótipo que mais comumente simboliza o *coach* e o *Coaching*, até mesmo porque a palavra deriva daí. O cinema e a literatura estão recheados de exemplos na área esportiva onde um profissional dedica-se a treinar seus discípulos para realizar feitos maravilhosos e impressionantes. (CARLI; MARQUES, 2012, p. 35).

A função do *Coaching*, do mesmo modo que a do técnico esportivo, será atuar para que os empregados desenvolvam novas habilidades e competências e se adequem à “filosofia” da empresa e do mercado. Identificando o estado em que o indivíduo se encontra, o treinador elabora um roteiro a ser seguido pelo esportista, até que ele alcance a meta. Embora num mesmo time todos desejem o mesmo objetivo, vencer, “[...] cada pessoa possui um mapa específico desenhado de acordo com suas experiências e vontades.” (CARLI; MARQUES, 2012, p. 35). Todavia, o treinador utiliza-se de ferramentas, como, por exemplo, o reforço positivo, que estimule o conduzido a construir uma nova identidade. Consiste num processo de reprogramação, e não cabe ao treinador forçar o processo, pois isso pode levar a uma desistência. “É como uma dança, condução suave, harmônica, mas firme.” (CARLI; MARQUES, 2012, p. 36).

Recentemente o processo de *Coaching* tem-se dirigido ao campo educacional. *Coaching* tem um caráter de instrumentalizar, treinar um determinado sujeito para se tornar

cada vez mais efetivo. Essa característica do *Coaching* é uma extensão do discurso de autoajuda, assumido agora pelo viés da empresa. Nesse discurso, o exercitar-se, o repetir determinadas atividades, a disciplina, são importantes para que se alcance a realização profissional e pessoal. No *Coaching*, esse exercício não fica apenas na esfera de um discurso, mas se dá em razão de treinamentos aplicados, seja no âmbito empresarial, seja no educacional (SANTOS, 2012).

A terminologia *Coaching* tem adentrado no campo educacional, e podemos notar isso através de Augusto Cury, idealizador da escola *Menthes*, a escola de *Coaching* emocional. De acordo com o site *menthes.com.br* (2018), trata-se de um método que é um certificado de excelência e qualidade em educação, beneficiando milhares de pessoas, por intermédio de programa de ensino, treinamentos e capacitações.

Tal como os treinamentos ocorridos no âmbito empresarial, que visam a um melhor rendimento e ampliação das competências dos sujeitos, o *Coaching educacional* possibilita, segundo Augusto Cury, um rendimento no processo educacional. Todos os envolvidos no processo educacional, pais, professores e alunos são beneficiados:

O Método proposto contribui com as escolas na formação dos alunos, professores e pais. Os **alunos** melhoram suas notas escolares, tornam-se mais participativos nas aulas e melhoram sua convivência com os colegas e professores. Os **pais** dos alunos aprendem como educar sua inteligência emocional e a dos seus filhos, e como incentivar a aprendizagem. Os **professores** aprendem técnicas para aumentar a aprendizagem dos alunos e para cuidar da sua qualidade de vida. (MENTHES – Método..., s. d.)

Autoajuda e *Coaching*, ambos direcionados à educação, têm a finalidade de conduzir as condutas dos indivíduos, treinando-os e preparando-os segundo a lógica neoliberal, induzindo-os a seguir as recomendações propostas, pois somente assim é que se tornarão um capital humano de imensa raridade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No curso “Nascimento da biopolítica”, Foucault analisa de que modo a racionalidade governamental se desenvolveu a partir do liberalismo, não como uma teoria política, “[...] mas como uma prática, quer dizer, como uma ‘maneira de fazer’.” (DUARTE, 2010, p. 260). O princípio e o método de racionalização do exercício do governo passam a ser a racionalidade do mercado. Esse princípio torna-se aplicável não apenas às questões relacionadas à economia, mas também a outras esferas da vida social, como a educacional. Examinando o neoliberalismo, com amparo na Teoria do Capital Humano, Foucault (2008) evidencia que essa teoria tem como eixo fundamental pensar a produção de *capital humano*, compreendendo-o como uma espécie de capital raro que transforma o indivíduo numa mercadoria valorizada no mercado, a qual pode ser convertida num salário, numa renda. É dessa perspectiva que os liberais e, de forma mais sofisticada, os teóricos do neoliberalismo explicam a constituição e a importância do acúmulo de capital humano, na sociedade contemporânea. Por essa razão, caberá ao mercado econômico assumir a formatação da verdade e padronizar os indivíduos em seus discursos e práticas.

De acordo com Foucault (2008), os conceitos de *homo oeconomicus*, *capital humano* e *sociedade empresarial*, os quais discutimos anteriormente, encontram-se articulados, pois, na sociedade empresarial, o *homo oeconomicus* será o responsável pelo rendimento do seu capital humano e, por isso, esse homem precisa investir em suas habilidades profissionais, para que possa competir dentro da esfera da sociedade empresarial. Segundo Duarte (2010, p. 263-264), a biopolítica neoliberal visa a “[...] generalizar, difundir, multiplicar, tanto quanto possível, as formas-empresa, de maneira a fazer do ‘mercado, da concorrência e, por consequência, da empresa aquilo que se poderia chamar de potência informante da sociedade.” Nesse sentido, a empresa é, conforme analisa Deleuze (2010), uma alma, um gás, isto é, aquela que anima toda a vida, a qual se organiza a partir da racionalidade neoliberal. Por isso, essa empresa torna-se referência para a organização da vida. O discurso de autoajuda, especificamente nas obras de Augusto Cury, aqui estudadas, flerta claramente com a linguagem empresarial. As obras analisadas têm uma intenção clara de orientar as práticas escolares numa sintonia com a ideia de produção de capital humano, tão defendida pelo espírito empresarial contemporâneo. Educar, não para esclarecer, transformar o contexto no

qual o indivíduo está inserido, mas para que ele se torne um capital raro para o mercado econômico.

Com base em Foucault (2008), podemos compreender que, ao longo da História, os homens foram governados e as formas de governo não deixaram de existir, no tempo presente; pelo contrário, sofisticaram os seus dispositivos de governo.

Levando-se em consideração que esses dispositivos implicam um conjunto de leis e normas, regulamentos e discursos, o discurso da autoajuda configura-se como um dispositivo potente, em nosso presente (AGAMBEN, 2009, p.28). Essa literatura constitui uma tecnologia que faz uso de uma série de regras, leis, conselhos, saberes, ditos, biografias etc., por meio de um conjunto de enunciados, os quais produzem processos de subjetivação que redundam em modos de pensar, sentir, desejar, ver e viver, os quais passam a orientar as condutas dos indivíduos. Mesmo que não sejam discursos reconhecidamente científicos, embora tenham essa pretensão, e nem sejam pertencentes à ciência da educação, eles exercem efeitos evidentes sobre pais, professores e alunos.

Nas obras de Cury, direcionadas à educação, o indivíduo é tomado como agente transformador de si mesmo, numa linguagem foucaultiana, como *empresário de si*. A autoajuda produzida por Cury não surge por acaso, contudo, ela emerge da cultura do mercado, das mudanças ocorridas no âmbito da economia e das inovações tecnológicas e seus efeitos nas relações de trabalho. Na realidade, ressoam nessa literatura de autoajuda os desafios de se lidar com a instabilidade no mercado de trabalho e com a financeirização da economia, que submeteu a política ao jogo do mercado. Esse turbilhão de instabilidades constitui o ambiente propício para a proliferação dos discursos de autoajuda, como dispositivos apresentados como orientações que oferecem aos indivíduos a sensação de segurança, como uma fonte que alimenta esperanças, mesmo que ilusórias. A autoajuda funciona como mais uma mercadoria disponível no mercado, a qual promete a redenção dos sujeitos humilhados pelo próprio mercado. O mesmo mercado produz e vive do fracasso dos indivíduos, promete-lhes, de maneira cínica, a cura para o fracasso que ele mesmo protagonizou. De todo modo, é importante ressaltar aqui que a educação escolar constitui esse lugar privilegiado de condução de condutas, em cujo jogo a autoajuda e o mercado passam a ocupar uma fatia importante.

Dentre vários princípios que caracterizam o neoliberalismo, não há dúvidas de que o espírito de competitividade seja o mais estimulado e requisitado, como condição para a

maximização da produção e do jogo econômico. É nesse sentido que o ideário do neoliberalismo encontra, na visão e administração empresarial, os elementos catalisadores da inovação e da reinvenção da mão de obra que deverá estar disponível no mercado. Como já assinalamos, a empresa ou a visão empresarial passam a arregimentar força em todos os espaços e se torna modelo de organização para a vida de cada indivíduo. Assim, a escola ou o público escolar transformaram-se no alvo predileto dos discursos do empreendedorismo, e é nesse registro que a literatura de autoajuda, ou pelo menos parte dela, se filia aos ideais de uma educação empreendedora, como constitutiva de um novo *ethos*, de um novo modo de vida, o qual demanda dos sujeitos disciplina, otimismo, esforço, foco, avaliação de suas habilidades, flexibilidade para se adaptar às inovações tecnológicas, obediência aos conselhos das *expertises* e, por fim, resignação.

Todas as exigências acima enumeradas soam como um imperativo moral. Foi o que pudemos identificar nas obras de Cury aqui analisadas. Na realidade, a literatura de autoajuda se apresenta como expressão clara da prática do *Coaching*, como o promotor da ideia de que os indivíduos são empresas-máquinas que podem ser aprimoradas. Nesse jogo, o *Coaching* funciona como o guia, o formador, o conselheiro “moral”, aquele que se propõe dirigir a conduta de cada indivíduo, falando-lhe diretamente à alma. Oferece ao indivíduo regras, normas, conselhos, a partir dos quais ele poderá se exercitar e treinar para a vida competitiva. Aqui vale a metáfora que compara o *Coaching* ao técnico esportivo. A tarefa do primeiro será atuar para que os empregados desenvolvam novas habilidades e competências e se adequem à “filosofia” da empresa e do mercado. Da mesma forma que o treinador e seu grupo de auxiliares, o *Coaching* elabora um roteiro a ser seguido pelo esportista, até que ele alcance o seu máximo desempenho. Obviamente, na literatura de autoajuda, as exigências se apresentam de forma mais branda, sem forçar o processo. Essa parece ser a marca da autoajuda, nunca atuando de forma profunda e incisiva, mas sempre fornecendo conselhos adocicados, não ultrapassando a superfície do óbvio, do evidente, do já dito, mas agora repetido pela voz ou pena de uma *expertise* consagrada pelo mercado editorial, pelas redes sociais e pela televisão. É da perspectiva do *Coaching* que Augusto Cury define a escola Menthes por ele idealizada como a escola de *Coaching* emocional.

Ao longo do presente trabalho, buscamos tratar da emergência do discurso de autoajuda na educação, situando-a no espectro amplo do neoliberalismo contemporâneo. A autoajuda resulta da própria configuração assumida pelo capitalismo, na contemporaneidade: crises econômicas, taxas de desemprego elevadas, formas de controle do tempo de trabalho e

de consumo, aumento das demandas por produtividade e intensificação das formas de competitividade. Todas essas mudanças e exigências têm gerado nos indivíduos processos de adoecimento, como bem demonstram Han (2017), Crary (2016) e Ehrenberg (2010).

A autoajuda contemporânea é tributária desse contexto. Ela surge como tecnologia que visa a produzir indivíduos capazes de superar suas ansiedades, depressões, cansaços e as mais variadas síndromes. Objetiva manter os sujeitos equilibrados. Todavia, esta é uma das facetas da autoajuda, visto que ela não se restringe somente a produzir sujeitos equilibrados emocionalmente, mas visa à produção de sujeitos criativos, disciplinados e que se dediquem a perseguir seus sonhos, numa sociedade que se alimenta da competitividade e da exploração da vitalidade desses sujeitos. Enfim, tem como alvo a educação de sujeitos que estejam dispostos a investir em si mesmos, que estejam dispostos a desenvolver suas competências e habilidades – seu capital humano – em consonância com as demandas do mercado. Todos devem ser transformados em empreendedores, em empresários de si mesmos, nos termos como indica Foucault, no Curso “Nascimento da biopolítica”.

O conceito de biopolítica de Michel Foucault, tomado na perspectiva do governo da vida no neoliberalismo, lança uma nova luz sobre os discursos de autoajuda, aqui compreendidos como uma forma de governo de condutas. Tivemos como objetivo central, nesta Dissertação, pensar de que forma a literatura de autoajuda, especificamente aquela produzida por Augusto Cury, funciona como uma forte aliada da produção de capital humano, na área da educação escolar. Dessa maneira, todo o nosso esforço teórico esteve voltado para evidenciar que há, nas obras de Cury analisadas, uma série de técnicas dirigidas para a formação de crianças, pais e professores, em que são explorados os saberes sobre o “eu”. Esses saberes se apresentam muitas vezes como orientações amplas acerca dos mais variados assuntos. No entanto, na análise específica que fizemos de obras de Cury, há um enfoque claro destinado à educação escolar, expresso num conjunto de práticas, tais como aconselhamentos, exercícios, orientações, histórias de pessoas célebres, os quais têm o objetivo visível de estimular o desenvolvimento de disposições e habilidades em consonância com uma visão de vida empreendedora. Foi por essa via que identificamos os vínculos entre biopolítica, autoajuda e educação, na atualidade. Fizemos essas articulações, recorrendo ao conceito de biopolítica em Foucault (2008), sobretudo no modo como ele aparece no curso “Nascimento da biopolítica”, e seguindo autores como Marín-Díaz (2015), Turmina (2014) e Rüdiger (1996), os quais se dedicaram a analisar a autoajuda, no contexto atual.

Nesse sentido, a autoajuda talvez seja hoje uma das práticas mais eficientes de governo das condutas pelo mercado neoliberal e que chega à escola como conselhos práticos, como saberes informais, que podem ser transmitidos e rapidamente aprendidos. Esses discursos, conforme assinala Marín-Días (2015), mobilizam nos indivíduos um saber viver e modos de agir em situações que se apresentam de forma inesperada, no cotidiano escolar ou na vida em geral, as quais demandam dos sujeitos sensibilidade e o controle das emoções. Tais aspectos nem sempre estão presentes no contexto escolar, marcado muitas vezes pela aspereza, pelo abandono do poder público e pelo desinteresse de alunos e professores. Nessa perspectiva, a autoajuda se apresenta como um discurso que se propõe falar à alma de cada um dos atores escolares, na tentativa de convencê-los a mudar suas práticas e comportamentos. Esses discursos chegam às escolas no formato de cursos, seminários, palestras, e se colocam como a novidade que vai modificar a vida das pessoas.

No caso específico das obras de Augusto Cury, como o próprio autor costuma argumentar, há uma defesa clara de que seus livros não são de autoajuda, pois seriam obras de cunho científico baseadas em saberes oriundos do campo da psicologia e da psiquiatria. Não nos ocupamos em analisar em qual limite se situam os escritos de Cury – se científico ou não – mas nos preocupamos em evidenciar que há neles elementos que perfilam com a autoajuda. É um discurso dirigido ao indivíduo com foco claro na motivação e produção de disposições, sentimentos e emoções, visando ao trabalho da autoformação de cada sujeito. Por essa razão, ganha tanta força no contexto escolar, como forma de manter os alunos motivados. Contudo, é também por essa via que as histórias de vida e os conselhos funcionam como orientadores de condutas morais. Desse modo, os autores de autoajuda atuam como assessores pedagógicos (MARÍN-DÍAZ, 2015).

É importante destacar que a autoajuda está em clara sintonia com os discursos pedagógicos que, desde a modernidade, sempre se voltaram para a construção de uma identidade na qual a individualidade e a moralidade sempre estiveram juntas. Estes foram e continuam sendo elementos importantes na construção da governamentalidade liberal e se fazem presentes, de forma mais intensa, no âmbito da racionalidade neoliberal, certamente aqui ampliados pelas novas tecnologias de informação, pelos meios de comunicação, pela propaganda e pelo *marketing*. De toda maneira, o que importa é enfatizar que há, nesse vínculo entre autoajuda e educação, técnicas discursivas que conduzem condutas e que visam à produção de um si mesmo centrada no eu. Esses discursos de autoajuda agenciam modos de vida exercitantes, cujo foco se volta para a transformação de si. É nesse sentido também que

os autores de autoajuda se apresentam como novas *expertises*, como novos pastores, como conselheiros educacionais, cujas funções e papéis devem ser pensados, tendo-se como referência as determinações do próprio mercado econômico. A autoajuda produz processos de subjetivação em que modos de ser, querer e desejar se aliam à lógica da produção e do consumo contemporâneos.

Percorrido todo esse caminho e discussões, podemos considerar que, nesta sociedade caracterizada pela competitividade e exigências, a autoajuda se faz presente no espaço escolar e tem sido muito utilizada para fins pedagógicos. Augusto Cury tem-se apresentado como um dos principais expoentes desse discurso, e suas obras e trabalho têm sido tão disseminados, que escolas têm adotado sua metodologia, *Escola Menthes*, a qual foca no cuidado com o desenvolvimento de emoções.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Tabus acerca do magistério. *In: Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ARNOSTI, Rebeca Possobom. *Da dimensão humana à literatura de autoajuda: reflexões sobre a formação e o trabalho docente*. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, 2015.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- CARLI, Edson; MARQUES, José Roberto. *Coaching de carreira*. São Paulo: Ser Mais, 2012.
- COSTA, Sylvio de Sousa Gadelha. Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo. *Revista Educação e Realidade*, n. 34, p.171-186, maio/ago. 2009.
- CRARY, Jonathan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. Título original: *24/7: Late Capitalism and the Ends of Sleep*. Tradução de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Ubu, 2016.
- CURY, Augusto. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. A educação inteligente: formando jovens pensadores e felizes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- CURY, Augusto. *Seja líder de si mesmo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- CURY, Augusto. *Inteligência Multifocal: análise da construção dos pensamentos e da formação de pensadores*. 8. ed. ver. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CURY, Augusto. *Doze semanas para mudar uma vida*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.
- CURY, Augusto. *Filhos brilhantes, alunos fascinantes*. São Paulo: Academia de Inteligência, 2007.
- CURY, Augusto. *Bons profissionais e excelentes profissionais*. Rio de Janeiro: Pocket Ouro, 2008.
- CURY, Augusto. *O código da inteligência: guia de estudo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2009.
- CURY, Augusto. *A fascinante construção do Eu*. São Paulo: Planeta, 2011.
- CURY, Augusto. *Dez leis para ser feliz*. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.
- CURY, Augusto. *Maria, a maior educadora da história*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

CURY, Augusto. *Pais inteligentes formam sucessores, não herdeiros*. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

CURY, Augusto. *Gestão da emoção: técnicas de coaching emocional para gerenciar a ansiedade, melhorar o desempenho pessoal e profissional e conquistar uma mente livre e criativa*. São Paulo: Saraiva, 2015.

CURY, Augusto. *Do zero ao gênio: o garoto que lutou pelos seus sonhos*. 1. ed. São Paulo: Escola da Inteligência, 2016.

CURY, Augusto. *20 regras de ouro para educar filhos e alunos: como formar mentes brilhantes na era da ansiedade*. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2017.

CURY, Augusto. *Treine seu cérebro para provas*. Rio de Janeiro: Forense. São Paulo: Método, 2018.

DIA DE COACHING com o Dr. Augusto Cury. 2017. Disponível em: <https://www.odiacomaugustocury.com.br/o-evento/>. Acesso em: 28 ago. 2017.

DOLABELA, Fernando. *Pedagogia empreendedora*. São Paulo: Cultura, 2003.

DOOLEY, Robert A.; LEVINSOHN, Stephen H. *Análise do discurso: conceitos básicos em linguística*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DUARTE, André. *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DUARTE, André. Sobre a biopolítica: de Foucault ao século XXI. *Revista Cinética*, 2015. Disponível em: [http://www.revistacinetica.com.br/cep/andre\\_duarte.pdf](http://www.revistacinetica.com.br/cep/andre_duarte.pdf). Acesso em: 10 nov. 2016.

DUARTE, Sirlene. *Prática de subjetivação e construção identitária: o sujeito no entremeio da autoajuda e da ciência*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2008.

ENRENBURG, Alain. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida, SP: Ideias Et Letras, 2010.

ESCOLA DA INTELIGÊNCIA, s/d. Disponível em: [www.escoladainteligencia.com.br/escola-da-inteligencia/](http://www.escoladainteligencia.com.br/escola-da-inteligencia/). Acesso em: 02 nov. 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012 (Coleção Estudos Foucaultianos, 9).

FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução de Andréa Daher; consultoria de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1997.

FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do sujeito*. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1. ed. São Paulo, Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. GADELHA, Sylvio. *Biopolítica, governamentalidade e educação*: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault. 1. reim. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KOHAN, Walter Omar. *Infância*. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. *Autoajuda, educação e práticas de si*: genealogia de uma antropotécnica. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MARTELLI, Carla Giani. *Autoajuda e gestão de negócios*: uma parceria de sucesso. Rio de Janeiro: Azougue, 2006.

MENTHES, Método Augusto Cury, s/d. Disponível em: <https://menthes.com.br/metodo-augusto-cury/>. Acesso em: 10 fev. 2018.

MONTEIRO, Felipe. Desabar e reconstruir. *Revista Segredos da Mente – Mude Seus Hábitos*, Ano 2, n. 2, 2018.

NORMA, Barry. *Gestão de pessoas*. Tradução de Maria Thereza Moss de Abreu. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

PELBART, Peter Pál. Biopolítica. *Sala Preta*, São Paulo, USP, v. 7, n. 1, p. 57-66, 2007. Disponível em: [www.resvistas.usp.br/salapreta](http://www.resvistas.usp.br/salapreta). Acesso em: 10 nov. 2016.

ROSE, Nikolas. *A política da própria vida*: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2013.

RÜDIGER, Francisco. *Literatura de autoajuda e individualismo*: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1996.

SANTOS, Graça. *Coaching educacional*: ideias e estratégias para professores, pais e gestores que querem aumentar seu poder de persuasão e conhecimento. São Paulo: Leader, 2012.

SCHWARTZ, Susana. *Motivação para ensinar e aprender: teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Tradução de Clóvis Marques. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SILVEIRA, Rafael Alcadipani da. *Michel Foucault: poder e análise das organizações*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

SMILES, Samuel. *Ajude-se: os grandes nomes do passado nos mostram exemplos de perseverança*. Tradução de Ligia Romão. São Paulo: Rai, 2012.

SHULTZ, T. W. *O Capital Humano: investimentos em educação e pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

TANUMA, Nelson. *Desenvolvendo o potencial humano*. Osasco, SP: Novo Século, 2007.

TURMINA, Adriana Cláudia. *Autoajuda nas relações de trabalho: formação ou conformação?* São Paulo: SENAC São Paulo, 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. Governamentalidade, neoliberalismo e educação. In: CASTELO BRANCO, Guilherme; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Foucault, filosofia e política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

ZARO, Milton Antonio *et al.* Emergência da Neuroeducação: a hora e a vez da neurociência para agregar valor à pesquisa educacional. *Revista Ciências e Cognição*, v. 15, n. 1, p. 199-210, 2010. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>. Acesso em: 11 nov. 2016.